

**A ANTOLOGIA DE GERALD
KRAAK**

*Perspectivas Africanas sobre Género,
Justiça Social e Sexualidade*

VOLII

A ANTOLOGIA DE GERALD KRAAK:
PERSPECTIVAS AFRICANAS SOBRE O
GÊNERO, JUSTIÇA SOCIAL E
SEXUALIDADE

Como você gosta



Publicado pela primeira vez pela Jacana Media (Pty) Ltd, em parceria com a The Other Foundation, em 2018

10 Orange Street Sunnyside Auckland Park 2092 África do Sul
+2711 628 3200
www.jacana.co.za

© Jacana Media e The Other Foundation, 2018

© Histórias, poemas e fotografias individuais são de responsabilidade de colaboradores individuais

Todos os direitos reservados.

d-PDF ISBN 978-1-4314-2725-3
ePUB ISBN 978-1-4314-2726-0 arquivo mobi ISBN 978-1-4314-2727-7

Design da capa por Shawn Paikin

SUMÁRIO

Prefácio	I
Nota do editor: Travessias.....	VII
Enfrentando o Mediterrâneo Isaac Otidi Amuke	1
Cena do crime Jaco Barnard-Naude e Pierre de Vos	29
Lua cheia Jayne Bauling.....	38
Navegando com “The Argonauts” Efemia Chela	49
Experimentando a vida da princesa enquanto ela se prepara para o Desfile de Pretória Carl Collison.....	59
O futuro de África não tem espaço para homens negros estúpidos <i>Pwaangulongii Dauod</i>	63
6 pensamentos errados sobre ser um refugiado <i>Sarah Lubala</i>	85
Retracto de uma menina no muro da fronteira <i>Sarah Lubala</i>	88
Notas sobre morte negra e elegia <i>Sarah Lubala</i>	91
Assentamentos Humanos <i>Tshepiso Mabula ka Ndongeni</i>	94
Emprestado pelo vento <i>David Medalha</i>	97

O príncipe do karité Chiké Frankie Edozien.....	117
O homem na ponte Kiproop Kimutai.....	130
Visitas ao site <i>Bem-vindo Lishivha</i>	147
Na cadeia <i>Thandokuhle Mngqibisa</i>	165
Coisas que te farão ser espancado numa casa negra <i>Thandokuhle Mngqibisa</i>	148
Afogamento <i>Thandokuhle Mngqibisa</i>	169
“A perversão não é minha” <i>Siphumeze Khundayi</i> <i>e Tiffany Mugo</i>	170
XXYX África <i>Nick Hadikwa Mwaluko</i>	179
Somos queer, estamos aqui <i>Chibuihè Obi</i>	190
Reivindicação <i>Hapuya Ononime</i>	199
Ensaio fotográficos	206
<i>Biografias</i>	230

Prefácio

EM MEMÓRIA RESISTIMOS, APESAR DE.

O contar histórias sobre nós e deixa-las vibrarem para lá do acto da simples fala, é deixar que o nos atravessa enquanto corpos marginalizados transborde.

Para além de ser um livro que nos alimenta o coração por falar das nossas vivências e nos inquietar por a sabermos tão bem, na pele, este livro é antes de tudo, um acto de memória.

A memória que aqui é tentada só acontece no próprio processo de rituais de criação de novos saberes. É na preservação dessa memória do quem somos, dos nossos percursos que permanece a nossa resistência.

É sem dúvida alguma um acto de rebeldia contra um sistema que tanto nos tenta eliminar, talvez aqui nas palavras de Jota Mombaça¹ seja ideal dizermos “NÃO VÃO NOS MATAR

1 Jota Mombaça (Natal, 1991), ou Monstra Errátik e Mc K-trina,[1] é escritora e artista visual brasileira que trabalha em torno das relações entre monstrosidade e humanidade, estudos cuir, diáspora, violência e resiliência, justiça anticolonial, ficção visionária e tensões entre arte e política nas produções de

AGORA” em voz alta e fincar pé que esses saberes que criamos ao contarmos a nossa história são disrupções necessárias a um sistema que cria apenas um determinado tipo de conhecimento como sendo “o verdadeiro”.

Essa é a recusa a que sejamos mortos no percorrer do registo do tempo. Por isso, as histórias aqui partilhadas se tornam o baú necessário que precisávamos para falar de nós. Nós como sujeitos e não objecto.

Escrever-nos é porquanto o acto mais subversivo que temos enquanto comunidade. Podermos voltar a esse baú através de antologias como estas, ajudam-nos a permanecer. A sustentar a nossa existência embora que ainda em formato de resistência apesar de tudo o que nos acontece.

É impossível não pensarmos na importância de desobediências como estas. A revolução ainda não chegou, mas à porta já nos chegam esses grandes pequenos transformares que nos alimentam o pensar futuro.

Desobedecer fazendo da escrita o lugar de existência. Sujeitos de existir em resistência apesar de paridos em momentos de dor, morte, preconceito, da negação que sobre nós recai. Por isso, dar-nos a permissão em escrevermo-nos é validação que validamos rompe contra uma autorização imposta por um sistema que se diz desconhecer dos nosso corpos e vivências.

Ainda mais, quando esse memorizar é feito na língua em que a falamos. Isso é certamente um dizer em voz alta “vão nos ouvir”. Traduzir antologias destas para português, ainda mais

conhecimentos do Sul-do-Sul globalizado. Em 2019 lançou a sua colectânea de textos “Não vão nos matar agora” publicada pela EGEAC, em Lisboa, Portugal

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jota_Momba%C3%A7a

em português, é permitir que histórias que nos são comuns a todos, todas e todas, naveguem na correnteza para que percebamos que de solitário a nossa vivência nada tem.

Falarmo-nos em línguas nossas.

Num contexto regional em que representatividade linguística no mundo Queer ainda é uma batalha, seja pela escassez de tradutores e interpretes de língua portuguesa em espaços de activismo Queer, seja pela escassez do conhecimento do inglês nos países africanos de língua portuguesa, seja simplesmente porque somos diversidade e até isso se deve honrar, incluindo na língua. A verdade, é que as nossas políticas de representatividade pela linguagem limitam também a existência do contar a nossa história e da presença da experiência Queer em países de expressão portuguesa.

Esta tradução é então um acto de memória que nos reúne.

Deixo por segundos uma reflexão momentânea para reuniões de amanhã - embora que ainda sem data de encontro - talvez a aguardar um futuro que se avizinha. Que nos questionemos também que saberes são esses que criamos como parte da nossa memória colectiva? Que cuidados temos tido para não fazer desses saberes um possível lugar de refúgio de continuidade das autorizações vigentes?

A verdade é que esses contares histórias nos remontam a memória necessária para que não nos esqueçamos, mas esse relembrar deve se contextualizar e não ser uma exigência de uma bagagem colonial. Que ao nos traduzirmos tenhamos em mente que quem fala aqui somos nós e que neste português habitamos muitos e na diferença de entoação teremos de nos manter fiéis. Que o compromisso de nos auto validarmos a nos escrevermos honre o movimento própria da nossa língua, e a falemos tal como ela é, das suas entoações, transformações e

sonoridade, sem que o português da autorização vigente se molde, mais uma vez como a nossa verdadeira fala.

Aliás, traçamos ainda caminhos de memória face ao trauma que nos habita.

Ao contarmo-nos apesar de tudo permitimos transitar os nossos corpos fora do que já nos foi carimbado: o outro.

O traduzir experiências Queer africanas, o garantir que mais histórias do que é uma vivência Queer africana estejam em português é preservar uma memória de uma comunidade apesar de tudo.

É na encruzilhada da nossa memória colectiva, que o restauro de histórias inviabilizadas, não contadas por um esquecimento propositado, me parece cada vez mais ser um acto revolucionário de resistência. Um de muitos, certamente!

Que existem várias formas de preservar a memória isso já o sabemos, mas esta - o de nos escrevermos pela fala das nossas experiências - é certamente uma das melhores, respondendo talvez à pergunta de Spivak “pode o subalterno, falar?”².

Sim, podemos nos falar em quantas maneiras nos for possível!

2 Gayatri Chakravorty Spivak FBA (nascida em 24 de fevereiro de 1942) é uma estudiosa indiana, teórica literária e crítica feminista. Ela é professora universitária na Universidade de Columbia e membro fundadora do Instituto de Literatura Comparada e Sociedade do estabelecimento. Uma das suas análises mais conhecidas é “Pode o subalterno falar?” Recentemente traduzida para português pela editora Orfeu negro com o título “Pode a subalterna tomar a palavra?”

https://en.wikipedia.org/wiki/Gayatri_Chakravorty_Spivak

Existem parte desta memória colectiva que ainda não as conseguimos descortinar na totalidade. Estão num embrulho da ferida aberta ainda por explorara, mas jamais esquecida.

Mas a produção da nossa narrativa, de sonhos poéticos e realidades vividas será forma de não nos escondermos, é um acto de rebeldia, esse contra a ficção do que chamamos deste mundo.

Desobedecemos e nos tornamos também quem gera história. Quem conta! Quem fala!

Transbordemos as nossas histórias para uma história colectiva que nos retém como sujeitos, desta vez.

–Pamina Sebastião

Nota do editor

Travessias

ESTE ANO A ANTOLOGIA CRESCER consideravelmente – quase dobrando no tamanho. Essas histórias ocupam espaço, elas são grandes, pesadas, pesadas e sólidas. Essas histórias não pedem desculpas. As frases que você encontrará nestas páginas não têm medo. Elas passam do brutal e sangrento ao melódico e lírico. Elas são crocantes e controladas e, de repente, derretem; docemente, sedutoramente.

Há romance, risos e marcas agrídoces de oportunidades perdidas e batalhas duramente vencidas. As páginas deste livro são adornadas com parágrafos que se estendem indefinidamente e com poemas que imploram para continuar. Eles brilham com a linguagem e brilham com palavras cuja beleza reside na recusa em serem traduzidas do pidgin, do igbo e do kalenjin. Esta colecção é estranha e é feita de carvão e poeira e é de diamantes e por isso é africana.

As palavras que você lerá nesta colecção espalham-se com uma certeza desconcertante, percorrendo as páginas como se

não tivessem fim. Existem contos que poderiam ser livros e ensaios cuja contagem de palavras tivemos que limitar apenas por causa dos aspectos práticos de imprimir uma obra que deve chegar às lojas e depois às mãos e depois às prateleiras das casas onde será amado, lido e examinado, lido novamente e disputado e feito companheiro, como se não fossem palavras, mas músicas de um álbum favorito. Os poemas desta colecção são uma mixtape – escritos para serem lidos e também para serem falados em voz alta por amigos e amantes. As fotos são retratos de pessoas e comunidades que muitas vezes estão sob pressão, mas que se recusam a ser fragmentadas. Eles também são uma música.

Este ano, nesta colecção você encontrará histórias cujos personagens poderiam falar para sempre, cujos enredos giram e giram, cuja sutileza faz você prender a respiração.

As histórias desta colecção ocupam espaço e não lamentam. Os jurados deste ano seleccionaram trabalhos que gostámos: trabalhos engraçados e evocativos e, às vezes, simples e bonitos, mas sempre políticos. Não tínhamos um tema ou foco abrangente. Mas quando a escrita é baseada na política, os temas não se conseguem evitar: eles explodem, borbulham e transbordam, falando uns com os outros através de poemas e chamando uns aos outros por meio de ensaios e esbarrando uns nos outros em frases analisadas de maneiras diferentes, mas semelhantes, no entanto, em fotos que se espelham.

E assim, mesmo com o peso e a determinação de serem grandes e para ocupar espaço, cada uma das histórias desta colecção é, no fundo, sobre as maneiras pelas quais as pessoas queer cruzam fronteiras e entram em territórios. São sobre as

maneiras pelas quais queers são viajantes e as mulheres que não se enquadram nos moldes são transgressoras. A colecção nos lembra que a sobrevivência exige um imperativo de se mover ou morrer. Na verdade, muitas das histórias que seleccionámos são sobre a compulsão de morrer – a escolha de atravessar para o reino da morte em vez de viver através do desrespeito, do escárnio e da negação.

Num continente onde a sua homossexualidade, a sua feminilidade ou a sua recusa em se conformar às normas de género farão com que você seja expulso de casa ou da cidade, as travessias catalogadas neste livro não são simplesmente metafóricas – são devastadoramente reais. Então, reunimos histórias de pessoas queer que estão se movimentando, atravessando, viajando, sempre viajando. A colecção contém submissões de alguns dos melhores e mais recentes escritores que o continente tem para oferecer. Há também nesta colecção peças de activistas que estão profundamente investidos em ideias que mudarão as conversas sobre mulheres e homens, homossexualidade e cultura. Os ensaios fotográficos foram produzidos por mulheres e pessoas queer que olham para as suas comunidades com graça, inteligência e compaixão. Acima de tudo, este livro ostenta a abundância de riqueza intelectual que este continente tem para oferecer.

Finalmente, seria tolice terminar esta introdução sem dar uma ideia do que está dentro. Este ano, para além do vencedor global do prémio – “O futuro de África não tem lugar para homens negros estúpidos”, de Pwaangulongii Dauod, reconhecemos três selecções altamente elogiadas nas

categorias de Fotografia, Ficção e Poesia. Kiproop Kimutai e Sarah Lubala, respectivamente, são reconhecidas como selecções altamente elogiadas em suas áreas.

Cada uma destas peças, à sua maneira, corporiza as viagens e travessias que unem esta colecção.

Desde o irritado, o triste ao confrontantemente triunfante, em “O futuro de África não tem lugar para homens negros estúpidos”, Dauod pinta o retracto de uma comunidade que se recusa a depender de ideias externas sobre si mesma. Cruzar essa linha – para a autodefinição – é uma fonte de enorme orgulho, ao mesmo tempo que sinaliza uma sentença de morte para aqueles que ousam insistir nisso

“Não somos uma teoria nem um movimento. Somos espaço aberto: o mais novo género de África. Somos os desempregados, os dissidentes, os técnicos, os pan-africanistas, os designers, etc., que surgem no século XXI, nos nossos diferentes cantos, para desafiar a noção secular de que à África pensa pouco, negocea mal e é ainda pior a comprar ... Os afro-modernos sabem o mau desempenho dos seus antepassados ingênuo no passado e agora recusam-se a lamentar isso.”

Em “O homem na ponte”, de Kiproop Kimutai (selecção de ficção altamente elogiada), o parágrafo de abertura não é nada senão comovente.

Logo após a Ponte Riaku, num local onde as árvores se

reuniam à noite, Kwambai viu o brilho nos olhos de um homem e parou o carro. Saindo, ele olhou para a escuridão. Já era tarde, então a maioria dos homens já tinha ido embora, deixando para trás apenas os mais determinados. O homem estava apoiado nos trilhos da ponte, as mãos enfiadas nas calças apertados, como se a noite fosse sua.

Da “Ponte” de Kimutai, passamos para o poema de Sarah Lubala (selecção de poesia altamente elogiada), “Retractus de uma garota fronteiriça”. As palavras de Lubala têm um lirismo assombroso, fazendo perguntas que exigem respostas e, no entanto, para as quais nunca poderá haver respostas:

Diga-me

onde coloco ela?

essa garota pressionada contra a fronteira essa garota

engolindo seus papéis inteira essa garota chorando através de um muro

Nas páginas desta antologia – como na vida – viajar é muitas vezes uma capitulação ou uma escolha que não é escolha alguma – apenas um último recurso esgotado. No entanto, repetidamente os peregrinos que povoam estas páginas estão empenhados no trabalho da esperança. Muitas vezes, viajar é na verdade uma decisão, uma escolha sem escolha, uma tentativa sagrada de encontrar a liberdade e a comunidade do outro lado de uma ponte, de uma cerca e, sim, até da moralidade.

–Sisonke Msimang

Voltado para o Mediterrâneo³



ISAAC OTIDI AMUKE

NAS ÚLTIMAS CINCO DÉCADAS, QUÊNIA e UGANDA firmaram um pacto não oficial de fornecer uma passagem para os fugitivos uns dos outros. Isto começou com a derrubada de Milton Obote por Idi Amin em 1971, que viu um êxodo em massa de ugandenses para o Quênia e outras partes do mundo. O outro êxodo em massa aconteceu em 1986. O segundo governo Milton Obote foi derrubado pelo Brigadeiro Bazilio Olara-Okello e pelo General Tito Okello. Após o caos pós-golpe, o Exército de Resistência Nacional (NRA), liderado por Yoweri Museveni, tomou o poder. Alguns dizem que naquela época tudo o que era necessário para que um Langi ou um Acholi – as duas comunidades étnicas consideradas os principais apoiantes de Obote – obtivessem asilo no Reino Unido era dinheiro para uma passagem aérea para Londres. As figuras da oposição queniana também sempre se infiltraram no Uganda quando as coisas ficaram irritadas, um exemplo foi Raila Odinga, que fugiu para a Noruega através de Uganda.

³ Publicado anteriormente pela Commonwealth Writers em 27 de julho de 2015, <http://www.commonwealthwriters.org/facing-the-mediterranean/>

Hoje a história é diferente.

Não há tomada militar no Uganda e Kampala não caiu. No entanto, há um número crescente de refugiados ugandeses e requerentes de asilo no Quênia. Estes ugandeses em particular, principalmente na faixa dos 20 anos, dizem que estão a fugir de casa por causa da sua sexualidade e de quem escolhem amar.

Tudo começou no início de 2011, quando um grupo de ugandeses que viajava para um destino desconhecido foi interceptado pela polícia queniana na cidade de Lodwar, no norte do Quênia. No interrogatório, o grupo disse à polícia que eram lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais em busca de asilo no Uganda, escapando da perseguição no seu país. Eles estavam a caminho de buscar refúgio no campo de refugiados de Kakuma, não muito longe de Lodwar. Neste ponto, a polícia não sabia o que fazer com eles.

Eles fizeram um telefonema.

“Ray⁴, venha ver o seu povo.”

Ray rapidamente entendeu o que o policial queria dizer com “seu povo”. Ray trabalhou para uma organização que apoia refugiados LGBTI e requerentes de asilo tanto em Lodwar como em Kakuma. Ele estava habituado a lidar com quenianos, mas nunca tinha interagido com requerentes de asilo ugandeses antes. Este foi o primeiro grupo de LGBTI ugandeses a chegar a Kakuma. Hoje, quatro anos depois, mais de 200 requerentes de asilo ugandeses passaram por Kakuma, na esperança de que também tenham sorte e sejam

⁴ Os nomes dos indivíduos foram alterados para proteger sua privacidade.

reassentados.

Tendo tido uma ideia da situação na minha base em Nairobi, fiquei curioso para compreender como é que estes jovens LGBTI ugandeses se viram obrigados a fugir para a fronteira e para fora do seu país. Queria ver o que tinha mudado tanto no Uganda em geral como no interior das burocracias responsáveis pela sua passagem segura nos anos desde então. Passei pouco menos de duas semanas viajando entre Kampala e Nairóbi, tendo conversas de uma hora em horários diferentes com um mínimo de dez indivíduos – incluindo refugiados e requerentes de asilo em Nairobi, refugiados reassentados na Europa e na América, líderes do movimento LGBTI em ambos os lados da fronteira, funcionários do ACNUR e representantes das suas organizações parceiras, advogados e académicos de direitos humanos. No final, não houve respostas fáceis às questões que levantei, uma constatação com a qual quase todas as pessoas com quem falei concordaram.

COMO O TEMPO (PARTE 1)

Conversas em Kampala

Do lado de fora da boate, um grupo de homens vestidos para um desfile de moda está em cortejo – um deles vestido com meia-calça cor-de-rosa gritante está exibindo-se para cima e para baixo na calçada. Dentro do clube, um senhor idoso está sentado no balcão principal. Amantes de meia-idade, sentados em bancos compridos, inclinam-se para alcançar seus parceiros. Os foliões mais jovens são os mais inquietos, manobrando pela pista de dança com estilo e deixando um rastro persistente de perfumes e colônias. Nessa cena, como diz a música, “a idade não passa de um número”.

Na semana em que estive em Kampala, todos me disseram que tenho que visitar este lugar em particular no domingo à noite. Eles me disseram que é onde verei o que eles têm dito sobre viver como lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros ou intersexuais em Uganda. A questão desta boate é que todos os domingos à noite, os LGBTI de Uganda se reúnem aqui e fazem uma festa como nenhuma outra.

E é precisamente isto que têm dito: Embora a sociedade do Uganda – como em muitos outros países africanos – discrimine os homossexuais, a vida aqui não é horrível. Na verdade, existe até uma cena gay. Esta noite Sandra Ntebi me levará à uma festa. Sandra é presidente do Comitê de Segurança Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais, uma organização guarda-chuva que lida com questões de segurança de LGBTI ugandenses em todo o país, sejam eles afiliados a alguma organização ou não. Sandra me disse que a razão pela qual ela concordou em vir

comigo é porque ela quer me mostrar um lado de Uganda sobre o qual as pessoas raramente falam, o lado onde lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais, ugandeses de todo o espectro social divertem-se sem olhar por cima dos ombros para ver quem está a assistir.

Uma vez dentro da boate, Sandra acompanha-me. Vemos rapazes e moças se beijando com os seus parceiros do mesmo sexo e dançando de forma erótica no colo uns aos outros. Sandra continua a me perguntar se o que estou a ver está de acordo com a narrativa de que todos os LGBTI de Uganda estão se escondendo porque é impossível viver no país.

“Você acredita que este é o mesmo assunto de que as pessoas no Uganda continuam a falar?”

Sandra e eu assistimos a uma briga entre dois cavalheiros. Um deles está a desafiar o outro – aparentemente seu parceiro:

“Por que você foi para o Quênia? Por quê? Por que você foi para o Quênia? Foi pela excitação?”

Durante a minha estadia no Uganda, aprendi rapidamente que o que se diz nas ruas é – e já há algum tempo – que uma boa história sobre perseguição baseada na sexualidade de alguém pode traduzir-se numa passagem para a Europa ou para a América. Disseram-me que esta situação uma vez levou a que um autocarro cheio de ugandeses chegasse a Nairobi, todos os seus passageiros alegando serem requerentes de asilo LGBTI.

Enquanto Sandra e eu tomamos as nossas bebidas em Kampala, mais de 200 ugandenses já estão registados tanto pelo Alto Comando das Nações Unidas, Comissário para Refugiados e o Departamento de Assuntos de Refugiados (DRA) do governo queniano como refugiados e requerentes de asilo por motivo de perseguição devido à sua orientação sexual. A maioria destes requerentes pode contar com a reinstalação do ACNUR em países terceiros. Agora, tanto o ACNUR como as suas organizações parceiras de implementação levantaram uma bandeira vermelha de que existe uma possibilidade real de que o processo de asilo esteja a ser abusado por alguns ugandeses, dados os números inesperados que atravessam a fronteira para o Quénia.

De acordo com documentos oficiais do ACNUR,⁵ a actual crise começou em 2014, quando um grupo de fugitivos do Uganda apareceu no ACNUR em Nairobi e no campo de refugiados de Kakuma, no norte do Quénia. Todos procuravam asilo, citando a aprovação da Lei Anti-Homossexualidade⁶ no Uganda como uma das razões para

⁵ Em janeiro de 2015, o ACNUR enviou às suas organizações ONG parceiras um documento intitulado “As 5 Mensagens Principais Atualizadas do ACNUR para 2015” detalhando as suas posições de cinco pontos sobre questões-chave que afectam os refugiados LGBTI e os requerentes de asilo no Quénia, com especial atenção para os ugandeses e para a forma como a organização decidiu lidar com o seu número de casos.

⁶ A Lei Anti-Homossexualidade de Uganda – que criminalizou as relações entre pessoas do mesmo sexo e propôs prisão perpétua e penas para indivíduos, empresas, meios de comunicação/outras organizações

temer pela sua segurança. Vendo que estavam a lidar com um grupo pequeno e administrável e sabendo do elevado risco que corriam num país estrangeiro onde a homossexualidade também é criminalizada, o ACNUR acelerou o número de casos do grupo, dando-lhes prioridade em todos os seus processos. Isto incluiu a prestação de apoio financeiro – que se somou ao apoio psicossocial dado a todos os refugiados. O ACNUR trabalhou arduamente para facilitar a rápida reinstalação em países terceiros deste grupo específico de ugandeses, garantindo ainda mais a sua segurança.

O erro cometido pelo ACNUR, ao que parece, foi imaginar que se tratava de um grupo isolado de ugandeses e que não haveria mais a chegar. Estas ações iniciais, por mais nobres que fossem, voltaram a assombrar o ACNUR e os seus parceiros.

que apoiam pessoas homossexuais– foi aprovado em dezembro de 2013 pelo parlamento do Uganda. A lei foi anulada pelo Tribunal Constitucional do Uganda em agosto de 2014.

Não demorou muito para que chegasse a Kampala a notícia de que havia uma passagem para a Europa ou para a América se alguém se apresentasse ao ACNUR em Nairobi ou Kakuma alegando perseguição baseada na sexualidade. Foi dito que haveria até assistência financeira enquanto se aguardava o reassentamento. Foi assim que, a partir de finais de 2014, o ACNUR começou a pagar o preço pela sua conveniência anterior.

Agora, os ugandeses chegavam semana sim, semana não, alegando perseguição por causa da sua sexualidade. Com o tempo, não era inédito alguém atravessar a fronteira para o Quênia, registrar-se como refugiado ou requerente de asilo antes de regressar furtivamente ao Uganda. Depois, poderia regressar a Nairobi todos os meses para receber a bolsa mensal do ACNUR, mas continuar a viver no Uganda enquanto aguardava o reassentamento.

Com estes desenvolvimentos, o ACNUR decidiu desligar a tomada priorizando o número de casos LGBTI do Uganda. Não haveria mais assistência financeira e o número de casos seguiria o procedimento normal do ACNUR, sem isenções. O efeito disto, claro, foi que os verdadeiros refugiados LGBTI e requerentes de asilo já não podiam ter a tão necessária protecção. A menos que alguém tivesse uma emergência médica urgente ou uma condição semelhante de risco de vida, o ACNUR já não abria excepções para ninguém relacionado com qualquer assunto.

No entanto, a realidade é, obviamente, que a homofobia está viva e bem, tanto no Uganda como nos campos de

refugiados, e que a repressão teve algumas consequências não intencionais – embora facilmente previsíveis.

A título de exemplo, vale a pena examinar um e-mail confidencial que recebi e fui capaz de examinar. Datado de março de 2015, foi enviado por um funcionário de uma instituição de caridade cristã que trabalha no campo de refugiados de Kakuma e dirigido a um alto funcionário do ACNUR em Nairobi, com cópia para vários outros funcionários. A mensagem abordava a questão de três requerentes de asilo (LGBTI). Tinham chegado a um campo de refugiados no norte do Quênia no início de março. Desde a sua chegada, eles dormiam no chão do centro de recepção do ACNUR, onde ficam todos os recém-chegados ao campo até que o ACNUR processe as suas informações e os admita no campo.

O e-mail informava que os três indivíduos não haviam recebido nenhum alimento. Quando o autor do e-mail perguntou a um funcionário do ACNUR sobre isso, o funcionário disse que não era responsável pela situação. Para piorar, quando os três saíram em busca de alimentos da comunidade sul-sudanesa do campo – que é uma das maiores comunidades de Kakuma – regressaram e encontraram todos os seus pertences desaparecidos.

Não vendo qualquer melhoria no seu estado, decidiram caminhar até Nairobi, mas foram interceptados pelo ACNUR e após a intervenção de uma organização mencionada no e-mail apenas pelas suas iniciais, URM, foram levados de volta

para um local de detenção perto do campo.

A autora do e-mail finalizou apelando aos seus destinatários para que tomassem medidas: os três ugandenses ainda não tinham sido registados pelo ACNUR e não tinham o que ela chamou de capacidade de “sobrevivência básica”, na medida em que ainda não recebiam alimentos porque não tinham sido cadastrados. O argumento final do e-mail baseava-se no facto de os três também terem ficado sem dinheiro, depois de terem usado o único dinheiro que tinham para comprar comida.

O e-mail indicava que os ugandeses tinham perdido o seu estatuto, quer se culpe ou não os oportunistas que fingem perseguição, a falta de urgência por parte do ACNUR ou a inadequação de fundos e instalações para sustentar um número cada vez maior de refugiados e requerentes de asilo. Seja qual for a causa, estas são agora as circunstâncias enfrentadas pelos LGBTI do Uganda que escapam à perseguição. O seu sofrimento foi aparentemente aumentado pela desconfiança que o ACNUR desenvolveu relativamente ao número de ugandeses que chegavam, e há a crença entre estes refugiados de que, mesmo que o caso de alguém mereça prioridade, poderá demorar mais tempo do que o esperado para ser processado. Os ugandeses esperam que o ACNUR reverta a sua posição dura, enquanto o ACNUR espera que os ugandeses ajustem as suas expectativas de acordo com os procedimentos do ACNUR. Parece que os dois estão a espera para ver quem cederá primeiro.

Quando conheci Sandra tivemos uma longa conversa sobre a situação do movimento LGBTI em Uganda e o nível de risco

enfrentado pela pessoa gay média no país, ela assumiu uma posição surpreendentemente categórica. Não era algo que eu esperava. Vivo no Quênia e tinha conhecimento de que várias organizações em Nairobi, incluindo o ACNUR, tinham registado uma escalada dramática no número de ugandeses que chegavam ao Quênia alegando perseguição devido à sua sexualidade. Tive a forte impressão de que o Uganda era completamente inseguro para as pessoas LGBTI.

“Uganda não é o pior lugar para se viver como gay”, disse Sandra. Sandra sublinhou que aqueles que vivem abertamente como membros do movimento LGBTI do Uganda podem muitas vezes fazê-lo porque têm uma quantidade relativa de privilégios. Eles estão mais seguros fisicamente devido aos bairros onde vivem, aos empregos que ocupam, às famílias de onde vêm, às amizades e redes sociais que mantêm, os lugares que escolhem para sair e assim por diante.

“Temos casos genuínos que precisam de assistência, mas todos não podem agora dizer que ser gay no Uganda é uma sentença de morte automática. Sou um ugandês orgulhoso. Eu amo o meu país. Eu voto. Eu pago imposto. Eu vivo como qualquer outro ugandês. Temos os nossos desafios como país. Mas Uganda não é o pior lugar para se viver, seja alguém gay ou não”, disse Sandra. Alguns dias depois, procurei Richard Lusimbo, gestor de investigação e documentação da Sexual Minorities Uganda (SMUG), a organização LGBTI do Uganda. Contei a ele sobre as minhas escapadas de domingo à noite, pedindo-lhe que me esclarecesse como os gays do Uganda costumam sair à noite num local conhecido, sem que ninguém apareça e os jogue em caminhões da polícia.

Richard disse-me que o movimento LGBTI do Uganda construiu progressivamente capital político e, como tal, foram feitas concessões em alguns locais para que coisas como a noite de domingo acontecessem. As concessões são feitas nos bastidores, disse ele, porque, no final das contas, os gays ugandenses são cidadãos ugandenses que podem ser ouvidos em qualquer cargo. Não que as coisas sejam sempre tranquilas. Ele tinha acabado de regressar de Mbarara, no oeste do Uganda, onde um grupo de nove homens tinha sido preso por suspeita de serem homossexuais. Eles foram exibidos e ridicularizados e, enquanto estavam sob custódia policial, foram submetidos à força a testes de VIH/SIDA e a testes anais obrigatórios – supostamente para confirmar se eram gays.

É assim que as coisas fluem no Uganda. O cenário pode mudar rapidamente da festa de domingo à noite para o relatório de violações na manhã de terça-feira.

Richard disse-me que era lamentável que hordas de ugandenses estivessem a fugir para o Quênia e a ter de suportar condições deploráveis. Ele e o seu colega bombeiro Douglas Mawidra, responsável pelos direitos humanos do SMUG, acreditam firmemente que nenhum ugandês deveria ter de fugir de casa por causa da sua sexualidade. Lusimbo destacou que a SMUG (como organização guarda-chuva LGBTI) nunca sugeriu que alguém deveria deixar o país; prioriza soluções locais, combatendo a homofobia e construindo sistemas para tornar os LGBTI ugandenses seguros.

Tanto Lusimbo como Mawidra disseram-me que aqueles

que optam por fugir fazem-no por sua própria vontade, sem a necessidade de qualquer organização, uma vez que o pedido de asilo é um processo legal que pode ser prosseguido por qualquer indivíduo que acredite estar a enfrentar perseguição. O SMUG, no entanto, respondeu ao êxodo crescente desenvolvendo um plano de emergência serviço de resposta que permite atender chamadas de socorro de qualquer lugar do país em 24 horas. Isto é, em parte, uma resposta à impressão criada, entre reivindicações crescentes de perseguição e provas de migração, de que não existem intervenções locais abrangentes no Uganda para ajudar os necessitados.

* * *

Estou a tentar resolver o conflito na minha mente, comparando a festa de domingo à noite com os relatos de assédio de terça-feira de manhã em Mbarara, e encontro-me entre duas realidades convincentes. Por um lado, há indivíduos que podem festejar na discoteca de Kampala e, por outro lado, há homens perseguidos pela mera sugestão de que possam ser gays. Coloquei o meu dilema ao Lusimbo. Ele respondeu citando o Dr. Frank Mugisha, director executivo do SMUG – que estava fora do país quando visitei: “Uganda é como o clima. Hoje pode estar ensolarado. Amanhã pode ser chuvoso. Você nunca poderá dizer. Decidi que precisava de mais respostas.

NÃO POSSO VOLTAR (PARTE 2)

Conversando com dois refugiados de Uganda

Para Wilberforce⁷ – um refugiado gay do Uganda – a reinstalação não poderia ter acontecido mais cedo.

O parceiro de Wilberforce veio visitá-lo no seu apartamento, como sempre fazia. Assim que os dois se acomodaram, ouviram uma batida na porta e abriram-na para encontrar o irmão de seu parceiro, que trabalhava para os militares de Uganda. Como o resto da família, o irmão não aprovava o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Ele os rastreou até a casa de Wilberforce, onde acreditava que os dois passaram um tempo cultivando o seu relacionamento secreto.

Ao entrar na casa, atacou Wilberforce e começou a espancá-lo. Quando o seu parceiro tentou intervir, ele também recebeu uma surra – pior do que a que havia sido infligida a Wilberforce. A sua cabeça foi esmagada com força contra o chão de concreto. Quando a situação foi contida e o irmão contido por Wilberforce, já era tarde demais. O parceiro de Wilberforce tinha sofrido ferimentos internos na cabeça que resultaram numa hemorragia cerebral fatal. Wilberforce quase desmaiou ao narrar isso para mim ao telefone.

O pai de Wilberforce o deserdou após o incidente, dizendo-lhe que ele não era mais seu filho e pedindo-lhe que nunca mantivesse contacto com a sua família. O decreto de seu pai veio após a publicação de nomes de ugandenses gays por um importante tablóide. Ele havia escapado da rede dos Site de fofocas, mas as pessoas ao seu redor começaram a suspeitar

⁷ Os nomes dos indivíduos foram alterados para proteger sua privacidade.

que ele e o seu amante estavam a ter um relacionamento. Depois que o irmão do seu amante o atacou, Wilberforce não teve onde se esconder.

Abandonou a sua vida confortável em Kampala e fugiu para Nairobi. Uma vez em Nairobi, Wilberforce contactou o ACNUR, que o aconselhou a encontrar o caminho para o campo de refugiados de Kakuma. Ele pegou um autocarro de Nairobi para Eldoret, uma cidade no Vale do Rift, no Quênia. De lá, ele pegou um segundo autocarro para Kitale e já eram 2 da manhã quando iniciou a próxima viagem para Lodwar, no árido norte do Quênia, antes da viagem final de quatro horas para Kakuma. Aqui ele conheceu outros ugandeses que fugiam da perseguição. Isto fez de Wilberforce parte do primeiro grupo de ugandeses que chegou ao Quênia em 2011 e cujo número de casos foi priorizado e acelerado pelo ACNUR.

Um jovem graduado pela Universidade Makerere viveu dois anos e meio no campo de refugiados de Kakuma, no semi-deserto do norte do Quênia. Quando a vida se tornou insuportável – como ele diz que acontece para todos no campo e especialmente para os refugiados gays e transexuais e os requerentes de asilo – Wilberforce consideraria partir para vir viver em Nairobi. Mas optou por permanecer, pois em Nairobi estaria sozinho, sem apoio directo do ACNUR. Kakuma foi um inferno, diz ele, mas pelo menos o ACNUR esteve presente, fornecendo tendas, cuidados básicos de saúde e alimentos. Wilberforce diz que havia muito poucos ugandeses naqueles primeiros dias, todos eles viviam numa área fechada que os tornava solitários e vulneráveis aos outros

grupos no campo. No entanto, Wilberforce é de facto muito solidário com a situação dos refugiados LGBTI de outros países. Ele diz que os refugiados somalis enfrentaram as piores formas de assédio e discriminação graças à hostilidade da sua comunidade em relação à homossexualidade. A situação piorou porque não puderam deixar Kakuma e vir para Nairobi, temendo o assédio policial, uma vez que todos os refugiados somalis são agora suspeitos de terrorismo.

E tal como os burundeses, os congolese e os etíopes, o outro grande desafio para os somalis era o seu domínio inadequado de línguas para além dos seus dialectos locais, tornando quase impossível para eles conseguir emprego dentro do campo.

Os ugandenses que falavam inglês foram contratados para leccionar nas escolas locais do campo. Isso, diz Wilberforce, tornou as coisas um pouco melhores para eles.

Eventualmente, ele foi levado para a casa de trânsito da Organização Internacional de Migrações (OIM) em Nairóbi. Ele diz que quando chegou aqui não foi autorizado a sair até que chegasse a hora de ser levado ao aeroporto. Tudo foi feito para ele – “Você é atendido”, diz ele. A casa de trânsito em Nairóbi tinha camas, como um alojamento, e Wilberforce ficou lá por dois dias antes de ser levado ao aeroporto. Lá, enquanto esperava para embarcar no seu vôo, ao lado de outros refugiados que faziam a viagem, Wilberforce recebeu lanches com os quais só poderia ter sonhado em Kakuma.

A sensação de alívio de Wilberforce é palpável ao telefone, mesmo um ano depois, a milhares de quilômetros de distância, onde ele está a começar uma nova vida.

Pergunto a Wilberforce como é estar num novo país, longe das dificuldades de Kakuma, e agora ele não consegue falar. Ele tenta pronunciar palavras, mas elas são engolidas por suspiros enormes.

“É um grande alívio,” ele finalmente diz. “É um grande alívio.”

Em março de 2015, quase um ano depois de Wilberforce ter começado a sua nova vida num novo país, um grupo de refugiados e requerentes de asilo LGBTI do Uganda apareceu no escritório do ACNUR em Nairobi, em Waiyaki Way, em Westlands. Eles trouxeram consigo um memorando de exigências, dizendo aos funcionários do ACNUR que não desocupariam as instalações a menos que as suas exigências fossem atendidas. Quando o ACNUR não cedeu, os ugandenses trouxeram cobertores e passaram a noite ao ar livre, no frio. No dia seguinte, a polícia queniana foi chamada. Os refugiados ugandenses dizem que foram maltratados tanto pela polícia como pelos seguranças do ACNUR, que tentavam forçá-los a abandonar as instalações.

No seu memorando detalhado, os ugandeses alegaram que o governo queniano os informou que não se qualificavam para asilo e que só lhes estava a ser concedido o estatuto de refugiado por motivos “excepcionais”. Isto, disseram eles, acontecia porque o estado queniano confiava que o ACNUR os tiraria rapidamente do país assim que recebessem o estatuto de refugiado, uma vez que a homossexualidade é ilegal no Quênia.

Por outras palavras, os ugandeses alegavam que o estado queniano só lhes concedia o estatuto de refugiados enquanto

o ACNUR reassentasse todos eles rápida e automaticamente.

Entre as coisas que o ACNUR disse aos ugandeses⁸ estava que a reinstalação em países terceiros não estava garantida e, mesmo que acontecesse, levaria mais tempo do que se imaginava – até três anos – uma vez que uma série de entrevistas tiveram de ser realizadas em diferentes fases. O reassentamento não era um direito, mas um privilégio. A outra informação comovente, especialmente para os ugandeses recém-chegados, era que o intervalo entre as nomeações sucessivas para a determinação do estatuto de refugiado e outros procedimentos do ACNUR iria demorar meses, devido ao que o ACNUR chamou de falta de capacidade. Não haveria qualquer assistência financeira, uma vez que a maioria dos ugandeses já tinha sobrevivido ao período de três meses durante o qual o ACNUR apoia os recém-chegados.

Christopher,⁹ um dos refugiados ugandeses que vivem em Nairobi (para onde migrou depois de a vida em Kakuma se ter tornado insuportável) afirma que o ACNUR está a implicar com os ugandeses, e de forma injusta. Ele disse-me que o ACNUR, por meio da Sociedade Hebraica de Ajuda aos Imigrantes (HIAS) do Quênia,

A ONG parceira de implementação prometeu-lhes um subsídio mensal de 6 000 Ksh cada, enquanto estivessem em Nairobi. Christopher já havia trabalhado como professor, ganhando 5.800 Ksh por mês, antes de perder o emprego

⁸ Isto foi parcialmente contido em “As 5 Mensagens Principais Atualizadas do ACNUR de 2015”.

⁹ Os nomes foram alterados para proteger sua privacidade

devido a uma polêmica sobre a sua sexualidade. A nova bolsa foi introduzida depois que ele foi considerado parte de um grupo de risco, impossibilitado de trabalhar. Mas depois de receber o dinheiro durante alguns meses, foi-lhes dito que cada um deveria apresentar uma proposta comercial ao ACNUR, que seria financiada com 20 000 Ksh. Christopher diz que isto era impraticável, uma vez que nem todos os fugitivos do Uganda têm uma mentalidade empresarial.

“E se o negócio fracassar? De trezentos, dez podem ter sucesso. Então o que acontece com o resto? Voltarão a receber os 6 000 ou será o fim do caminho?” ele pergunta.

Sobre o protesto no ACNUR em Nairóbi, do qual fez parte, Christopher não pede desculpas.

“Vinte de nós decidimos que iríamos dormir no ACNUR. Outros ficaram com medo. Dormimos lá. O ACNUR pediu os nossos números de arquivo. O homem que os levou não voltou. Nós estávamos com fome. Não tínhamos transporte para voltar para casa. Disseram-nos para voltar ao HIAS e fazer uma avaliação. Dissemos a eles que já havíamos feito nossas avaliações. Então dormimos no ACNUR. O ACNUR só age quando você os pressiona. Da outra vez, as pessoas escreveram para Genebra. Foi assim que as coisas começaram a andar. Deveríamos escrever novamente para Genebra ou esperar por Obama?” ele pergunta.

Mas esse não é o fim da batalha entre o ACNUR e os ugandeses.

Parte de um documento do ACNUR¹⁰ pede aos ugandeses, como a todos os cidadãos urbanos refugiados, a serem discretos e a não estragarem o seu disfarce de refugiados LGBTI e requerentes de asilo. Mas Christopher sente que o ACNUR se tornou pouco razoável, dizendo que lhes pediu para não terem relações sexuais com ninguém fora do grupo de ugandeses, porque se o fizessem estariam a expor-se a riscos.

«É natural ter sentimentos», diz ele, «não importa se alguém é queniano, ugandês ou somali. É normal sentir-se atraído por alguém. E se me sinto atraído por alguém e tenho coragem de me aproximar, então o farei. Não compreendo como o ACNUR pode dizer que não o devo fazer quando estarei em Nairobi durante os próximos dois anos. Ou devo viver uma vida confinada?», ele pergunta.

Então, aos prantos, Christopher conta-me uma parte da sua história que ele diz não ter usado no seu pedido de asilo porque pode não ser politicamente correcto ou sexy o suficiente para que lhe seja concedido o status de refugiado. A sua mãe era muçulmana quando se casou com o seu pai cristão e acabou se convertendo ao cristianismo. Anos depois, quando a sua família soube que Christopher era gay, culparam a sua mãe. Eles argumentaram que a orientação sexual supostamente desviante do seu filho era uma punição por ela ter abandonado o Islã. O atrito resultante prejudicou tanto o

¹⁰ Isto está parcialmente contido em “As 5 Mensagens Principais Atualizadas do ACNUR para 2015”.

casamento dos seus pais, diz ele, que eles eventualmente se separaram.

Christopher ainda se culpa pelo divórcio dos pais.

A mãe de Christopher casou-se novamente e teve mais filhos – suas irmãs mais novas. Por um breve período, a vida pareceu agradável mais uma vez. O seu padrasto mandou-o a ele e às suas irmãs para a melhor escola que o dinheiro podia comprar em Kampala, e a sua mãe parecia feliz novamente.

Este breve período de calma foi quebrado quando o padrasto de Christopher faleceu, deixando a família no limbo.

Com pouco mais de 25 anos e estando no Quênia há quatro anos a tentar prosseguir a sua reinstalação, Christopher considera-se “um fracasso total”.

As lágrimas fluem livremente quando Christopher fala sobre as suas irmãs ficarem sem comida e a sua mãe ser uma pária. Ele diz-me que se culpa por colocar a mãe no estado actual, por arruinar o casamento dela com o pai e por não estar em condições de apoiá-la agora que ela é viúva.

Ele enxuga as lágrimas e diz-me que não pode voltar para Uganda neste estado de mãos vazias.

ENFRENTANDO O MEDITERRÂNEO (PARTE 3)

Conversas no Quênia

Aos olhos de alguns, a situação das pessoas LGBTI em Kampala deteriorou-se de facto. O primeiro sinal de deterioração ocorreu quando os principais portais de notícias locais publicaram os nomes de ugandenses suspeitos de serem gays. A divulgação dos portais de notícias colocou em risco a vida dos mencionados, fazendo com que alguns abandonassem o Uganda e procurassem asilo noutra local. Logo após o escândalo dos portais de notícias, a Lei Anti-Homossexualidade (2014) foi aprovada, criminalizando as relações entre pessoas do mesmo sexo. A lei incluía prisão perpétua e penas para indivíduos, empresas, meios de comunicação/outras organizações que apoiassem os homossexuais. Embora tenha sido posteriormente anulado pelos tribunais, criou um ambiente de ódio. A Lei gerou uma atmosfera de medo e insegurança para as minorias sexuais graças às tensões políticas levantadas tanto dentro como fora do Uganda, e não é coincidência que tenha sido em 2014 – após a aprovação da lei – que o número de ugandeses que atravessam para O Quênia aumentou acentuadamente.

O ACNUR salienta que existem 13 milhões de refugiados espalhados por todo o mundo – mais de 586 000 no Quênia em maio de 2015 – e que apenas 100 000 da população mundial de refugiados podem ser reinstalados anualmente,

apenas 7–8%.¹¹

De acordo com Eva Camps, oficial sênior de protecção do ACNUR baseada em Nairobi, alguém deve ter enganado os refugiados ugandenses e os requerentes de asilo em Nairobi, que agora exigem assistência financeira. E o acompanhamento rápido do seu reassentamento, que eles deveriam saber que não é garantido.

Ela reitera os procedimentos do ACNUR – dos quais, segundo ela, os ugandeses foram informados repetidamente. A procura de asilo é uma viagem longa e tediosa.

O ACNUR está sujeito a regras e procedimentos dentro dos quais deve operar – independentemente do facto de terem sido abertas excepções para as chegadas anteriores do Uganda. A mesma mensagem é reforçada por George Onyore, um jurista da HIAS Quênia. George diz que há centenas de outros refugiados urbanos vulneráveis e requerentes de asilo, além dos ugandenses. Incluem menores desacompanhados, doentes terminais, idosos e assim por diante. Por esta razão, diz ele, os escassos recursos partilhados entre o HIAS e o ACNUR têm de ser usados com moderação.

A HIAS faz uma avaliação contínua das necessidades de todos os refugiados e requerentes de asilo. Com base nesta avaliação, é prestada assistência específica às pessoas mais necessitadas. Ele reitera: a assistência geral não pode ser estendida aos ugandeses.

Rachel Levitan, vice-presidente associada de Programas

¹¹ Dados fornecidos por Eva Camps, Oficial Sênior de Protecção do ACNUR, Nairobi.

Globais, Estratégia e Planejamento da HIAS, trabalha na questão dos refugiados LGBTI e requerentes de asilo há quase sete anos. Ela sublinha o ponto que outros defenderam, que a proteção, assistência e ajuda aos refugiados não são processos simples. Ela observa que estas questões foram ainda mais complicadas pelos fluxos inesperadamente elevados de refugiados dos últimos cinco anos.

Além disso, ela diz que, no caso do Quênia, a concessão de asilo é atrasada devido ao aumento das preocupações de segurança – o contexto mais amplo do Al-Shabaab e de outros grupos terroristas. Além da necessidade urgente de fundos para proteger todos os refugiados em risco, incluindo os requerentes de asilo LGBTI, Levitan diz que há sempre necessidade de salvaguardar tanto os refugiados como os requerentes de asilo, juntamente com as suas comunidades de acolhimento, para dissipar tensões e incidentes inevitáveis entre os dois.

Para Eric Gitari, diretor executivo da Comissão Nacional dos Direitos Humanos de Gays e Lésbicas do Quênia (NGLHRC), a situação enfrentada pelos ugandeses é terrível. No entanto, ele diz que, a menos que os ugandeses compreendam a situação que enfrentam, não será fácil resgatá-los. Quaisquer que sejam as deficiências do ACNUR, diz ele, no final das contas, os ugandeses têm de trabalhar em estreita colaboração com quem quer que esteja a tentar ajudá-los.

Ele diz que o movimento LGBTI queniano desempenha um papel duplo como parceiro do ACNUR e como apoio aos ugandeses. Às vezes, defendem os ugandeses, pressionando o

seu caso junto do ACNUR; por vezes, jogam ao lado do ACNUR ao reiterar as suas posições aos ugandeses. Embora seja tentador ver os requerentes de asilo como impacientes e com direitos, a sua situação tem raízes estruturais reais. Um relatório, de Yiftach Millo, intitulado “Invisível na cidade: lacunas de protecção enfrentadas por refugiados de minorias sexuais e requerentes de asilo nas áreas urbanas do Equador, Gana, Israel e Quênia,” salienta que as necessidades dos requerentes de asilo LGBTI são muitas vezes invisíveis porque é quase impossível para que eles quantifiquem o seu nível exacto de necessidade urgente.

O relatório argumenta: “Embora o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) tenha feito progressos significativos na sua sede e em algumas operações nacionais para proteger os refugiados de minorias sexuais, a protecção no terreno continua extremamente limitada. A sua protecção é afectada por um equívoco geral de falta de necessidade e urgência resultante da “invisibilidade” da sua situação.

Adrian Jjuuko, director executivo da Fundação de Conscientização e Promoção dos Direitos Humanos (HRAPF) – a principal organização de litígios LGBTI em Uganda – diz que a maioria dos requerentes de asilo e refugiados LGBTI de Uganda tem dificuldade em quantificar e depois qualificar o que é considerado perseguição.

Isto ocorre porque a perseguição é uma experiência profundamente pessoal e, por vezes, o que é considerado perseguição na vida de um indivíduo pode não ser válido quando este é sujeito a rigores legais. Isto levou a que muitos

fugitivos falsificassem documentos, incluindo mandados de detenção, que, quando encaminhados para a sua organização para verificação, eram frequentemente considerados falsos. Isto não significa que o fugitivo que utilizou documentos falsos nunca tenha sido perseguido, significa apenas que a sua verdadeira história de perseguição pode não ser electrizante, e por isso procuram narrativas alternativas.

Alguns refugiados LGBTI e requerentes de asilo do Uganda sentem-se confortáveis em contar os seus segredos à Dra. Stella Nyanzi, do Instituto Makerere de Investigação Social (MISR), da Universidade Makerere, a quem chamam simplesmente de Mama Stella. Dr. Nyanzi diz que as coisas ficam difíceis, especialmente para as mulheres trans. Elas dizem a ela que querem ir ao mercado comprar uma saia, mas isso é impossível de fazer no Quênia, porque como você experimenta a saia? Então elas fazem isso quando voltam furtivamente para Uganda. Em Uganda, elas sabem o que fazer. Da mesma forma, elas voltarão furtivamente para Uganda para tentar encontrar trabalho porque ganhar a vida no Quênia é mais difícil para elas do que em Kampala – ou porque a comida que podem comprar no Quênia é terrível. Às vezes, diz ela, ter aquela saia pode significar sentir-se digna. Esses são os detalhes que passam despercebidos; que as burocracias não podem verdadeiramente “ver”.

Entretanto, muitos ugandeses permanecem escondidos nos bairros de lata de Nairobi, onde vivem ilegalmente. O governo queniano ordenou recentemente que todos os refugiados urbanos se deslocassem para campos de refugiados devido à suspeita de que refugiados somalis estivessem a abrigar

membros do Al-Shabaab. O ACNUR afirma que isto cria uma situação de segurança precária. Existem mais de 52 000 refugiados e requerentes de asilo que residem actualmente em Nairobi.

Na manhã de 19 de abril de 2015, o mundo acordou com a notícia da morte no mar de mais de 700 africanos cujo navio naufragou no largo da costa da Líbia. Eles estavam a caminho da Europa. No Twitter, um usuário perguntou: “Como você enfrenta o Mediterrâneo e ainda decide seguir em frente?” África foi sua hashtag preferida.

Poderíamos perguntar o mesmo aos ugandenses.

Porque é que vivem em condições deploráveis em campos de refugiados, sabendo que a reinstalação não está garantida ou que, se acontecer, poderá demorar até três anos? Porque é que se espremam em cubículos nos bairros de lata de Nairobi, à espera de dinheiro para sobreviver, quando não há garantias de que ele chegará? Por que escolhem enfrentar o seu Mediterrâneo particular?

No caso do Uganda as respostas são complexas. Parece que muitos na sociedade tolerarão as pessoas LGBTI, mas não as deixarão viver tão livremente quanto necessitam. É óbvio que as pessoas LGBTI em Kampala que vi dançando e festejando na minha primeira noite conseguiram fazê-lo porque são ricas e protegidas ou porque dominam um método para manobrar na sociedade homofóbica. Por outro lado, quem corre muitas vezes o faz depois de ter ficado traumatizado ou porque, como salientou Stella Nyanzi, não consegue manter a cabeça erguida com dignidade.

No final, talvez ninguém capte melhor a sua situação do

que a poetisa somali Warsan Shire no seu poema “Home”.

Aqueles que podem dar-se ao luxo de ficar podem não compreender completamente que, por para alguns, partir parece uma questão de vida ou morte. Ao mesmo tempo, aqueles que partem podem não compreender porque é que os seus colegas da comunidade optam por ficar. E no meio de tudo isto, o ACNUR, as ONGs e o complexo sistema concebido para facilitar o asilo estão claramente a lutar para compreender que muitas coisas podem ser verdade ao mesmo tempo; que, na verdade, o lar pode tolerá-lo, mas se também o forçar a negociar a sua humanidade plena, então você preferirá viver no limbo, num acampamento em algum lugar, resistindo ao que é possível.

Cena do crime



JACO BARNARD-NAUDE &
PIERRE DE VOS

*Esta peça performática para duas vozes foi escrita por Pierre de Vos e Jaco-Barnard-Naude como uma obra criativa de não ficção, específica do local, apresentada nas ruínas de Graaff's Pool em Sea Point, Cidade do Cabo, num dia frio de 2016. Fazia parte da programação do simpósio *Queer in Africa: The Cape Town Pergunta*. Os autores abordam questões de raça, gênero e espaço(s) queer na Cidade do Cabo contemporânea. Dialogicamente, a peça é uma continuação de um texto anterior que foi apresentado numa conferência em Estocolmo, Suécia e posteriormente publicado como “Barnard-Naudé e De Vos (2014)” “These queer gardens: a South African story”, *Acta Acadêmica*, 46(3): 134–150.*

Cena: Graaff's Pool, Sea Point Promenade, Cidade do Cabo.
As vozes 1 e 2 estão sentadas em cadeiras de acampamento.

1. ANTI-SOCIAL

Voz 1

[olhando para a meia distância]:

...como dizia em Estocolmo da última vez quando falámos de Koos Prinsloo: a relação erótica queer na sua obra está sempre próxima da morte, do moribundo, do cadáver. Quero dizer, é quase óbvio demais chamar um livro de Slag plaas e tudo mais. E depois há a própria história do Slag plaas, porra, se alguma vez existiu uma história de sexo e morte...

[Enquanto ele/ela muda para a Voz 2]:

Você descreveu o livro como “um volume de contos sobre SIDA, sexo, solidão, o funcionamento opressivo do poder heterossexual e branco na África do Sul do apartheid e a luta com o pai real e simbólico.” A luta, então, com as figuras e figurações da morte. Porque não é preciso ter lido Lacan para saber que o único pai bom é um pai morto.

[Ficando agitado]:

Parece anti-social, não é? Mas não esqueçamos que, para Freud, a sociedade como tal é constituída não apenas na morte pacífica do pai, mas através do seu assassinato violento (alguns diriam bárbaro). Não admira que Walter Benjamin pensasse que não existe documento de cultura que não seja ao mesmo tempo um documento de barbárie. Então, voltando a Prinsloo, você não concorda que seu trabalho realmente equivale a uma profunda desestabilização desses opostos metafísicos fáceis – vida/morte, humano/animal, sociedade/barbárie? Penso que Koos Prinsloo, escrevendo nos anos 80 do apartheid, estava bem à frente da “tese anti-social”

de Lee Edelman, que se tornou tão em voga na teoria queer americana.

É verdade que Edelman agitou explicitamente para que os corpos queer abraçassem a pulsão de morte, para se subtraírem radicalmente da ordem social e política, para foderem com todos e foderem com tudo, porque o político é constitutivamente (e para ele inescapavelmente) a ordem da compulsão heteronormativa. Mas não é exactamente isso que os personagens promíscuos de Prinsloo representam repetidamente? Para Edelman, a heteronormatividade constitutiva é exemplificada no que ele chama de “futurismo reprodutivo” - a ideia de que a sociedade e a política já são sempre heteronormativas, porque se preocupam com o futuro-come-reprodução de si mesmo, com as crianças (sofrer as crianças...) e, portanto, com a vida. E penso que o mesmo acontece com Prinsloo – ele não está interessado num futuro como uma reprodução do Mesmo.

[Em rolo / estridente]:

Tenho minhas reservas em relação à versão da teoria queer de Edelman, assim como tenho minhas reservas em relação a Prinsloo. Edelman parece muito com um homem americano branco e privilegiado em busca de um apoio antipolítico (e, portanto, político) para a resignação apática e o gozo ilimitado da subjectividade capitalista tardia. Então, tentar ser “radical” e, ao mesmo tempo, também “cool” – a patologia do “comer o bolo” (quase disse outra coisa) e do “comê-lo” do sujeito millennial.

[De repente, inseguro / hesitante]:

Mas aqui estamos nós, em 2018, em África, na Cidade do

Cabo, a falar novamente sobre queer, colocando um sugestivo ponto de interrogação atrás de “África Queer?” Parece-me que aqui o queer está ligado à morte de maneira muito diferente. Ou é? Não esqueçamos que é na mesma América da tese anti-social que um homem armado ainda entra num clube queer e massacra 49 pessoas – anti-social de facto. E isso parece muito próximo de casa, na verdade, a apenas alguns quarteirões daqui, apenas alguns anos atrás, quando homens armados entraram na sala de massagens de Sizzler e executaram nove pessoas... Isso foi em 2003, mas não é como se a vida queer tivesse se tornado qualquer coisa desde então. menos precário: David Olyn, Eudy Simelane, preciso continuar?

Trazê-lo ainda mais perto de casa? Há a história sobre você, M, outra boate e, bem, uma espécie de morte... Ou estou a ser muito mórbido aqui esta manhã no Graaff's Pool, onde os fantasmas da vida, do amor, da saudade e do prazer parecem flutuar, despreocupado, no sopro do mar?

2. ANTI-RETROVIRAL

Voz 2

[quase melancólico]:

Ag, como você sabe, a história de M foi (ou é – talvez M e eu ainda não tenhamos escrito as últimas páginas desta narrativa) uma história muito sul-africana, sobre raça (como todas as histórias sul-africanas, de uma forma ou de outra, sempre são), e humilhação e, talvez, também uma afirmação de vida, uma história escrita contra o espectro da morte. Mas que parte da história ousou contar?

Alguma parte disso é minha para contar? Ou devo deixar isso para M, que permaneceu em grande parte em silêncio durante tudo isso? Como sempre, o problema do poder – quem fala, quem é ouvido e com que fim – apresenta-se, como Michel Foucault nos teria lembrado, se ainda estivesse vivo. O mesmo Foucault que teria dito no hospital, enquanto estava deitado no leito de morte, devastado pela SIDA: “Você sempre pensa que num certo tipo de situação você encontrará algo a dizer sobre isso, e agora acontece que não há nada a dizer afinal.”¹²

Mas não estou a morrer. Ou, talvez, eu esteja a morrer lentamente, como todos nós estamos desde o momento em que nascemos. Isto, quase certamente só estou a dizer porque encontrei recentemente Michel de Montaigne e esta frase capturou-me: “Filosofar é aprender a morrer”? Ele vai mais

¹² A. Ryan 'A vida e os tempos difíceis de Foucault' The New York Review of Books, 8 de abril de 1993, p. 17, citando o livro levemente ficcional de Hervé Guibert intitulado *Ao amigo que não salvou minha vida* (Quarteto, 1991).

longe. Ele diz: “Para começar a privar a morte da sua maior vantagem sobre nós, adotemos um caminho limpo e contrário ao comum; privemos a morte da sua estranheza, frequentemo-la, habituemo-nos a ela; não tenhamos mais em mente nada do que a morte... Não sabemos onde a morte nos espera: então esperemos por ela em todos os lugares.... Praticar a morte é praticar a liberdade. Um homem que aprendeu a morrer desaprendeu a ser escravo.”

[animando-se, momentaneamente]:

E então, tenho muito a dizer, não tanto sobre a morte, mas sobre a vida. Não tanto sobre o assassinato no Sizzler's que aconteceu num ano ao qual voltaremos mais tarde. Mas sobre este passeio que temos diante de nós, com os seus jovens musculados a jogar futebol na relva, as famílias que vêm de longe para fazer piqueniques, os amantes dançando jazz perto do quiosque de gelados durante os meses de verão. E as memórias de um homem ferido caminhando para cima e para baixo neste caminho, bem aqui na nossa frente.

A história é assim:

O homem está sentado no cadeirão da sala da frente da casa que divide com M em Sea Point. O homem enxuga nervosamente o sono dos olhos. Ou talvez ele esteja apenas mexendo as mãos porque está ansioso com o que está por vir. O cheiro desagradável do seu mais recente ataque de diarreia permanece nas suas pontas dos dedos. Ele se pergunta se M consegue sentir o cheiro desagradável de onde está, sentado no braço da cadeira mais próxima da porta, pronto para fugir para a liberdade. M está a usar as Havaianas amarelas e verdes que o homem trouxe de uma recente viagem à América do Sul.

M tem o hábito de colocar a mão na frente da boca quando ri para esconder os dentes. Às vezes, lança os olhos para o chão de uma maneira que sugere uma dor imensa e silenciosa que permanece em grande parte incompreensível para o homem - mais uma divisão que parece impossível de atravessar. M não está com vontade de rir esta manhã. A sua perna esquerda balança para cima e para baixo enquanto ele fala. “Não posso continuar assim,” diz M, “por causa do que você fez comigo. Por causa de tudo. O vírus que corre pelo sangue do homem permanece tácito. Também não ditos – mas sempre presentes na sala – os actos com outros homens, os actos que o contagiaram (talvez tenha sido com o salvadorenho nos banhos turcos de Milão que pulou depois que ele chegou e começou a chorar porque na sala ao lado a televisão – que normalmente mostra homens transando das formas mais bizarras – estava voltada para o noticiário onde acabava de ser anunciado que o Papa havia morrido?).

M olha pela janela em direcção à árvore de frangipani em plena floração, parecendo perplexo e preso, mas de alguma forma ainda demonstrando estoicismo e invulnerabilidade. Talvez ele não esteja olhando para o frangipani, mas para alguma outra coisa – talvez para os vizinhos brancos, apenas visíveis através do muro de segurança, vagando pelo seu pequeno jardim, talvez.

Ou para a mulher negra de uniforme (do tipo que os brancos ricos fazem os seus empregados usarem) empurrando uma criança branca num carrinho de bebê? De qualquer forma, M definitivamente não está a olhar nos olhos do homem quando

ele fala. “Eu tenho que ir”, ele diz. Não há lágrimas. O homem salta do cadeirão e passa a correr por M. “Desculpe”, ele diz, e depois corre para o banheiro. É a diarreia – ainda mais do que o coração – que o impulsiona.

[Pausa – uma lágrima enxugada com as costas da mão; A voz I quebra o contacto visual e levanta-se da cadeira. Ele começa a se afastar]:

Quando a casa é entregue aos agentes imobiliários todos os domingos, o homem já não corre para a casa de banho para cagar: medicamentos anti-retrovirais. Em vez de lidar com o agente indescritível, o homem vagueia confuso pelo passeio. Ele escolhe a sua própria vergonha nessas caminhadas. Sempre volta para casa com apenas uma vaga lembrança das tardes. O gosto do arrependimento enche a sua boca. A casa está silenciosa e vazia. A placa “Vende-se” no portão da frente conta a sua própria história. Os galhos grossos e nus do frangipani lançam sombras melancólicas sobre o alpendre.

[Saia de ambos.]

3. O NOME DO LUGAR ERA CAPRICE!

Voz 1

[entra lendo O Flâneur: Um passeio pelos paradoxos de Paris, de Edmund White]:

Imagine morrer e ser grato por ter ido para o céu, até que um dia (ou um século) você percebe que o seu humor principal era a melancolia, embora você estivesse constantemente convencido de que a felicidade estava logo ali na próxima esquina.”¹³

[Olhando para longe novamente, como se estivesse se lembrando de algo; deixa cair o livro que ficará no chão, soprando no vento, pelo resto da cena]:

Foi numa daquelas tardes de sexta-feira perfeitas, sem vento, preguiçosas e ensolaradas em Camps Bay – uma daquelas tardes para as quais os turistas ocidentais embarcam nos aviões, o que estão dispostos a comprar com moeda forte. Em alguns sectores da sociedade da Cidade do Cabo foi o que é conhecido como uma tarde “laaifstaail”.

Foi numa tarde dessas que ele me contou. Não que eu não suspeitasse que algo estava errado. Mas eu estava sedutoramente fascinado pelos preparativos do casamento, absorto no narcisismo de saber que seria um dos primeiros “moffies” na África do Sul a se casar. E assim, embora eu me perguntasse momentaneamente o que estava a acontecer,

¹³ E. White, *O Flâneur: um passeio pelos paradoxos de Paris* (Bloomsbury, 2001), pág. 50.

não atendi o telefone. Às vezes ainda me culpo por isso.
[Acende um cigarro enquanto a Voz 2 entra; continua agora
abordando a Voz 2]:

Quando você e M chegaram à fazenda naquele dia para as comemorações do casamento, percebi que vocês estavam inquietos. Seus movimentos e seus sorrisos eram forçados, às vezes até rígidos. Após a cerimônia você me parabenizou com lágrimas nos olhos. Em algum lugar há uma fotografia sua olhando para a pista de dança...

Oh, quão bem conheço essas sombras melancólicas. Padre Freud quer que saibamos que a melancolia é a ressurreição íntima do objecto amoroso morto dentro do ego. É a recusa/incapacidade de retirar a libido do perdido. Pensando nisso agora, será herético dizer que vieste ao meu casamento com a morte ao teu lado, disfarçada num elegante traje de vida?

[Passa os cigarros para a Voz 2, que também acende]

Aquela tarde em Camps Bay estava predominantemente azul. Apesar dos coquetéis coloridos que bebemos um após o outro, sentados no bar da calçada, observando a confusão barulhenta de europeus obesos que esbarravam nos chineses da Kodak, evitando os dançarinos Zulus, que batiam os pés sob as altas palmeiras.

Você contou-me entre o segundo e o terceiro daiquiri de morango, depois que eu lhe contei sobre a minha deliciosa lua de mel. Primeiro foi o diagnóstico, depois a reação de M. Você contou-me sobre os sintomas, sobre como você pensou que estava a morrer antes das drogas fazerem efeito, sobre

como no espelho do banheiro você encarou a morte repetidamente, apenas para ser atingido por um abandono da vida vindo de outro canto da casa.

[Apaga o cigarro, tira os óculos e começa a enxugá-los na camisa]:

Nosso amigo da Austrália, psicanalista de crianças, uma vez contou-me algo que me prendeu. Eu estava a contar a ela sobre o meu trauma de infância, minha juventude morta por um pai alcoólatra e uma mãe que respondeu a anos de abuso com uma psicose impenetrável, sobre viver de manteiga de amendoim com pão branco do governo, sobre não ter dinheiro para comprar roupas.

Ela ouviu em silêncio a minha reclamação, que também foi apresentada como uma espécie de explicação. Então ela disse: “Você já pensou no que significa ter sobrevivido?” Naquele momento, algo mudou em mim. Até então, sempre acreditei de alguma forma, que havia morrido na juventude, que algo em mim havia sido irremediavelmente perdido e que nunca poderia ser recuperado; que aquela coisa era eu, na verdade.

Depois daquela revelação, depois que ela falou aquelas palavras, acho que comecei a chorar pela primeira vez, o que significa que percebi que não estava morto e que algo realmente estava perdido para sempre, mas que esse algo não era eu.

[Entra na Voz 2 e eles começam a sair juntos]:

Isso aconteceu muito depois da tarde em Camps Bay, quando

você me contou o que eu não sabia. Naquela tarde, fiquei sem palavras. Eu disse algo inconsequente, algo mecânico. Meu rosto tentou não me denunciar. Tentei não reagir como se você tivesse acabado de me informar que foi condenado à prisão perpétua. Foi extremamente difícil. Ainda não tenho certeza do que meu rosto conseguiu transmitir.

Nada fazia sentido e eu não esperava que fizesse isso há algum tempo. Mesmo assim, quando levantei os olhos da mistura vermelha no meu copo, notei a placa na parede. O nome do lugar onde estávamos sentados era “Caprice!”
[Saída].

4. “NÃO ESTÁ CERTO, MAS ESTÁ BEM”

Voz 2

[cantando junto com o hit de Gloria Gaynor “I will survival”, tocava numa coluna bluetooth]:

... as long as I know how to love, I know I’ll stay alive...

“enquanto eu souber amar, sei que continuarei vivo”.

[A música desaparece quando a Voz 1 entra usando um boá de penas, como se tivesse acabado de voltar de uma festa; A voz 2 continua].

Quantos garotos eu beijei no Bronx que não era tão longe daqui, enquanto essa mesma música tocava e um ou outro jovem sem camisa girava em volta do poste fixado no balcão do bar? A música ressoa porque sempre se supôs que, como homossexuais, provavelmente não sobreviveríamos? Ou que não deveríamos sobreviver?

Mas alguns de nós não sobrevivem. A história de quem vive e de quem morre, de quem é lembrado e de quem é esquecido muito antes de morrer, também vale a pena ser contada, não acha? É possível recontar fragmentos – apenas parcialmente lembrados e parcialmente compreendidos – de uma dessas vidas aqui? Talvez? Então outra história. Uma coisa que nunca contei a ninguém antes. A história de R.

[Voz 1 e Voz 2 voltam a sentar-se nas cadeiras de acampamento; A voz 2 continua].

O homem conheceu R no passeio muitos anos antes de iniciar um relacionamento com M, muito antes de os medicamentos

anti-retrovirais comecem a salvar vidas. Deve ter sido uma linda noite de verão porque R estava vestindo um short branco justo e tekkies brancos e uma camiseta branca com as palavras: “Não está certo, mas está tudo bem” impressas em grandes letras pretas na frente. R era alto e magro, com grandes olhos castanhos escuros e um par de fileiras perfeitamente retas de dentes brancos. Ele estava conversando com seu amigo um pouco gordinho quando o homem o viu. R gesticulava loucamente com as mãos e – muito antes de Ru-Paul tornar o termo famoso – dançava ao longo do calçadão. Exuberante e brincalhão, como se estivesse provocando carinhosamente o amigo sobre alguma coisa.

O homem pode ter alegado que estava passeando com o cachorro quando conheceu R, aqui mesmo no calçadão. Mas isso não seria verdade. O homem nunca teve um cachorro. Foi numa época em que o passeio ainda era um local movimentado de cruzeiro. Muito antes de a Câmara Municipal embarcar na sua própria versão da Operação Murambatsvina – uma frase de outro contexto que ficou presa porque todos os que não importam não importam da mesma forma. Ser chamado de lixo – quer você seja pobre nas ruas de Harare ou gay nas ruas da Cidade do Cabo, é ser considerado subumano. Antes de a Câmara Municipal decidir atacar os moffies, as trabalhadoras do sexo e outros elementos indesejáveis (uma frase de código para negros e pobres; para ambos?) nesta área da cidade, muito antes de o muro em torno de Graaff's Pool ser demolido, aparentemente para proteger a segurança dos turistas que começaram a chegar em massa da Europa e da América, e também, certamente, para aumentar o valor das

propriedades dos proprietários, na sua maioria brancos, em Sea Point.

Não, o homem não estava passeando com o cachorro. Ele havia saído recentemente do armário e ouvido dizer que era possível encontrar homens no calçadão. O homem começou tarde e aos 31 anos – quase todos celibatários – ele tinha muito sexo para conversar. R, ainda gesticulando, chamou sua atenção e segurou-o por apenas um segundo a mais, depois diminuiu o ritmo e, quando o homem sorriu timidamente, separou-se do amigo para se apresentar. Muitos anos depois, o homem não consegue se lembrar dos detalhes do que aconteceu a seguir, exceto que durante a conversa que se seguiu, R em algum momento estendeu a mão e tocou o braço do homem. Um gesto tranquilizador. Até gentil. Mas também um pouco sexy. Ele deve ter notado que o homem estava nervoso e prestes a fugir. Mais tarde, de volta ao apartamento de Vredehoek, sentado ainda completamente vestido no colchão do seu quarto (não havia cama, apenas o colchão que o homem – embaraçosamente – achou um tanto boêmio), R riu e disse: “Você está tão assustado, hei. Você nunca transou com um homem antes?” Na comunidade conservadora de onde o homem veio, a palavra “foda-se” era usada apenas como uma ameaça – “Foda-se” ou “Eu vou te foder” – nunca como uma descrição de desejo ou prazer.

R, vendo a expressão de espanto no rosto do homem, sorriu. “Você é adorável”, ele riu, antes de se inclinar para beijar o homem na boca.

Mais tarde, ainda nu na cama, R contou ao homem sobre si mesmo. Ele cresceu em Hanover Park. Seu pai era uma

espécie de pastor, mas ele ganhava a vida trabalhando como empacotador em uma fábrica de sorvetes. “O jirre, n man van God”, R sussurrou e riu, enquanto traçava distraidamente padrões invisíveis com o dedo médio no torso suado e sem pelos do homem. R costumava cantar no coral da igreja – “Eu costumava canalizar minha Whitney Houston interior naquele coral”, disse R. “Você pode ouvir o evangelho em todas as suas canções.” Ele costumava ser próximo do pai, disse R. Costumava sentar no colo dele, brincar com seu cabelo e conversar sobre seu dia na Hanover Park High School, até o dia em que ele tinha 16 anos e disse ao pai que gostava de meninos. Disseram-lhe para sair de casa. — Não é uma grande cena — sussurrou R. “Papai ficou quieto e duro e me disse para ir embora.” R ficou na casa de uma tia em Grassy Park por mais dois anos, até escrever matrícula. Então ele se mudou para a casa de um amigo na cidade. O amigo trabalhava como recepcionista no teatro Labia. “Adora moffies, ei”, R sorriu. “Ela salvou minha vida.” Agora, disse R, ele trabalhava na cidade, no departamento de roupas masculinas da Edgars. R riu de novo, mas foi uma risada indiferente. Seu humor ficou triste e ele não olhou o homem nos olhos. “Não há universidade para mim”, disse ele. — Não como você, Sr. Inteligente. Ele se inclinou e beijou o homem, como se quisesse apagar essas últimas palavras.

O homem viu R intermitentemente nos meses seguintes. R ligava do nada e marcava reuniões. R nunca deu seu número de telefone – se é que tinha – ao homem e eles só se conheceram quando R quis se encontrar. Quando o homem perguntou por que ele não conseguia contatá-lo, R apenas deu

de ombros e disse: “Devo mantê-lo alerta e adivinhar.” Eles iam ao cinema (R gostava de comédias românticas e seu amigo às vezes conseguia contrabandear-los para o Labia), tomavam sorvete no calçadão (“porque”, disse R, “foi aqui que nos conhecemos - sou um romântico de coração, você sabe”), e passava noites no colchão do quartinho do apartamento em Vredehoek. R nunca mais mencionou seu pai. Em vez disso, ele falava incessantemente sobre música pop, mas especialmente sobre Whitney Houston. Tarde da noite, deitado nu na cama, usando preservativos cuidadosamente enrolados em papel higiênico que R havia recolhido antes de ir para o quarto, R cantava suavemente as músicas de Whitney. Ele parecia saber todas as letras da música. “Impossible”; “I have nothing”, e - mais tarde, no meio da noite, seu favorito - “I will always love you”. “But don’t you get a big head now”, R dizia todas as vezes depois de cantar “I will always love you”. “Eu não estou cantando essa música para você. Estou cantando para mim mesmo, ei.” Na manhã seguinte, o homem deixaria R na casa de seu amigo em New Church Street, acenando e sorrindo para R e esperando no carro até que R desaparecesse dentro de casa. Depois o homem dirigia até seu escritório, sentindo o cheiro de R nos dedos pelo resto do dia.

Então R parou de ligar. Depois de três semanas, o homem criou coragem e tocou a campainha da casa onde deixou R. Uma mulher de quarenta e poucos anos abriu a porta. Ela parecia cansada e um pouco desconfiada. “Não”, ela disse. “Não havia nenhum R morando neste endereço.” Antes que o homem pudesse fazer mais perguntas, ela fechou a porta. O homem foi embora. Ele presumiu que R não queria ser encontrado.

Ele conheceu N, que trabalhava em uma editora. Eles embarcaram em um relacionamento tempestuoso.

[“I will always love you” de Whitney Houston começa a desaparecer da coluna. A Voz 2 pega o boá de penas da Voz 1, coloca-o em volta do pescoço e balança as pontas no ar.]

Estava cheio de sexo selvagem e brigas mais selvagens. Foi tudo desgastante. Exceto, às vezes, quando ele estava dançando no Bronx e tocava uma música de Whitney Houston. Então, o homem se lembrou de R e se perguntou o que havia acontecido com ele. Ele iria dançar um pouco mais, no entanto. Dançar para esquecer

[A música agora está alta, toca por alguns segundos e depois pára abruptamente. A voz 2 de repente deixa cair as pontas do boá e olha para o público, faz uma pausa. Fala baixinho]:

Mais de um ano depois do desaparecimento de R, o homem encontrou o amigo de R no Labia. “Você já ouviu falar de R?”, perguntou a mulher. Antes que o homem pudesse responder, ela continuou. “R faleceu.” “Como?” o homem perguntou. “Por que?” A mulher encolheu os ombros. “Ag, não vamos entrar nisso”, disse ela. “O que isso ajudaria em qualquer caso.” Então ela levou o homem para dentro do cinema escuro. Ele sentou-se para assistir Romeu e Julieta – a versão de Baz Luhrmann – estrelada por Leonardo

DiCaprio. Se o homem chorou quando Leonardo se matou no final, o autor não consegue lembrar.

[Voz 2 sai.]

CENA DO CRIME

Voz 1

[senta-se na cadeira de camping, dirige-se ao público com urgência]: O cheiro era insuportável, mas apenas se você entender que “esmagador” pode ser um eufemismo. A verdade é que o cheiro estava por toda a parte. No ar do quarto, nos travesseiros e nos lençóis, na roupa limpa e na roupa suja, nas cortinas e na maçaneta da porta, nas narinas e, por fim, nas vias neurais mais profundas e escuras do cérebro. O Um estava deitado do lado do Outro na cama, sem olhar para o corpo do Outro que estava deitado ao lado dele, dormindo. O Outro estava de férias na França. Eram apenas Um e Outro no apartamento fedorento em Green Point.

O cheiro acordou O Outro. Isso e o barulho. Porque a essa altura os assobios, baques e aplausos da parada do Orgulho que descia a rua desde as 11h daquela manhã haviam chegado à sua porta e entrado pela janela. Estava quente demais para fechar a janela. O Outro achou que isso também pioraria o cheiro. Ele estava muito confuso devido ao sono profundo para descobrir se o cheiro vinha de fora ou de dentro do apartamento. Não demorou muito para que O Um começasse o seu habitual mau humor, falando sobre o gozo capitalista (palavra que ele ouviu em uma palestra proferida pelo Outro) do Orgulho, sua compulsão pelo prazer e pela celebração, sua recusa em comemorar e lamentar quando há tanto para comemorar e lamentar. Mas O Outro não conseguia se

concentrar em nada do que O Um dizia. Por causa do cheiro.

Foi então que O Único passou por uma das mudanças repentinas de personalidade às quais o Outro se acostumou durante o seu curto período de menage. O Único tirou o telefone do bolso e foi logo conversando em voz baixa com um dos seus “amigos”. Ele falou alto o suficiente para que O Outro captasse trechos dos planos que estava a fazer e que eles não incluíam O Outro. Depois despediu-se, desligou o telefone, saltou da cama e começou a borrifar Jean-Paul Gaultier Le Male por todo o corpo jovem e magro (isso só piorou o cheiro, pensou O Outro).

“Onde você vai?” perguntou o Outro, embora já soubesse a resposta.

“Vou participar do desfile e depois me encontrarei com amigos.

Não espere por mim.”

Com isso, ele saiu da sala e bateu a porta, como se quisesse acrescentar o ponto de exclamação que faltava na sua frase de despedida, que, no entanto, soou como uma ordem. O Único se foi. E o mesmo acontece com a crítica rápida, mas insípida, do Orgulho, pensou O Outro. Agora o Outro estava sozinho com o cheiro.

A história de como o Outro (mais-velho) conheceu O Um (mais jovem) é muito familiar e desgastada para ser contada. Basta dizer que, quando o Outro foi deixado sozinho com o cheiro, ele já havia, de certa forma, desistido do Único. Tudo o que restou agora foi a recusa do melancólico em desistir. O Outro tinha uma longa história de compulsão – a incapacidade de desistir de coisas que claramente se tornaram venenosas.

[Tira do bolso um pequeno espelho de maquiagem portátil e olha dentro dele.]

O Outro olhou para o próprio rosto no espelho. Ele sentiu-se abandonado e desolado.

[Tira rímel e brilho labial do bolso e, olhando no espelho, aplica generosamente; faz beicinho no espelho antes de devolvê-lo ao bolso.]

Eventualmente, O Outro saiu do apartamento. Assim que saiu, O Outro percebeu que (como alguém certa vez disse em outra história) o ar estava denso com o cheiro. O desfile já havia passado. Balões planos e serpentinas derramadas misturadas com alguns confetes, panfletos convidando você para festas em clubes e uma ou outra faixa abandonada (“Estamos aqui, somos gays!”) estavam espalhados pelo alcatrão da rua ainda fechada – a única evidência de que algo comemorativo havia passado.

O Outro foi para Somerset Road e para a festa pós-Pride. Lá ele viu The One, (mesmo a uma distância claramente sob o efeito da sua droga preferida, a cocaína) beijando apaixonadamente uma imagem espelhada quase exacta de si mesmo atrás de um dos palcos móveis. Embora The One estivesse totalmente vestido com esmero, a sua imagem no espelho não estava. O mais belo de todos usava apenas Havaianas e calção de banho - roupas que, é claro, revelavam mais do que escondiam, notavelmente, a sua enorme erecção para a qual os calções estavam claramente a ficar pequenos demais à medida que os lábios do Único se moviam pelo pescoço, torso da sua imagem espelhada e abdômen.

[Levanta-se da cadeira de acampamento]:

Nesse ponto o cheiro tornou-se excessivo para O Outro. Ele encontrou o caminho até à saída e pediu um Uber que o levou até Three Anchor Bay, onde ele pensou momentaneamente em se afogar como Ingrid Jonker, mas não queria estragar a maquiagem. No final, ele caminhou pelo calçadão e pensou principalmente em duas coisas. Primeiro, por que ele sempre se sentiu tão desconfortável no Pride. Ele concluiu que era porque algo estava a faltar criticamente no Pride e que ele sempre sentiu isso porque sempre foi incapaz de suspender as suas faculdades críticas no meio de uma multidão, de “Apenas Aproveite!” De interromper o fluxo constante de emoções, executando comentários em sua cabeça (e foi também por isso que ele bebeu excessivamente durante anos). O que faltava no Pride, pensava ele, era à África do Sul pós-apartheid. A verdade é que, pensou consigo mesmo, não havia Queer suficiente no Pride.

Então ele pensou no Único e lembrou-se de como seu amigo, O filósofo continental disse-lhe há anos que “O Outro foda se”. Ele pensou especialmente em como O Um dissera durante o seu relacionamento (pois eles não se conheciam de verdade) que, embora amasse O Outro, ele lutava com a intimidade física desde a adolescência. O Um disse que sentia que o Outro era o único que entendia isso. O Outro pensou que, pelo menos, tentou. Tudo isso, pensou o Outro, agora parecia ter sido uma mentira enorme e descarada desde o início, um truque de conjuração espetacular, uma folie à deux, até que custará caro ao Outro e continuaria a custar a ele por muitos anos. Na verdade, ele se sentia como a mulher de um daqueles programas de que se lembrava da sua infância saturada de TV

nos anos 80, onde um mágico coloca a bela assistente numa caixa no palco e depois começa a cortá-la empurrando com força enormes e afiadas lâminas através da caixa. Depois de mostrar ao público as partes decepadas da senhora na caixa, o mágico naturalmente a montaria novamente, ao contrário de Humpty Dumpty. No caso dele, o truque deu muito errado, havia sangue por todo o palco, o mágico havia fugido da cena do crime e Humpty Dumpty realmente não poderia ser reconstruído. O que também era verdade, porém, era que o Outro não sabia absolutamente (talvez como a mulher na caixa) como alguém abandona o gozo cruel do Um.

Ao chegar do outro lado do calçadão, chamou novamente um Uber para levá-lo de volta ao apartamento vazio (onde se masturbaria naquela noite como se estivesse tentando uma ressurreição). Enquanto esperava o Uber, O Outro lembrou como, naquela tarde, O Único, logo depois de ter dito ao Outro para não fechar a janela, disse o que pressentiu que O Único diria: “Acho que o cheiro está a vir de algo que morreu aqui.”

6. “O CORAÇÃO SOB CERCO”

[Voz 1 e Voz 2 estão novamente nas cadeiras de acampamento. Eles estão usando óculos escuros.]

Voz 2

[dramático]:

“A criança não está morta/ a criança levanta os punhos contra a mãe/ que grita África, grita o cheiro/ da liberdade e da urze/ nos locais do coração sitiado.”¹⁴

Há uma história que já contei muitas vezes, aquela que, ao ser recontada, foi polida como um diamante, de modo que se tornou lisa, brilhante e dura. Foi o ano do massacre de Sizzlers – 2003. Por um lado, penso que a história diz muito sobre o que há de errado com todos estes supostos eventos e espaços queer nesta “cidade mãe”, que trata alguns dos seus habitantes não como uma mãe deveria tratar o filho, mas era mais como o pai de R o tratou depois que ele saiu do armário. O homem sempre conta a história da mesma maneira.

A piada permanece a mesma. Aconteceu nos primeiros dias do relacionamento do homem com M, numa época que o homem imagina ter sido uma época totalmente mais feliz. Nos dois anos em que estiveram juntos, o homem e M adquiriram certos hábitos que não eram incomuns entre os gays brancos de classe média da época.

¹⁴ Extraído de 'A criança não está morta' (publicado pela primeira vez em africâner como 'Die Kind') por Ingrid Jonker. Publicado em *Borboletas Negras: Poemas Seleccionados de Ingrid Jonker* (Human & Rousseau, 2011).

Trabalhavam durante a semana e nos finais de semana frequentavam o “strip” em Green Point e dançavam a noite toda. “Trabalhamos muito e nos divertimos muito”, poderia ter sido um clichê que saía de sua boca de vez em quando. Em dezembro eles se encontraram com amigos e planejaram fantasias e participaram do Mother City Queer Project – primeiro a Toy Box (o homem costurou orgulhosamente as roupas de Natal do pai), depois Farm Fresh (no qual elas foram como rainhas da beleza da fazenda: Miss Holfontein e senhorita Koekenaap, onde o homem esbarrou em um de seus alunos e deu-lhe um abraço estranho enquanto segurava a sua peruca).

Na véspera de Ano Novo, eles se sentaram na varanda com vista para a Somerset Road e observaram drag queens pulando no capô dos carros que passavam, gritando de tanto rir, enquanto os casais lá dentro pareciam assustados ou divertidos. É claro que, numa ou duas ocasiões – uma vez tomando uma taça de vinho em casa, outra vez num restaurante em Mouille Point onde todos os garçons eram estudantes brancos da UCT – eles falaram sobre como esses espaços supostamente queer eram dominados por pessoas heterossexuais.

Homens brancos, como os garçons tendiam a oferecer a carta de vinhos ou a conta, não para M – que ganhava mais dinheiro – mas para o homem, como o homem tendia a ser servido no bar muito mais rápido do que M jamais foi. Então (e era aqui que o homem sempre contava a história da mesma maneira), uma noite, depois do jantar, os dois foram a um novo clube chamado Sliver, que havia sido inaugurado em

Green Point. O homem, já ligeiramente bêbado com a garrafa de vinho ao jantar, entrou enquanto M conversava com um amigo do lado de fora. Só depois do homem já ter pedido outra bebida e M ainda não ter chegado é que ele saiu, onde encontrou M discutindo com dois seguranças musculosos que se recusavam a deixar M entrar no clube com a desculpa de que ele não estava “apropriadamente vestido”. M estava a usar uma calça jeans que comprou na Banana Republic numa viagem aos EUA e um par de sapatos formais – não muito do seu estilo.

O homem, sendo professor de direito dos direitos humanos, insistiu que desafiassem o clube e os seguranças sobre a sua discriminação racial no recém-criado Tribunal da Igualdade. No processo, o homem e M perderam alguns amigos – aqueles que insistiam que estavam a imaginar coisas, que isso não poderia ser sobre discriminação racial, aqueles que sugeriam (sem noção de que a lei nunca impediu os privilegiados de terem uma opinião sobre isso) que o clube tinha o direito de reservar a admissão e que nenhuma lei poderia ter sido violada, e aqueles que sugeriram que era melhor deixar o passado para trás e não guardar rancor.

Mas o homem insistiu que eles fossem a tribunal. Era uma questão de princípio. Além disso, ele conhecia a lei e sabia que eles venceriam. No dia seguinte à vitória judicial – um pedido de desculpas e R10.000 pagos a uma instituição de caridade à sua escolha pelo clube e pelos seguranças – uma grande foto deles (ambos com grandes sorrisos, inclinando-se um para o outro) apareceu na primeira página do The Cape

Times sob o título “Boate gay admite discriminação racial”. Naquela noite, M e o homem foram a um restaurante em Sea Point e brindaram à vitória.

[Neste ponto, a Voz 1 e a Voz 2 começam a se levantar das cadeiras de acampamento, dobram-nas, começam a arrumar as coisas e a tirar os óculos escuros.]

É nesse ponto da narrativa que o homem geralmente introduzia uma piada irônica na história para defender uma questão política. “E você sabe o que foi mais revelador para mim”, dizia o homem sempre que contava a história, e fazia uma pausa para causar efeito antes de continuar. “Na noite do evento, depois de confrontar o segurança, e depois que ele empurrou M e depois a mim e nos disse para irmos para casa, aponte o dedo para o segurança e chamei-o de racista.” O homem revirava os olhos. Mas o segurança não respondeu de jeito nenhum. Mas então cometi o erro de chamá-lo de estúpido e foi então que ele me deu um soco e eu caí no chão. A piada sempre provocava risadas. E esclareceu bem o assunto.

Mas ainda assim perdeu um ponto também.

Pesquisei o incidente no Google – nossos nomes e o nome do clube. Aparece a história que foi publicada na primeira página do Cape Times em 11 de fevereiro de 2004. Folheio-a e leio o pedido de desculpas apresentado pelos proprietários:

Voz 1 e 2

[alternando improvisadamente, de frente para o público]:
“Nós, os proprietários do Sliver Bar, admitimos que a exclusão de M naquela noite se baseou na sua raça, em

violação da Lei de Promoção da Igualdade e Prevenção da Discriminação Injusta. Comprendemos também que a exclusão foi profundamente prejudicial (e) afrontou a sua dignidade humana básica, enviando um sinal de que ele era menos digno de respeito do que outros clientes. Lamentamos sinceramente este incidente e pedimos desculpas sem reservas.”

Voz 2

[quando eles começam a se afastar lentamente, param]:

M também é citado na história do Cape Times. É apenas um parágrafo, mas ainda assim. É a voz dele. Continuei a ler, momentaneamente atordoado: Em declarações ao Cape Times na terça-feira, M disse: “Estou muito feliz com o resultado do caso e feliz por Sliver ter concordado em mudar a sua política de admissão. Eu não estava confiante em ganhar o caso e todo o processo foi difícil para mim. A discriminação racial é intensamente pessoal e atinge o cerne da dignidade humana.”

Voz 2

[pega seus óculos de leitura e os põe]:

Então, o que percebo agora é que tenho contado a história errada o tempo todo, simplesmente porque fui eu quem a contou. Quem fala? Quem é ouvido e com que finalidade? Este é o problema do poder e é o

Problema embutido em todos esses amores e em todas essas vidas – incluindo a minha própria.

[Voz 1 está desligada, Voz 2 vira-se para o público, tira os óculos de leitura]:

Não está certo, mas está tudo bem.

*Eu vou sobreviver
nos locais do coração sitiado*

[Saída].

Lua cheia



JAYNE BAULING

O QUE ESPERAMOS da reforma e do nosso regresso permanente ao património tribal?

É claro que visitamos ao longo dos anos. Afinal, é a mesma aldeia onde nos encontramos há tanto tempo; duas meninas pequenas, descalças e ocupadas com aventuras.

Estivemos juntos quase toda a nossa vida. Nós nos separamos às vezes em nossa juventude, mas encontramos caminhos e sempre nos encontramos.

Conhecendo a nossa aldeia como conhecíamos, não esperávamos que os mais-velhos facilitassem as coisas quando colocássemos os nossos documentos oficiais nas suas mãos. Houve muitos atrasos. Na verdade, ainda hoje, Vutengi não recebeu o seu terreno. Seus irmãos e suas famílias estão ocupados perseguindo-a sobre as suas intenções e dando desculpas. Eles querem encontrar uma maneira não oficial de reivindicar a terra para si próprios.

“Você não precisa disso”, dizem eles.

Eles estão a insinuar que ela não precisa disso porque estamos a morar juntos na casinha que construímos com as próprias mãos quando os mais-velhos me deram permissão. Vutengi escuta os irmãos, mas não diz nada. Ela espera que os seus filhos possam se beneficiar de alguma forma quando a sua licença de terreno e construção for aprovada. Ela tem um filho e uma filha, de um dos tempos de compromisso, quando a família a obrigou a se casar com um homem.

Eu também tenho um filho, mas não sei onde ele está. Ele veio do meu castigo. Hoje eles chamam isso de “correção” ou “cura”. Naquela época, eles simplesmente chamavam isso de punição.

Esse foi um dos momentos maus, e eu ainda estava doente da mente e do corpo quando o menino chegou, então eles o levaram embora.

Vutengi encontrou-me, curou-me e fortaleceu-me, e nunca mais me permiti ser quebrada.

A casa onde moramos fica no lado escuro da colina. O único lugar onde os mais-velhos acharam adequado nos colocar. Nós o construímos ao longo de muitos anos. Passámos muitos fins de semana construindo esta casa. Nós duas trabalhávamos na grande fazenda de páprica perto de Ohrigstad. Depois que nos aposentámos, a fazenda nos recontratou com contratos temporários. Vutengi trabalhava no escritório e eu ficava ao ar livre – trabalhando nas creches. O trabalho foi o mesmo que havíamos feito antes.

Em alguns fins de semana de construção, chegávamos à

aldeia e encontrávamos partes da nossa casa desmontada. Muitas vezes faltavam materiais, apesar de termos tido o cuidado de trancar tudo e apesar de termos pedido a um jovem que guardasse tudo para nós. Isso não nos deteve. Simplesmente recomeçaríamos, determinadas a terminar a nossa casa.

Vivemos aqui agora, aproveitando os frutos do nosso trabalho. A única outra construção próxima é uma casa que alguém começou a construir, mas não terminou. Piso de cimento e paredes de blocos cinzentos da altura da minha cabeça, sem tecto. Talvez quem começou tenha ficado sem dinheiro, ou tenha morrido, ou tenha ficado consternado com a escuridão deste lado da colina. Agora, os adolescentes às vezes usam-no para fazer sexo que acreditam ser secreto.

O lado escuro da colina faz-nos rir. Trabalhamos toda a nossa vida em fazendas. Sabemos como fazer as coisas crescerem. Nossos vegetais são melhores do que a maioria dos cultivados no outro lado; grandes e brilhantes, tão crocantes ou macios quanto à natureza deseja que sejam.

Alguns aldeões pensam que é a bruxaria que faz crescer as nossas cenouras e torna os nossos espinafres tão verdes.

Então eles nos evitam. As crianças gostam especialmente de atirar pedras no nosso telhado.

“Ficaria feliz se eles simplesmente nos ignorassem”, diz Vutengi depois que alguém mata o cachorro. “Não precisamos deles.”

Não precisamos de ninguém. Temos uma à outra, nossas pensões e o suficiente para comer.

Nós não somos o assunto dos aldeões, mas eles fazem-nos ser.

Enquanto esperamos que as terras de Vutengi lhe sejam concedidas, eles incomodam-nos todos os dias.

Primeiro vêm os mais-velhos. “Você nos envergonha.”

O homem escolhido para falar não olhará para nós, e não devemos olhar para ele, mas nós olhamos. Ele continua. “Vocês envergonham-se.”

“Como?” Vutengi pergunta, encarando-o do lado de fora da nossa casa. “Essa coisa...” Ele não a consegue nomear.

“Não temos vergonha.” Cruzo os braços sobre o peito. “É problema seu se você está envergonhado. Não o podemos ajudar.”

Há muito tempo, prometemos uma à outra nunca pedir desculpas. As desculpas levaram a tempos de compromisso. Às ficções e fachadas, coisas feitas pelas aparências e pela comodidade dos outros.

“Essa coisa.” Um segundo homem tenta ajudar o primeiro. “Vem de longe. Da cidade. Talvez da América e daqueles lugares que vemos na TV. Não é uma coisa Tsonga.”

“Mas nós somos Tsonga – vocês nos viram crescer aqui”, diz Vutengi. “Esta provocação não será tolerada”, ofega o primeiro homem, apoiado em sua bengala.

“Você está preocupada?” Pergunto a Vutengi quando eles partiram. “Eu não. Você está?”

“Ainda não.”

Em seguida eles enviam o pastor. Ele hesita quando o

convidamos para entrar em casa. Aí ele entra, mas recusa a nossa oferta de chá e biscoitos.

“Essa coisa...” ele começa.

Estou a ficar cansado dessa frase.

Depois ele usa outras palavras e frases: antinatural, aos olhos de Deus, pecado. Ele as fala baixinho, mas são feias.

Lamento tê-lo convidado para entrar.

Ele cita a Bíblia. Levítico. Romanos. “Rezaremos por você”, diz ele ao sair.

“Use a sua oração por quem precisa”, digo a ele. “Não desperdice isso connosco.”

O outro pastor – o novo que realiza cultos longos e barulhentos na tenda azul e branca – Não vai nem se incomodar em se contaminar com uma visita.

.

Ficamos a saber disso pelo irmão mais-velho de Vutengi, que veio investugar para saber se o seu plano já foi concedido.

Aparentemente o novo homem trombeteia contra nós aos domingos. Nós somos uma afronta, uma obscenidade. Devemos ser tratadas.

— Ele está a agitar as pessoas, dizendo que você as está a insultar deliberadamente, exibindo... essa coisa.

“Essa coisa”, repito.

Vutengi e eu nos entreolhamos e compartilhamos nosso sorriso secreto.

“Não nos importamos o suficiente com eles para querer fazer-lhes alguma coisa deliberadamente”, diz Vutengi.

— Um pouco de humildade, talvez? Seu irmão sugere, mantendo-se rígido.

“Em vez de honestidade?” Eu pergunto.

Ele não me responde. Ele simplesmente se vira e vai embora.

Desde o início, a família culpou-me por Vutengi. Ela importa-se com isso

mais do que eu. Talvez seja porque é a família dela.

“Quem é o próximo?” ela se pergunta mais tarde, quando falamos sobre as visitas e os sermões.

A aldeia é a próxima. Enquanto ela desce para a estrada principal, uma mulher grita que estamos doentes.

Nós estamos lá fora, a aproveitar as duas ou três horas de luz quando o sol toca o nosso lado da colina. Estou a revirar um novo trecho de terreno em busca de mais vegetais, e Vutengi está a capinar as berinjelas. “Ainda precisamos de algumas galinhas, Ritlatla”, ela lembra-me quando a mulher vai embora. “E falamos sobre uma cabra... O que há de errado?” Ela me lê assim.

“Estou a lembrar-me do cachorro.” A velha despertou algo em mim.

Ela olha para mim e depois abaixa a cabeça. Nós duas nos lembramos do corpo moribundo ensanguentado do cachorro.

Depois da mulher há um período de silêncio. Então começa de novo. As cores dos nossos vegetais formam um calendário vivo das estações do ano.

Às vezes as cores desaparecem durante a noite ou há lacunas nas linhas organizadas. Eles arrancam as mudas, deixando-as moles e secando em cima do solo desgastado. Não há dúvidas. Isso não é fome, é despeito.

Não podemos esconder isso de nós mesmos. Vejo umidade

nos olhos de Vutengi. Quanto a mim, estou com raiva.

“Se eu fosse uma mulher jovem”, ameaço.

Inútil dizer. Eu não sou jovem. Meus braços e pernas doem muitos dias. Estou sem óleos e sucos que me tornaram uma trabalhadora forte. O mesmo acontece com Vutengi; as suas mãos tremem o tempo todo e ela deixa cair coisas.

Ainda assim, causamos ofensa.

Eles – sempre eles desconhecidos, pessoas sem nomes, apenas acções – jogam lixo nas paredes da nossa casa.

Eles quebram uma janela.

Penso em comprar outro cachorro, mas nunca se sabe como um cachorro vai acabar, covarde ou assassino.

Alguns dias, as crianças menores vêm gritar connosco quando estamos em casa. Eles transformam as suas provocações em cantos, como as crianças às vezes fazem. Eles mantêm distância – prontos para correr se sairmos. Quando o fazemos, eles gritam enquanto correm, e ouvimos nas suas vozes o terror e a alegria dos pequenos que sabem, mas não sabem o que fazem.

Os adolescentes olham e riem. Ou gritam novas palavras que a sua geração tem para nós. São palavras que nunca ouvimos antes, embora tenhamos ouvido muitas outras palavras.

Às vezes eles estão bêbados. O chamado fica mais alto e mais estúpido.

Um grupo passa. Eles gritam. Há medo na maneira como um menino olha para nós. Ele parece não ter mais de dezasseis anos. Ele é forte e em forma. Eu pergunto-me, por que ele está com tanto medo?

Outro olha-nos com curiosidade aberta e algo parecido com ganância. Ele parece estar a perguntar-se o que fazemos, e se ainda fazemos, na nossa idade.

O pensamento faz-me sorrir, Vutengi também quando compartilho com ela. Mas estamos a sorrir menos actualmente.

“Vá praticar a sua depravação em outro lugar, nas cidades onde eles gostam de sua espécie. Mulheres sem vergonha.” Desta vez é um homem da nossa idade que grita connosco com uma voz trêmula, da mesma forma que a voz de Vutengi começou a fazer.

Minha voz ainda é forte, mas às vezes tenho dificuldade em encontrar palavras que costumava encontrar sem pensar.

Mais mudas são arrancadas. Acontece à noite.

“Talvez eles esperem nos matar de fome na colina”, digo quando encontramos o caminho de terra molestando no início da manhã escura. Não estou a brincar.

“Devíamos ficar de vigia.” Vutengi está a tremer mais do que o normal. “Uma de nós em todos os momentos.”

Nós tentamos, mas estamos num momento das nossas vidas em que o sono pode cair sobre nós a qualquer momento. E de qualquer forma, o que faríamos se pegássemos alguém?

Outra noite, quando ambas tivemos certeza de que não dormimos, não ouvimos alguém a fazer xixi na porta da frente.

Não podemos confiar nas nossas próprias impressões sobre a insônia. “Devemos deixar este lugar?” Vutengi é o primeiro a

dizer isso. — E deixá-los acreditar que nos expulsaram?
“Nós travámos tantas batalhas, meu amor.” Ela parece cansada. “Você acha que é disso que devemos nos afastar?”

“É a última.” Ela está a implorar. “Se ficarmos, teremos sempre isto... Nossa casa estragada, plantas destruídas. Eles poderiam nos machucar.”

Ouvi dizer que ela está com medo. Já se passaram tantos anos desde que nos permitimos temer.

Eu pressiono meus lábios, olhando para ela e pensando. “Precisamos pensar num caminho a seguir que diga que foi nossa escolha.” Algo que era brilhante está a desaparecer dentro de mim.

Todas as maneiras que consigo pensar são muito dramáticas. Envolvem danos, até mesmo destruição – actos que estão além das nossas forças agora e que nos fariam gostar deles.

Não podemos apressar isto. Como mulheres mais jovens, sempre foi fácil seguir em frente, nunca porque estávamos derrotadas ou com medo, mas porque estávamos cansadas de um lugar ou não gostávamos de pessoas que também não gostavam de nós.

Então plantámos mais vegetais e tentamos guardá-los.

“Hoje é lua cheia”, lembra-me Vutengi depois de já terem passado uma semana no solo. “Eles virão de novo, como no mês passado.”

No mês passado, a dança e o canto de adolescentes bêbados transformaram-se em gargalhadas e gritos selvagens quando chegaram à nossa casa. Mais tarde, eles festejaram o resto da noite na casa semiconstruída ao lado, que teria sido o lar de

nossos vizinhos.

Esperámos e observámos, sem nenhuma luz na casa, excepto o brilho prateado e gelado da grande lua. Um cachorro uiva do outro lado da colina, mas fora isso tudo está quieto, até os pássaros noturnos ficam em silêncio.

“Talvez eles tenham algo melhor para fazer este mês”, atrevo-me a brincar, a ter esperança.

“Não, olhe.” Vutengi está fora da cadeira. “Lá.”

Eu olho para cima e os vejo; duas figuras, formas escuras ao luar, entrando furtivamente na casa inacabada.

“Apenas dois”, registo, e estou dominada por algo feroz e sombrio, algo que pensei que os anos haviam acalmado. “Lá para sexo. Vamos assustá-los, dar-lhes uma razão real para nos odiarem.”

“Ritlatla?”

Mas Vutengi conhece-me nesse estado de espírito e não espera que eu responda. Ela até sorri.

Uma última vez, estou a pensar. É claro que as duas velhas não se podem igualar a dois adolescentes, mas no momento do seu susto nós deteremos o poder.

Ficámos quietas, mas não caladas, saindo de casa. Vutengi ofega levemente a cada poucas respirações, e eu sopro no chão inclinada para cima.

A casa inacabada é monótona, iluminada pela lua, mas sem reflexos. De dentro vem uma agitação, depois algo como um soluço e um gemido.

Circulamos pelo local até encontrar o vão que seria a porta. Segurando-nos um ao outro, passámos por isso.

Devemos fazer algum som, assustados com o que estamos a ver.

Eu reconheço os amantes. É o menino que nos olhou com tanto medo, e – pele brilhando ao brilho da lua, seminu nos braços, virando-se para nós e depois congelado – o curioso. Eu vejo o terror deles. O medroso começa a chorar.

Vutengi e eu nos entreolhamos. Esses meninos somos nós, no nosso começo, de pé como estávamos no início da descoberta de nós mesmas e uns dos outros.

Não precisamos dizer isso. O plano de mudança foi cancelado. Nós ficamos.

Navegação com The Argonauts¹⁵



EFEMIA CHELA

Na verdade, ninguém se inspira em ninguém, excepto em si mesmo e na sua própria angústia.

– eUGèNe IONeSCO¹⁶

o Natal é a época do ano em que sou mais heterossexual e é nessa altura que leio “The Argonauts” de Maggie Nelson. Sou bi mas tenho de ser heterossexual no natal. É o desejo de natal de outra pessoa. Não há outra escolha. Meus pais são o que eu descreveria como cristãos fundamentalistas. De alguma forma, estou sempre em casa para enfeitar os

¹⁵ Publicado anteriormente na edição 1 da The Johannesburg Review of Books. Disponível em: www.johannesburgreviewofbooks.com/2017/05/01/sailing-com-os-argonautas-uma-história-pessoal-de-natal-queerness-e-maggie-nelson-by-efemia-chela/ em 1º de maio de 2017.

¹⁶ E. Ionesco, Notes and Counter Notes: Writings on the Theatre, traduzido por Donald Watson (Grove Press, 1964)

corredores (o que não fazemos realmente faço para evitar o pecado em excesso), tendo voltado para lá como um bumerangue depois que meus planos para o ano, que antes eram brilhantes e aparentemente permanentes, falharam novamente:

Uma Breve História

2013: Contenção

2014: Episódio depressivo grave.

2015: Não é tão grande no Japão

2016: Não me lembro. Não vou lembrar.

Meu povo é aquele de quem meus pais zombam em um dia bom, e insultam e acusam de todos os tipos de males arbitrários em um dia ruim. De acordo com a minha mãe, Trump, o Brexit e os direitos do banheiro trans sugerem que o fim está próximo. Jesus está voltando e ela mal pode esperar para conhecê-lo. Estamos no shopping e ele está lotado de pessoas tirando selfies em frente a uma gigante árvore de natal albina falsa.

É enfeitada e enfeitada. Eles estão todos a atrapalhar uns aos outros. Braços e pernas perdidos cruzam as bordas das fotos em smartphones em frente à árvore alienígena. A composição de cada uma das fotos é perturbada, mas eles continuam. Esta é uma temporada em que nada faz sentido. Quando estamos dentro do Edgars, indo comprar roupas íntimas sensatas (que são adequadas para uma mulher solteira como eu), e não um presente (porque a comercialização do natal aumenta o poder de Satanás sobre nós), desvio-me para o balcão da MAC.

Além das calçadas em frente aos talhos locais, onde os talhantes afrikaans, com calças de ganga, calções de banho e

chapéus, se desleixam, esta é a parte mais queer de Pretória – ou pelo menos a mais abertamente queer. Estou encantada com as fileiras de maquiagem e com a esperança de perspectivas não-heterossexuais sobre a vida (leia-se: fofocas e dicas de sexo).

Minha mãe, fora de seu ambiente sob as luzes brilhantes, a música noturna e a maquiagem, recusa-se a ser servida pela rainha de calção de cabedal preto que está prestes a dar-lhe a sua maldita vida, querida, e a fazer com que a sua cara se passe, rapariga com o melhor batom coral para a sua melanina BAMF. Seu rosto murcha como um castelo saltitante em colapso. Ela a agarra a bolsa e se inclina enquanto os seus olhos se arregalam. Eu fico na frente dela e faço beicinho, de olhos fechados. Experimento a cor a cor. Finjo que estou a beijar uma menina. Abro os olhos e me olho no espelho. Não há outra menina lá e a cor fica horrível em mim. Minha mãe reclama durante toda a viagem de carro para casa. Ela continua a reclamar durante semanas para todos que querem ouvir e especialmente aqueles que não querem.

Quando não suporto mais ouvir a história, vou para o meu quarto, para ouvir “The Argonauts”, de Maggie Nelson. O volume é fino, mas contém multidões. Completamente queer em termos de género, mescla uma carta a Harry, amante de Nelson, com lembranças, polémica, filosofia e teoria de género. Tudo perfeitamente. Densamente embalado, o livro é um fluxo constante sem capítulos, cada proposta ousada e parágrafo alcançando o próximo. Os ombros das pessoas sobre as quais Nelson se apoia circundam as margens, tornando inevitáveis leituras intermináveis. Este é um livro de revelações.

Vista de um ângulo, é a história de Maggie que se apaixonou por Harry e sua transição de mulher para género fluido, inclinando-se mais para o sexo masculino. Maggie também engravida, descobrindo a dupla estranheza de hospedar uma futura pessoa. O amor entre Maggie e Harry muda ao longo

do livro, à medida que os seus estados emocionais, físicos e fisiológicos mudam.

O livro explora o medo social que permeia a ideia de que o amor muda. Que a pessoa que você ama possa mudar, que os seus termos de compromisso possam afrouxar ou apertar, que a sua própria essência possa mudar e que com essas mudanças siga automaticamente a incompatibilidade e a morte do amor. O conceito é menos controverso do que os direitos dos homossexuais, mas é quase igualmente ameaçador, um fenómeno que a sociedade teme tanto. Milhares de músicas falam sobre o amor perfeito ser o mesmo, imutável, infinito (aquela árvore de natal de plástico). Estática, mas viva, sempre fresca, como uma espécie de alimento geneticamente modificado. Maggie debate isso e deixa clara a sua verdade, por meio de Roland Barthes, desde o início

– O amor vai mudar e isso não está errado:

[...] o amante pronuncia a frase “eu te amo”, o seu significado deve ser renovado a cada uso, pois a própria tarefa do amor e da linguagem é dar a uma mesma frase inflexões que serão para sempre novas.

–ROLANDBARTES¹⁷

Maggie faz com que a renovação do amor não pareça de Sísifo, mas como um polimento e refinamento natural. Um hábito reconfortante, como massagear o couro cabeludo enquanto lava o cabelo. Incidência natural. As coisas vão

¹⁷ Citado em M. Nelson, *The Argonauts* (Graywolf Press, 2016). Todas as outras citações são de “The Argonauts”.

piorar novamente. Seu couro cabeludo vai descamar e as madeixas vão ficar oleosas e esse é o ponto: há crescimento, força e prazer na repetição. Este é o amor livre de um objectivo abrangente.

Da mesma forma, “The Argonauts” está livre de grandes expectativas sobre o que, como livro, deveria ser. A brincadeira de Maggie com a forma faz com que pareça que ela não está tentando nos atrair para uma conclusão clara. Será mesmo possível uma conclusão abrangente se, em meras 143 páginas, a autora viajar pela vida (o nascimento do seu filho, Iggy), pela morte (do queer radical e de sua sogra) e pela sua preocupação com a subexploração do ânus feminino na crítica?

Afinal, ela diz: “Minha escrita está repleta de tiques de incerteza.” E é essa característica que faz o livro ter tanto sucesso. A incerteza de Maggie desencadeia o seu questionamento universal, que abrange desde as ideias mais complexas até às mais fundamentais: a linguagem.

A quilha de “The Argonauts” é a linguagem: a luta de Maggie com a linguagem; nomes de estados de ser; alteração de nomes legais; nomes que as pessoas te chamam. Alguém me chamou de escritora, uma vez. Alguém disse que escrever é colocar em palavras coisas que não podem ser colocadas em palavras uma vez.

Em pouco tempo descobri que você passou uma vida inteira dedicada à convicção de que as palavras não são boas o suficiente. Não apenas não é bom o suficiente, mas corrosivo para tudo o que é bom, tudo o que é real, tudo o que é fluxo.

*Discutimos e discutimos por causa disso, cheios de febre,
não de maldade. Uma vez que nomeamos algo, você disse,
nunca mais poderemos vê-lo da mesma maneira. Tudo o que
é inominável cai, se perde, é assassinado.*

— *mAGGieNELSON*

O parceiro de Maggie, Harry, expõe a grande e cruel ironia das palavras. Uma vez nomeadas as coisas, elas perdem o seu mistério e poder. Mas até que sejam nomeados, é como se não existissem. Minha experiência como mulher bissexual foi assassinada; Eu não existo. Tenho cabelo comprido e seios visíveis. Com a minha coleção de batons, joias, saias e desinteresse por esportes, carros ou carpintaria, passo direto para a maioria das pessoas. Eles não têm as palavras certas para mim porque não me encaixo no banco de clichês deles. Este não é o andróide que eles estão procurando.

O enquadramento da heteronormatividade recusa-se a reconhecer o “queer” como “excitação perpétua” - o que Maggie descreve como um redemoinho turbilhonante de resistência contra várias formas de opressão, uma espécie de marcador mutável que inclui todos os tipos de pessoas, orientações, preferências sexuais e lutas. Raramente o queer é retratado como gay, no sentido feliz da palavra, e a “alegre” queerness é algo que raramente tenho a oportunidade de experimentar.

O público em geral, envolto na heteronormatividade, assume que sou heterossexual ou simplesmente me dizem que sou, dependendo de quão rude ou embriagado estão. Para evitar que a minha vulva atrofie, tenho de provar que sou gay. Algo difícil de provar, a não ser que me dêem um quarto, um dispositivo de gravação e acesso ao corpo de outra pessoa (e ainda assim não seria um teste 100 % conclusivo). Mas mesmo que conseguisse provar que sou gay, a minha

recompensa por prová-lo seria a repreensão por ser gay:
“Podias trazer tantas doenças para a nossa comunidade
lésbica ao foder com gajos também. Isso é tão egoísta!” “A
sério?! Sinto que eventualmente vais ultrapassar isso.”

"Não quero ser deixada por uma miúda."

"Ebei!!! Esta é uma perversão que só Jesus pode curar. Eu
sei que isto não é para ti. Oh, Eranom! O sangue do cordeiro
... por favor."

"Isso não é uma coisa real. É apenas uma fase."

"Gulosa, não somos? Apenas escolhe uma."

Quando Harry começa a tomar testosterona, Maggie diz: "a
visibilidade torna possível, mas também disciplina". Assim,
principalmente por conveniência, finjo ser heterossexual e
escondo a parte queer da minha vida. Ironicamente, estou
simultaneamente desesperada para ser vista e também para
me esconder. Sou ocultada pelo silêncio da minha própria
boca. Homossexuais comuns conseguem sair do armário uma
vez. Qualquer outro queer tem que converter o mundo uma e
outra vez. É um trabalho exaustivo não remunerado,
frequentemente doloroso e fútil:

*Como explicar, numa cultura frenética por resolução, que às
vezes a merda fica confusa?*

– mAGGiNEISON

E isso antes mesmo de abordarmos classe ou raça ou
“encontrar alguém com quem minhas perversidades não sejam
apenas compatíveis, mas perfeitamente combinadas”. Às
vezes, quando passo pelas lésbicas brancas que ficam do lado
de fora do talho, e vejo uma mulher que admiro, me pergunto.
– E Se transássemos eu conseguiria dizer se foi BDSM ou um
linchamento antes que fosse tarde demais?

Estou no meio da viagem em “The Argonauts”, em direcção ao domingo de natal. Continuo a ler durante pequenos intervalos nos preparativos de uma festa que me deixa cada vez mais nervosa. Seremos 20 pessoas numa pequena casa suburbana, sujeitas a resgate numa onda de calor. É tudo um pouco Tennessee Williams, até para mim – e eu adoro Tennessee Williams. Uma reunião de pessoas em gestos forçados de celebração depois de um ano miserável. Temos dois casamentos sem brilho e um fracassou abertamente. Há um amigo da família moribundo, o espectro de um pai ausente, uma filha pródiga (de volta da América). Meu meio emprego e a ansiedade de meu primo entram na festa. Existem duas pessoas com distúrbios alimentares, apenas dois banheiros, onze pratos individuais e eu para ser a anfitriã e acompanhar o vinho com tudo. Está fodido. Começo a tomar Valium com vinho assim que escovo os dentes. Na ficção literária o terror é sempre retratado como belo, mas esta é a minha vida, a realidade, onde o terror é o meu lindo rosto com a minha voz tão triste e ninguém percebe.

*Sempre aspirarei conter minhas merdas da melhor
maneira possível...*

– mAGGieNEISON

Quando leio esta citação, lembro-me do motivo pelo qual li. Ler permite-me fazer parte de algo, de uma comunidade, mesmo estando quase sempre fisicamente sozinha. Geralmente na cama. Alguns dias, o maior tempo que passo fora da cama são os trinta minutos que levo para comer alguma coisa e garantir falsamente a todos nas proximidades que estou

completamente viva e bem. Ler permite-me ter esperança de melhorar, de atingir o estado de identidade da segunda parte da mesma frase. Maggie continua. Ela quer conter as suas merdas sim, mas isso não é tudo o que ela quer

... Não estou mais interessado em esconder as minhas dependências em um esforço para parecer superior àqueles que são mais visivelmente desfeitos ou doloridos.

– mAGGieNEISON

Quero ser mais radicalmente queer, independentemente das consequências e por causa das consequências. Quero uma dissipação do meu tédio actual, uma vida melhor para mim e um mundo mais flexível e amigável para os homossexuais. Qualquer livro que insista que ambas as mudanças, motivadas interna e externamente, são possíveis, é certamente um velo de ouro. “The Argonauts” é mais que um livro de memórias. É um manifesto, um registo, um sonho – algo grande e real sobre viver e amar entre: entre a vida e a morte, entre o homem e a mulher, a lei e a ilegalidade, o amor e a indiferença, a linguagem e as ideias.

A família e os convidados reúnem-se. Penso em mãos rachadas durante a oração. Tudo é uma névoa de coma alimentar, luzes festivas e terror fingido. Estou a perder-me na heteronormatividade. Os comentários não ditos, desencadeadores e ofensivos são desviados por olhares vazios e surdez fingida. Acordo de ressaca, com a boca seca na cama no Boxing Day e ouço restos de comida congelando nos

pratos. Estou “desfeita” e “dolorida” tanto quanto qualquer um – talvez mais do que a maioria. Ainda assim, pelo menos sei que sempre poderei navegar de volta aos “The Argonauts”; posso voltar a juntar-me à Maggie na sua eterna busca. O navio espera.

Experimentando a vida da princesa enquanto ela se prepara para o Desfile de Pretória



CARL COLLISON

A Princesa Selota chama a sua casa a uma pequena sala num campo comum com um número aparentemente interminável de outras divisões pequenas.

“Moro aqui há apenas três meses”, diz a jovem de 24 anos, natural de Limpopo. “Minha mãe está em Joanesburgo, mas quase não a consigo ver. Mas ela ama-me. Eu sou a princesinha dela.

Conduzindo-me para o seu quarto esparso e simples, a Princesa diz: “São principalmente enfermeiras que moram aqui. E também estudantes que estudam no Steve Biko Memorial Hospital.

Uma mulher transgénero alta e ágil, com traços delicados, a Princesa pode não corresponder à imagem arquetípica de uma enfermeira. Mas como educadora de pares do Instituto de Saúde Reprodutiva e VIH do Wits, ela é uma profissional de saúde.

Ela vai encontrar-se com colegas que vão ao Desfile do Orgulho de Pretória deste ano – “para fazer alguma sensibilização sobre o trabalho que fazemos”, diz ela, ajeitando a maquilhagem.

Cerca de meia hora depois, ela veste uma blusa preta sem mangas e uma saia longa floral. Após a longa sessão de aplicação da maquiagem, o vestido parece demorar alguns segundos para ser colocado.

Ao sair do seu quarto, somos poupados do incômodo de ter que pegar um mini-autocarro (seu meio de transporte habitual) por um jovem, residente na comuna, que nos oferece uma boleia.

“Sisi, seu namorado dirige?” ele pergunta a ela enquanto caminhamos em direcção ao portão. Ele está a caminho para oferecer um dia de folga para a sua família, diz ele. “Deixe-me levá-lo... já que está muito frio”, ele oferece.

“Ele não sabe meu sexo”, ela diz depois que ele nos deixa. — E ele pensou que você era meu namorado. Nós rimos.

Encontramos os outros educadores de pares na rua, fora dos seus escritórios no centro de Pretória. Parados em frente a uma livraria cristã que vende todo tipo de parafernália baseada na Bíblia, o grupo mulheres e rapazes que aparentam ser heterossexuais são uma mistura de nervosismo (“não vamos chegar a tempo”) e risadas estrondosas (“hawu, vimos ela

com um homem ontem à noite, agora ela quer dizer que está doente?").

O grupo de oito – meninos com calças jeans e camisetas; meninas oscilando em saltos brilhantes e arrasadores – destacam-se como um belo e desafiador dedão dolorido entre a multidão que se dirige para o trabalho ou faz tarefas matinais.

Durante a viagem de táxi, as últimas faixas do gqom explodem furiosamente. “Esse aqui faz todo mundo perder a moral”, um ri dos meninos e todos riem com ele.

Chegando ao Centurion Rugby Club, onde termina a marcha do Orgulho e onde uma miscelânea de barracas está a ser montada, descobre-se que o estresse de não chegar a tempo foi um tanto descabido. As meninas têm tempo de vestir os seus tutus.

Depois de decorar a clínica móvel com balões e fitas (“a clínica móvel parece tão gay hoje”, alguém brinca), Princesa e sua equipe montaram o seu gazebo. Isto servirá como acampamento base para as suas actividades de sensibilização. Em meio a muitas risadas, eles começaram a embalar sacolas de presentes contendo de tudo, desde lubrificantes e preservativos (masculinos e femininos) até multivitaminas.

Ocasionalmente, Katlego Serame, líder da equipa do projecto, começa a mexer. Ela é amplamente aplaudida. “Eu também posso mexer”, ela diz. “Mulheres trans podem mexer.”

“Temos um vínculo muito forte”, diz Princesa sobre as suas colegas educadoras. “Somos irmãs agora. Nós nos chamamos de família. Aprendo muito com elas.”

Tenda montada, decidimos ir até ao bar enquanto esperamos os que marcham no desfile deste ano entrarem-se no parque.

“Ah, adoro bebidas cor-de-rosa”, diz ela, saboreando o seu refrigerante com sabor de frutas e, ao mesmo tempo, lamentando os preços exorbitantes. “Isso faz o Orgulho parecer apenas uma coisa para ganhar dinheiro. Mas ainda assim, une as pessoas.”

Bebendo preguiçosamente nossas bebidas, observamos os foliões entrando lentamente no parque. Muitos deles são casais caminhando de mãos dadas, provavelmente gratos por um espaço para demonstrar os seus afectos. Princesa olha para um casal melancolicamente. “Sabe, às vezes você precisa de alguém. Meus relacionamentos nunca duram. Não sei se sou eu”, ela ri, autodepreciativa. “Como hoje. Está um dia tão lindo. Você quer ir para casa e poder compartilhar isso com alguém.”

Ela é interrompida por outra gargalhada de suas irmãs. Ela sorri enquanto olha para elas – Serame, a figura materna espirituosa, linda e confiante do grupo e Kinnah van Staden, a observadora de olhos calorosos e fala mansa. Princesa volta para a nossa conversa. Ela pode não ter alguém no momento, mas acrescenta: “Mas estou feliz. Eu estou sempre feliz.”

* * *

Veja o ensaio fotográfico, página 206–214.

O futuro de África não tem
espaço para homens negros
estúpidos¹⁸



P WAANGULONGII DAUOD

Rapaz, aquela noite foi pura energia.

Foi na noite em que vi C Boy pela última vez, algumas semanas depois, em março, ele viria a ser encontrado morto no seu quintal. A noite estava cheia de energia. O tipo de

¹⁸ Publicado anteriormente na revista Granta, 13 de julho de 2016

energia que África precisa para se reinventar. Feroz. Electrizante. Completo.

13 de janeiro de 2015. No segundo aniversário do dia e ano em que a Nigéria sancionou o projecto de lei anti-gay, honrei um convite por e-mail de C Boy para participar de uma festa secreta para homossexuais que ele estava a organizar numa discoteca em Kaduna. O convite mencionava vir junto com um parceiro que tenha disciplina suficiente para guardar um segredo. “O parceiro pode ser “hétero”, mas não deve ser homofóbico; um artista é preferível”, enfatizou. E por baixo havia uma nota que dizia: “Haverá uma sessão de brainstorming sobre a palavra AFRO-MODERNISMO. Estamos a dar um novo significado a isso. Por favor, estude previamente a palavra.”

Parecia uma ótima ideia, então liguei para uma amiga lésbica (fotógrafa, designer e blogueira) e fomos para uma boate em algum lugar em Kaduna South, conhecida como Barnawa.

C Boy era de Adamawa. O seu pai enviou-o para Zaria para estudar Engenharia na Universidade Ahmadu Bello, porque “queria que a sua família produzisse o primeiro engenheiro da sua cidade natal”. Mas C Boy tinha outro plano; ao chegar em Zaria, ele adiou a sua admissão, alugou um apartamento fora do campus e começou a aprender aplicativos de software, criação de sites e desenvolvimento de conceitos, sozinho. Fazia isto até à temporada seguinte, quando começava as aulas. Mas, mesmo assim, não estava entusiasmado. A maior parte das vezes, estava fora de Zaria, a viajar de autocarro

noturno até ao longínquo Port Harcourt para visitar o seu amante, um rapaz que tinha conhecido e por quem se tinha apaixonado através do Facebook, mesmo antes de ter sido admitido. “Meu pai pensava que eu era o engenheiro “obediente” da sua cidade natal. Mas sair de casa era abandonar seus caminhos e sonhos. Todo mundo pegou os seus sonhos. O do meu pai não é meu”, disse ele a um grupo de estudantes no seu apartamento, numa manhã de domingo de 2013. Estávamos a tomar um brunch de domingo.

Foi a partir das suas inúmeras visitas a Port Harcourt que encontrou uma comunidade gay e pensou em fundar uma em Zaria.

23h. Chegamos tarde. Um amigo deixou-nos numa rua distante do clube e implorámos que ele voltasse para nos buscar às cinco da manhã. Ele partiu e atravessámos a estrada até nosso destino. Minha parceira foi na frente até à boate; fui atrás, carregando a sua câmara, um bloco de notas e um pulôver extra. O harmatão era uma merda.

Juro. Os seguranças na porta assustariam John Cena. Eles nos permitiram entrar quando mostramos uma cópia eletrônica do convite no telefone do meu amigo.

Havia um balcão de check-in no corredor. Recebemos etiquetas. A minha dizia.

Nós somos a democracia do futuro, e o dela, **Na Casa do Pai Nosso, Há Muitos Amores**. Nós cantamos porque é assim. Logo entrámos para participar da festa.

C Boy, o nosso anfitrião, viu-nos de onde estava, junto à cabina do DJ, e dirigiu-se a nós, sorridente. As suas calças jeans, o cabelo pintado com dreadlocks e

o dashiki combinavam com a cor do vinho no copo que tinha na mão. Borgonha.

A festa pulsava. Era um festival de energia, de música, de cabelos, de ideias, de gays, de alegria, de moda. De linguagem, de amor, de sentido. Um festival de sonhos e de afirmação.

A minha parceira dirigiu-se ao bar para tomar uma bebida, e eu saltei para a pista de dança para embalar amigos perdidos, mas reencontrados e irmãos de longa data.

Conheci C Boy a 14 de setembro de 2012. Ele tinha sido convidado para se apresentar num concurso de poesia que eu estava a organizar no telhado de uma casa em Samaru, Zaria. Além de roubar a cena com a sua performance épica de palavra falada, ele discutiu com alguém que havia declamado um poema que zombava dos homossexuais. Ele estava furioso como um touro naquela noite. Ele teria matado a outra pessoa se não fosse pela multidão que lutou para o conter. Depois do evento, lembro-me, ele sentou-se afastado de todos numa cadeira de plástico amarela e chorou como uma criança. Ficamos amigos e logo começámos a nos conhecer: eu sou bissexual, ele é homossexual.

C Boy era o estudante de engenharia que poderia recitar de cor todos os estudiosos das humanidades e as suas teorias. Ele leu os textos pós-coloniais e odiou Walter Rodney. Foi através de boatos que descobri que ele havia desistido. “Sim, deixei a engenharia”, ele disse-me. “Não foi uma desistência, foi uma mudança.”

Clichê, mas a verdadeira natureza das coisas: se você for descoberto que é gay na Nigéria, você estará a caminho da prisão para apodrecer pelas próximas seiscentas e algumas

semanas da sua maldita vida. E isso é por pura sorte. Porque você nem sempre consegue, nem sempre consegue. Por que? Porque você é o demônio que precisa ser exorcizado, linchado, apedrejado até à morte, golpeado até à morte, queimado até a morte, espancado até a morte ou feito algo até a morte. Não importa como: você deve morrer, antes que a lei consiga passar para ver a sua situação. Então, para evitar apodrecer na prisão ou ser morto, você adota um amor secreto e/ou uma orientação heterossexual fingida.

Foi para interrogar novamente esta narrativa que C Boy abandonou a escola. Parecia uma ideia maluca e arriscada para um jovem de 24 anos abandonar a escola para tal projecto, mas C Boy teve coragem. Tudo o que ele queria era fundar um clube que atendesse às pessoas LGBT, um espaço onde pudessem se relacionar e encontrar expressão. Uma fraternidade calorosa para pessoas com “paixões semelhantes” que vivem numa sociedade que as demoniza. “O clube tem que ser um espaço subterrâneo cheio de energia”, ele me disse uma vez. “Eles não nos vêem, mas nós existimos. Tem que ser assim até que os malucos do governo revertam essa porra de lei.”

Em 21 de outubro de 2013, no dia do seu aniversário, ele fundou o clube organizando uma pequena festa de quinze pessoas (todas gays) no seu pequeno apartamento fora do campus que ainda mantinha. Ele o chamou de Party BomBoy (PBB).

Essa festa elevou para 11 o número de eventos do PBB dos quais participei. Desde concertos, microfones abertos,

leituras, exposições e empórios, retiros e piqueniques a slams de poesia.

O DJ arranhou o ritmo e parecia que o telhado iria cair sobre nós. Highlife é energia. Minha parceira de dança no momento era Maima, uma escritora de Lokoja. Nós continuámos. Dois prisioneiros foram soltos. Energia.

Era aquela hora de toda festa, aquela hora que vira turbilhão. Bebida e êxtase aprimorado pela batida afro. Aquela hora em que você perde o parceiro para a multidão, e fica indiferente à perda porque está absorto em balançar com outra pessoa. Todo mundo se torna generoso com o seu parceiro, com o seu espírito, com os seus cheiros e com o seu suor.

C Boy e eu saímos da festa para conversar um pouco antes de voltarmos. Dois meses antes, eu dissera-lhe que estava a escrever sobre o movimento gay no norte da Nigéria e que precisava de uma entrevista com ele. Então, já que estávamos ambos tão sobrecarregados, tínhamos pré-marcado uma breve entrevista para esta noite.

Sentámos à porta, nos assentos ao lado do balcão de check-in. Conversámos, compartilhando cigarros e bebidas. Hoje, ele parecia cansado e emagrecido. As suas olheiras tinham saído de uma forma perturbadora. “Estou apenas a lutar contra a depressão, mas confie sempre em mim, o seu mano está bem”, disse ele quando tentei descobrir o que estava errado. Nós rimos; abraçamo-nos. Pedi permissão para gravar nossa entrevista e ele tomou um gole da sua bebida, deu um toque ligeiro e acenou com a cabeça. “Você está a perguntar isso? Vamos; não me faça sentir uma celebridade. Vamos.”

Quando C Boy fundou o PBB, ele nunca soube até que ponto o clube desempenharia papéis importantes na vida de jovens como ele. Ele só tinha pensado em usar o dinheiro que ganhava com a criação de jogos e sites para apoiar e abrigar de sete a dez pessoas deslocadas por causa da sua orientação sexual no seu pequeno apartamento em Zaria. Ele ficou chocado com a realidade que surgiu logo após à fundação do clube. Em menos de um ano, cerca de 20 pessoas demonstraram interesse e aderiram ao clube. A maioria deles tinha medo de assumir o compromisso de familiares e amigos; outros foram rejeitados e expulsos de casa, sem abrigo, necessitados e famintos. C Boy estava em apuros: dinheiro, pagamento de mensalidades e custos de moradia eram enormes desafios.

Perguntei como ele lidou com a situação. Ele acendeu um cigarro e pensou por um momento antes de começar a responder.

“Mano, foi muito difícil. Você sabe, começar um grupo, um movimento como este não é como dirigir um partido

político. Não é um projecto que alguém, incluindo as ONGs daqui, queira apoiar. Como registar um grupo que já é criminalizado e demonizado antes mesmo do seu surgimento?”

“Foi muito difícil.” Ele parou de falar para dar outra tragada, bateu a cinza no cinzeiro e continuou. “O consolo estava apenas na realidade de que eu poderia reunir pessoas com problemas para que pudessem compartilhar os seus problemas num espaço próximo, mas acolhedor. A sobrevivência foi um desafio, mas, você sabe, como dizem, um problema compartilhado está meio resolvido.”

No início de 2014, o PBB conseguiu pagar dois apartamentos em Kaduna e Zaria, respectivamente, para qualquer membro sem-tecto e com problemas poder morar. Ambos estavam equipados com meios didácticos, computadores e Wi-Fi. O PBB conseguiu pagar mensalidades para 23 alunos dos seus membros “sem pais” e sem-tecto em diferentes faculdades e universidades em toda a Nigéria, e também fornecem bolsas de subsistência de todas essas fontes.

Embora o principal financiamento do PBB tenha vindo do C Boy, o clube conseguiu diversificar as suas fontes de recursos. Tendo pago para treinar alguns membros em fotografia, cinema, design de moda e criação de aplicativos, o fardo do financiamento diminuiu. Quase todo mundo era algum tipo de freelancer. Mais recursos vieram da venda de ingressos para microfones abertos, concursos de poesia, exposições e concertos. “Estes eventos são as principais estratégias através das quais o PBB envia sinais codificados à sociedade de que os homossexuais existem aqui e estão

prontos para continuar a existir independentemente de qualquer lei contra eles”, disse-me C Boy. A maioria dos eventos artísticos ao ar livre em Kaduna, Zaria, Kaduna, Jos e Gombe foram organizados e geridos pela equipa de desenvolvedores de conceito do PBB. E, claro, medidas rigorosas foram estabelecidas e seguidas para manter em segredo as identidades por trás dos acontecimentos. “Estamos a fazer com que a sociedade sinta a nossa energia ao fazer a curadoria desses eventos.”

C Boy riu e balançou a cabeça quando perguntei por que ele não estava a permitir que o PBB alcançasse organizações estrangeiras simpatizantes da causa LGBT. “Não acredito nessa besteira”, ele começou a esfregar os olhos. Levantou-se e correu para a cabine do DJ, falou nos ouvidos dele e voltou imediatamente.

“Sinto muito por isso. Apenas o lembrei de reservar tempo para nossa sessão de brainstorming. É importante.”

Ele sentou-se de frente para mim, de costas para a pista de dança. Olhei por cima dos seus ombros para a multidão para ver se conseguia encontrar a minha parceira. Eu não a vi. Parecia que todos haviam encontrado espaço e tempo para dançar pela primeira vez na vida. A música tocou, o ritmo continuou.

Acendi outro cigarro. C Boy olhou para mim com aqueles olhos entediados. Lembrei-lhe a pergunta que fiz; ele esfregou os olhos novamente.

Ele não gostou da ideia de ajuda externa à África, sob qualquer forma ou disfarce, particularmente “usar África como uma ferramenta de simpatia para beneficiar um sistema

organizado chamada responsabilidade corporativa”.

“Veja, é tão fácil atrair simpatia para esse tipo de causa. Internet e tudo mais, você sabe”, disse ele, estalando o dedo para mostrar como é fácil e rápido informar o mundo. “Mas a questão é esta, nós,

essas pessoas aqui, todos nós, não queremos ser usados como conteúdos e objectos de anúncios. Não quero quaisquer campanhas de simpatia nas redes sociais, especialmente aquelas inspiradas e promovidas junto de organizações ocidentais. Fazer isso seria objectificar nossos sonhos, nossas paixões e nossos corpos. Seria como a prostituição organizada. É barato e cruel com o que estamos a tentar fazer.

Estamos a aprender a parar de olhar para lá (o Ocidente), a descobrir como podemos nos ajudar aqui. Até quando continuaremos a pedir ajuda e assistência externa?” Ele parou de falar e pegou o seu vinho.

C Boy contou-me sobre os seus convidados – histórias que desafiam as narrativas convencionais sobre pessoas LGBT em sociedades repressivas como à África. Histórias de orgulho, ambição e rebelião. Havia Musa (nome fictício), 23 anos, um muçulmano Igala na pista de dança, cuja mãe viúva e analfabeta aceitou a sua sexualidade; ele trabalhou como engenheiro de estúdio para sustentar a sua família. Havia Kenny, 27 anos, um grafiteiro que é um cristão gay renascido que saiu de casa dois anos antes em busca do amor. Ele esperava que as coisas melhorassem para os gays na Nigéria, para que pudesse se casar numa igreja.

C Boy mostrou-me uma menina de 22 anos, de jaqueta,

minissaia e salto alto, que estava a estudar Bioquímica e a trabalhar num livro sobre Mulheres, Islã e Sexualidade no Norte da Nigéria. Ela ainda não havia informado nenhum membro da família sobre a sua sexualidade. Sentado em volta de uma mesa com amigos estava Joshua, um homem casado de 45 anos e professor numa escola politécnica. Ele era o homem mais-velho do clube. C Boy disse-me que Joshua estava a preparar-se para o divórcio e esperava deixar o país depois. Ele parecia ser o único ali a procura de um novo lugar.

Todos aqui reconheceram a legitimidade da sua sexualidade. “Ficaremos felizes sabendo disso até que a morte chegue”, concluiu C Boy. “E estamos felizes por saber disso. Nossos sentimentos são legítimos. Foda-se quem pensa o contrário.”

Ele tomou um gole da sua bebida, soltou o suspiro de quem tem muito a dizer, enfrentando enormes dificuldades para dizê-lo.

Ele acendeu um cigarro. Em vez de fumá-lo, ele segurou-o entre os dedos e olhou para o cigarro a brilhar e encurtando lentamente.

A depressão é tão desrespeitosa, tão assediante.

Certa vez, confiei a um menino quando estava na universidade sobre a minha batalha com depressão desde a infância e ele lançou-me um olhar de você está a falar a sério. “Os africanos não sofrem de depressão”, disse ele. “É uma daquelas coisas que os homens negros dizem agora para parecerem sofisticados como os homens brancos, como serem gays”, continuou ele, para minar ainda mais a genuinidade do meu sentimento. A sua opinião derrubou-me por dois

motivos. Primeiro, a maneira frágil como os humanos tratam uns aos outros. Segundo ele era aluno do último ano de Ciências Sociais. Como ele pôde ser tão estúpido?

11h43. Em 11 de março de 2015, o meu telefone tocou com esta mensagem: “Está aqui hoje novamente. Como nunca antes. Me fodendo como nunca antes. Eu perdi, perdi hoje. Covardemente decepcionante. Esse sou eu. Desculpe!”

Era de C Boy.

A porta estava trancada por dentro. Nós invadimos. Ele não estava em nenhum lugar da sala. As janelas tinham sido abertas. E quando chegámos à janela ao lado da cama e olhámos para baixo, nós o vimos. Ele jazia com sangue coagulado no chão de concreto do quintal. Durante todas essas horas ele ficou ali morto, com a cabeça dividida, e nenhum dos seus vizinhos sabia. Ele ficou lá e ninguém sabia. De qualquer forma, a morte é uma coisa individual. Assim como a depressão, é sempre uma transação individual. Sempre.

Chamámos a ambulância. E quando chegámos à sua família, eles nos imploraram para não revelarmos a ninguém a forma como ele morreu. “Sou um presbítero da igreja, por favor, proteja o nosso nome”, disse o seu pai ao telefone. As roupas da cama, do chão e das cadeiras pareciam que ele havia pensado no que vestir antes de subir pela janela e mergulhar. Havia livros semifechados na sua cama e mesa, e lápis, dicionários, blocos de notas, papéis, uma xícara de chá, cinzeiro, colheres, borrachas, apontadores de lápis, manuscritos encadernados em espiral, liamba embrulhada, uma Bíblia, livros devocionais, cartões inacabados de

paracetamol e aspirina, pulseiras e um laptop HP. Ele estava a trabalhar num livro, uma colecção de ensaios que reflectiam sobre o futuro de África. “Mano, este livro vai abalar este continente até às raízes. Caramba, mas fui chamado para escrever essa merda. Você sabe;

bons livros sempre arrastam”, disse ele com entusiasmo uma noite no seu apartamento. Ele acabara de voltar de uma visita à família em Adamawa.

De onde eu estava na sala pude ver um papel colado na parede. Aproximei-me para ler as palavras nele. Dizia O FUTURO DA ÁFRICA NÃO TEM ESPAÇO PARA A PORRA DE NEGROS ESTÚPIDOS.

Ele assinou a declaração com o seu nome.

Depois de duas semanas na morgue, o enterro acabou por ser realizado numa tarde quente em Zaria. Os seus irmãos e o seu pai não apareceram.

Por volta das 3 da manhã. Um concurso de dança e uma batalha de palavra falada/rap estavam em andamento. C Boy sugeriu que finalmente voltássemos à festa. Pausei a gravação. Nós nos mudámos para a pista de dança. E pela primeira vez desde que chegámos, vi minha parceira, suada, na pista de dança, derrotando o seu adversário.

Nós somos os concorrentes. Em nós, África encontra o seu verdadeiro ritmo para disputar. Se você entrasse aqui, veria todos nós – gays, lésbicas, bissexuais: pessoas oprimidas – nos recusando a lamentar as leis anti-homossexuais. Estamos a zombar disso; o luto, para nós, não é uma virtude. Estamos a reforçar a nossa paixão e existência neste salão, agora mesmo,

à nossa maneira. Sem que o mundo saiba, estamos aqui cheios de energia, resistência e sonhos. Somos risos. Somos fogos risonhos inteligentes. Nossos pés são fogo; assim como as nossas cinturas, as nossas línguas, os nossos olhos e as nossas paixões. Você nos veria em chamas, emitindo profecias. Somos fogos: fogos quentes e fumegantes, prontos para sufocar até à morte os lugares e as imaginações que ameaçam a nossa sobrevivência.

Se você estivesse nesta sala, sentiria como nos afirmamos através da música, das palavras, da dança, do cabelo, da moda, da tecnologia, das ideias e dos espíritos. Somos espíritos. Se você estivesse aqui, perceberia que não somos os demônios vagando por suas cidades e vilas com o mal e o pecado nos nossos corações. Não somos amantes rebeldes, perversos, estranhos ou engraçados.

Somos filhos dos nossos pais, filhos deste continente, filhos da natureza, da imaginação e da fome. Se você estivesse neste clube vendo as lágrimas escorrendo pelos nossos olhos, sentindo o suor nos nossos corpos, a escorrer do nosso torso até às calças, enquanto avançamos para o Afro-beat, Afro-pop, Highlife e Juju, você perceberia que **SOMOS FILHOS DE NOSSOS DEUSES**. Nós existimos.

Somos amigos, colegas de quarto, camaradas; libertando-se das nossas correntes e a saltar dos navios que navegam para lugares onde os nossos sonhos e a nossa existência seriam linchados. Nós somos os espíritos santos e preferimos lutar, afogar-nos em oceanos ferozes e manter seguras as nossas profecias do que sermos linchados por homens negros tolos. Somos filhos de África. E nós nos importamos em ser assim.

Os concursos foram concluídos. Fizemos uma pausa para o chá, para os cigarros, para as bebidas, para as casas de banho: para a transição. Nós somos o elemento mais proeminente da transição africana; em nós, á África ergue-se verdadeiramente. As raparigas dirigiam-se para a casa de banho com malas de mão, escovas de dentes e pulôveres. Os homens pareciam não se importar; ficavam por ali, a conversar, com copos de vinho e chávenas de chá na mão, a limpar o suor do corpo, a fumar. Agarrei na máquina fotográfica do meu colega e fotografei tudo e todos que via. Garrafas, sapatos, maços de cigarros espalhados pelo chão; silhuetas de casais a beijarem-se pelos cantos; rapazes a misturarem bebidas no bar e a gritarem uns com os outros; os penteados afro ou pintados ou presos ou moicanos ou simples, fotografei-os a todos, as raparigas a voltarem da casa de banho e os rapazes a reorganizarem os bancos. Fotografei-os. Aqui, somos as fotografias das pluralidades emergentes de África.

E quando nos acomodámos para começar a sessão de brainstorming, todos cheirávamos a suor, bebida, cigarro, confiança e excitação. Essa é a melhor parte de toda a festa, o momento em que você não reclama do cheiro do vizinho porque é um cheiro familiar, porque se mistura com o seu. Cheira à experiência mútua e luxúria.

Passar do modo de diversão para o discurso intelectual foi uma chatice. Todos sussurravam, bocejavam, mastigavam e arrotavam: as ressacas da festa. Os lugares tinham sido dispostos em círculo, por isso estávamos de frente uns para os

outros, independentemente do lugar onde nos sentássemos. Passei os olhos pelo círculo para ver o nosso número. Éramos 41. 17 raparigas.

C Boy e Jenny, a rapariga e a pessoa mais alta do grupo, respetivamente, iniciaram a sessão com discursos apaixonados.

Eu continuei a gravar. Estávamos a falar de afro-modernismo. Perspectivas. Teorias e contra-teorias. Citações e citações erradas, e o seu desmentido e desconstrução. Insultos. Raiva. Fúria. Aplausos. Batida de mesa. Sabedoria. Insensatez. Conclusão. Inacabamento. Bocas cheirosas. Línguas de fogo. Energia!

África está a alargar-se para se tornar também um CENTRO. África está a sair para tornar visíveis os seus próprios CENTROS, sedes, laboratórios e metrópoles. África está a crescer. Surgindo da loucura secular dos negros estúpidos. África está a descrever-se, a reescrever-se e a prescrever o seu futuro; está a se reinventar através da boca e da imaginação dos seus bebês e lactentes. Pois da boca dos bebês e das crianças de peito surgirão mistérios, invenções, inovações e afirmações.

Somos bebês e crianças de peito. E nossas línguas e imaginação são fogos.

Estes são os vários pontos e insights da sessão de brainstorming.

Não somos uma teoria nem um movimento. Somos espaço aberto: o mais novo género de África. Somos os

desempregados, os dissidentes, os técnicos, os pan-africanistas, os designers, etc., que saímos, no século XXI, nos nossos diferentes cantos, para desafiar a noção secular de que África pensa pouco, comercializa mal e é ainda pior a comprar.

“Os afro-modernos não fazem nada além de olhar para África e para África e para o seu futuro, com a esperança de a reinventar e reenergizar”, disse BabanGida, 26 anos. «Somos economistas, industriais e investidores a renegociar os termos e condições comerciais de África. Não somos “colarinhos brancos”, aspirantes ou meros funcionários públicos ou criativos coxos. O afro-modernismo defende a extensão de “todo este” continente até ao espaço onde se torna o centro do mundo.” Ele conclui o seu argumento com aplausos estrondosos e gritos. Os afro-modernos estão a renegociar e/ou a acabar com os contratos viciados contratos assinados pelos nossos antepassados e pelos seus estúpidos descendentes no poder que ainda hoje estão a arruinar o continente.

Os afro-modernos sabem do mau desempenho dos seus estúpidos antepassados no passado e agora recusam-se a lamentar isso. Eles conhecem o colonialismo e a escravatura e o neocolonialismo e o imperialismo e outros ismos desfavoráveis à África, mas não vão continuar a lamentar os feitos e a ganância de pessoas brancas diabólicas, vis, horríveis e criminosas como fizeram aqueles idiotas estudiosos pós-coloniais, o povo que desperdiçou uma oportunidade preciosa, antes e depois da independência, de criar um verdadeiro continente. Os afro-modernos não são

nem afro-românticos nem negritudes. Eles não são críticos e insultadores dos brancos, ou outros tipos de porcaria.

Os afro-modernos estão interessados numa visão não romântica de África. É assim que eles esperam vê-lo bem e, assim, recriá-lo. É assim que criam os seus novos currículos, as suas novas políticas, as suas novas artes e estéticas, os seus novos negócios, a sua nova indústria, as suas pluralidades.

Os afro-modernos são homens e mulheres cuja única família, indústria e negócios são África. E a busca constante é expandir, diversificar, energizar, imaginar e repensar. Somos agricultores, engenheiros, artistas, tecnocratas, industriais, cientistas, negociadores; profissionais que vivem e trabalham para África com o único objectivo de fazer crescer, elevar e promover a sua marca. Somos homossexuais, heterossexuais, bissexuais, transexuais e o que quer que seja, queimando para resgatar este continente das ruínas de homens negros estúpidos. Não somos apenas a geração do ponto de viragem; somos também a maior viragem, o maior ponto de viragem e a geração mais ousada de África.

Ishaku, 24 anos, estava de pé descrevendo como ele preferia que o Afro-Modernismo fosse conhecido, quando um dos seguranças foi até C Boy e sussurrou algo no seu ouvido. Eles saíram juntos para a porta, conversando em voz baixa.

Não demorou muito. C Boy correu de volta para o corredor, até à cabine do DJ e tirou uma sacola. Ele colocou algo no seu bolso de trás que eu não vi, voltou para a porta. Ele parecia perturbado.

Eram 4h15 da manhã. Algo estava errado. Um a um, toda a

gente

dirigiu-se para a porta.

Ouvimos sirenes tocando à distância do clube, aproximando-se. Houve um empurrão na porta. Uma corrida, enquanto todos corriam de volta para o corredor. Ninguém parecia saber exactamente o que era, mas a palavra “polícia” estava na boca de todos. “Eles vieram atrás de nós. Estamos presos”, disse alguém, não me lembro quem.

As sirenes estavam lá fora. Alguém empurrou C Boy com força pela porta e ele caiu de costas no corredor. Ele rapidamente levantou-se quando sete policiais mascarados e armados entraram. Houve um enorme silêncio. Outro policial, sem máscara e sem arma, entrou atrás dos seus homens. Os policiais começaram a revistar a cabine do DJ, os banheiros, o bar e os cantos escuros aqui e ali. Demorou de 10 a 15 minutos.

Eles voltaram e, com a arma apontada, pediram que todos sentássemos no chão.

Nós sentámos. Ninguém se atreveu a falar.

“Quem é o marechal aqui? Marechal Dominic?” O oficial não perguntou a ninguém em particular. Não havia ninguém. Nenhum marechal aqui.

“Ninguém aqui tem esse nome.” Era Josué falando.

Nesse momento, um dos policiais localizou um interruptor para as luzes mais fortes da boate e acendeu-as. As luzes do clube/laser eram fracas demais para ver rostos reais. O oficial tinha uma fotografia nas mãos; ele começou a passar de pessoa para pessoa, comparando os seus rostos com a foto. Ele deu uma volta e não encontrou nenhum fósforo.

Voltou para onde estava e acenou para os policiais irem até

à porta. Foi tenso. Senti uma dor no peito. Todos olhavam para ele com olhos que falavam de medo de linchamento ou prisão. Ele olhou para a fotografia novamente antes de olhar para nós, procurando. Então ele limpou a garganta. “Esse homem é um assassino e fomos informados de que ele estaria aqui esta noite. Ele joga aqui.” Ele aproximou-se de nós, levantou a fotografia para vermos. “Alguém o viu?” Balançámos a cabeça.

Ele saiu. Eles saíram. As sirenes começaram. E eles foram embora. O medo desumaniza. Medo de ser pego como gay na Nigéria humilha a humanidade de alguém. O medo de que a polícia da Nigéria o prenda por ser homossexual esmaga todas as suas entranhas.

Jenny começou a chorar. Joshua correu até ela, colocou a mão em volta dela e começou a chorar também. Leila juntou-se a mim, Kenny estava a gemer e a minha parceira caminhou até mim e soltou um grito alto. Então todos começaram a chorar como se tivéssemos acabado de ficar órfãos.

As lágrimas têm gosto de sal. Nossas lágrimas. Somos saís. O sal de África. E nós estamos aqui chorando porque somos pisoteados por todos os lados. Mas estes homens não sabem isto: que quanto mais nos pisam, mais saborosos nos tornamos.

Musa levantou-se e foi ao banheiro. Ao se virar para a porta, ele caiu. Um forte acidente. Corremos até ele. Ele estava a ter um ataque, a convulsão mais violenta que já vi em toda a minha vida. As suas mãos e pernas tremiam turbulentamente, como se tivessem vida própria.

Houve comoção. Corremos de um lado para o outro, com

água do banheiro. Tirámos as nossas roupas e o abanámos com elas. Corri para fora e o nosso amigo do carro estava lá a espera. Corri de volta e o carregámos para dentro do carro. Joshua e Kenny sentaram-se atrás e nós o deitámos sobre as suas pernas. A minha parceira sentou-se na frente. Eles foram para o hospital.

Eram 5h13 da manhã.

Todos estavam sentados no corredor, cansados e arrasados. C Boy sentou-se no banco perto do check-in.

Eu juntei-me a ele. Ficámos sentados em silêncio.

Acendi um cigarro e entreguei a ele. Ele recusou.

“Olha o menino, pobre menino. Você o viu?” Ele começou a falar, a sua voz quase chorosa. “O que ele fez para ficar tão assustado? Por ser outra coisa?” Eu não respondi.

“Podemos ter encerrado este evento de uma forma péssima, mas digo que fizemos uma grande declaração. Começámos algo.” Ele tirou um revólver do bolso de trás e manteve-o sobre a mesa.

“Não posso fechar os olhos e deixar que alguém machuque qualquer uma dessas pessoas. Não posso. Eu não posso.” Ficámos sentados em silêncio. Algumas pessoas começaram a deixar o clube.

“Preciso ir embora”, eu disse. C Boy não respondeu. Ele olhou para baixo. Fui até o bar buscar água e, quando voltei, ele não estava mais sentado no banco. Ele estava no chão, a chorar e a perguntar: “O que fizemos para morrer de medo assim? O que aquele rapazinho fez para merecer tanto susto? O quê?”

Eu não respondi. Se eu fizesse isso, lágrimas começariam

a escorrer dos meus olhos. Então, fiquei parado e observei aquele homem de 27 anos sentado no chão a chorar porque era homossexual. Eu não respondi.

Rapaz, aquela noite foi de energia. Na noite em que vi C Boy pela última vez. O suicídio também é um meio de voar para hibernar, e também um meio de energia cinética. Foda-se quem pensa o contrário.

6 pensamentos errados sobre ser um refugiado¹⁹



SARAH LUBALA

1

*Nos meus piores dias
este corpo
é um vaso de má qualidade
nada mais que dois pulmões e
um tremor
pregado a madeira recuperada*

¹⁹ Publicado pela primeira vez em Brittle Paper, 7 de janeiro de 2017.

2

*a tristeza viajou comigo
através do rio Ubangi*

*eu rezei pelo amor
e todos os seus cognatos
na travessia:
libet (agradar)
lips (ser necessário)
lyp (suplicar)*

*cheguei com
joelhos machucados
cabelos molhados
e a boca cheia de peixe salgado*

3

*estou tão
faminta
faminta
faminta
por santidade
por comunhão
por um Deus em que se possa
cravar os dentes*

4

*fui criada
no evangelho congolês
posso te ensinar a esquecer
de onde vens
a adorar a larga estrada à tua frente
mãos abertas
assim:
faça de cada palma
uma carta
para o céu*

5

*Beni é uma cidade
com uma delegacia de policia
aeroporto
mercado
muitas sepulturas*

*devo voltar
meu povo está a chorar*

6

*“lar”
é uma cama estreita para dormir*

Retracto de uma menina no muro da fronteira²⁰



SARAH LUBALA

Todas as mulheres da minha vida estão com fome.

*Já escrevi isso cem vezes
não sei mais como contar
como escrever
a menina na beira da estrada
o pêssego machucado
a gola estreita
a noite cheia de pássaros*

²⁰ Publicado pela primeira vez em The Missing Slate, 23 de fevereiro de 2017

*O seu corpo é um longo rio
que atravessa cada cômodo*

veja-a na cozinha

veja-a de pé atrás do portão

veja como ela enche as mãos

de sabão

de pão

de leite doce

Diga-me

onde devo colocá-la?

esta menina pressionada contra a fronteira

esta menina engolindo seus papéis inteiros

esta menina chorando como um pássaro através de uma

cerca

Veja suas mãos

segurando o pires quebrado

costurando a bainha da saia

segurando a última laranja

suplicando pelos nomes de Deus

Onde devo colocá-la?

Diga-me o que é devido

aqui

o punhado de cabelo

aqui

o lábio cortado

aqui

as pernas

abertas como fruta
Quem a levará?
esta menina-dor-de-casa
esta menina-rio-de-abelhas
esta menina-cantando-na-noite
esta garganta cheia de fantasmas

Notas sobre a morte negra e a elegia²¹

SARAH LUBALA

I

*Meu pai tentou matar a primeira esposa
em uma casa com janelas largas
e hibisco amarelo*

II

²¹ Publicado pela primeira vez em The Missing Slate, 23 de março de 2017.

*O meu amor não sabe
Nunca me pus nua
perante um homem*

III

Durante semanas tentei escrever um ensaio
sobre “Peste Negra e Elegia”

Em vez disso, componho cartas:

Mamãe,

EU estou a escrever para você do outro lado da água

os anos têm sido uma maré pesada

contra a minha costa

IV

Tanta coisa fica na garganta

dos homens nas estradas

os homens nos corredores

meus pulsos são pássaros vivos

pequenos e lamentando ao meu lado

V

Meu tio

passou uns vinte anos

telefonando durante o jantar para me dizer

que já foi uma criança-soldado

Oh senhor

os anos se ajoelham

Assentamentos Humanos



TSHEPISO MABULA

A DEFINIÇÃO DO DICIONÁRIO PARA UMA CASA é “uma casa, apartamento ou outro abrigo que seja a residência habitual de uma pessoa, família ou agregado familiar”, mas para muitos, a realidade é que onde você deita a cabeça é onde você chama de lar. Muitos residentes de Joanesburgo viajaram de longe para encontrar pastagens mais verdes; eles fizeram desta cidade vibrante o seu lar enquanto se esforçam para sustentar as famílias que ficaram para trás, na esperança de uma vida melhor.

Como filho de uma família da classe trabalhadora da zona rural do Cabo Oriental, sei muito bem como é ter de recriar uma casa, longe de casa. Você encontra esse espaço estranho, com paredes frias e desconhecidas e de alguma forma precisa

transformá-lo na sua casa. Então você faz isso – adiciona itens que o representam e o lembram do lugar que você deixou para trás, para que aquele em que você está agora possa se sentir tão caloroso e amoroso quanto aquele que você deixou. Você adiciona facetas suas, pertences pessoais e eventualmente você se acostuma com aquele espaço, ele torna-se o seu lugar de descanso, conforto, a sua serena sensação de felicidade, onde você descansa o seu corpo cansado após um árduo dia de trabalho.

Para muitas pessoas, a cidade de Joanesburgo é um lugar sem garantias e um lugar de incerteza; esta incerteza é evidente nos recentes despejos de edifícios no centro de Joanesburgo, resultando na deslocação de muitos residentes.

Este ensaio analisa as relações que as pessoas criam com os espaços que habitam através dos recentes despejos de residentes em edifícios de Joanesburgo. As pessoas que despejam os moradores estão apenas a fazer o seu trabalho, ganhando o seu sustento. Mas, no processo, muitas pessoas ficam sem abrigo e muitas delas não conseguem regressar aos seus países de origem porque a razão pela qual estão na cidade é para sustentar as pessoas no seu país de origem.

Este ensaio analisa como pessoas do mesmo espectro socioeconómico foram colocadas umas contra as outras num único dia, como um grupo passou do despejo de pessoas que são tão pobres como eles para jogar futebol na rua e isolar o edifício, e como o outro grupo ficou sem abrigo e sem esperança depois de ter sido despejado das casas que criaram.

O objectivo deste ensaio é destacar o problema da habitação no centro da cidade de Joanesburgo e como este

afecta as relações que as pessoas constroem entre si.

* * *

Veja o ensaio fotográfico, página 215–218.

Emprestado pelo vento



MEDALHA DAVID

“O QUE SE PASSA COM VOCÊS?” Jacó exige. —
“Ou devo dizer, vocês, meninas?”

O grupo de meninos, conhecido como manne principal, encosta-se durante o intervalo numa parede próxima à sala de Geografia. Herby passa por eles em busca de um professor e ouve a conversa. Ele olha para Jacó, que abre as pernas de modo que o uniforme escolar estica os seus membros poderosos.

“Mais seis meses e estarei a defender o meu país. Mal posso esperar.”

“Mas vocês... vocês são um bando de covardes. Fracos. Não é melhor do que...” Ele olha em volta e vê Herby: “...do que ele!”

Herby sai a correr.

Ao longe ele ouve as suas risadas. “Eu não acho que o exército iria até mesmo levá-lo”, grita alguém.

Ele e Jacó nunca se falam diretamente quando estão na escola, embora - como fez hoje - Jacó frequentemente zombe dele. Eles têm quase nada a ver um com o outro porque existe uma hierarquia firme. Jacó está no topo: um leão. E

ele? Um rato de campo. Não, cocô de rato do campo.

Mas há um grande, grande segredo. Herby abraça-o com alegria solene. A alegria dele irradia interiormente. O que nenhum dos outros meninos sabe é que ele e Jacó são amigos. Eles conhecem-se desde sempre – a família de Jacó mora na fazenda vizinha – e passam horas juntos: à tarde, depois dos extramuros, ou nos finais de semana. Na escola, Jacó é pouco mais que um canal para as opiniões previsíveis do seu pai e tios. Mas fora da escola ele é diferente.

O grande segredo deles inclui um segredo menor: Jacó – o herói do campo de rúgbi e escarnecedor dos meninos estudiosos – gosta de ler. Herby empresta-lhe livros e eles discutem sobre eles.

“Então ele é o seu homem?” pergunta Jacó um dia. Eles estão sentados na barragem da fazenda dos pais de Jacó, balançando as pernas. Estamos no final de junho, um dia antes do solstício de inverno. Tudo está seco, as colinas baixas cobertas de tufos de grama amarelo-amarelada; mas a água da represa é de um azul tão vívido que assusta os olhos. Onde eles estão sentados não está frio, mas as manchas de sol estão a ser rapidamente apreendidas por longas sombras que se desdobram.

“Quem é meu homem?” Herby está a ouvir apenas parcialmente. Ele está a saborear mais uma vez a sua amizade clandestina. Ele está obcecado com o próprio segredo. Ele sabe que Jacó nunca deixará de condenar meninos como ele quando estiver com outros amigos, mas isso não importa. Quando estão sozinhos, nunca mencionam a contradição entre os comentários agressivos que Jacó faz

na escola e a maneira como ele se comporta quando estão só os dois. Herby entende que a provocação não é causada pela crueldade do seu amigo, mas por algo nele. Ele traz isso para si mesmo. O irrisório Jacó está apenas a desempenhar um papel. Não é justo culpar o actor pelo que está no roteiro.

“D.H. Lawrence,” diz Jacó. — “Ele é seu homem, agora? Não há mais Kipling?” “Eu suponho que sim.” Um vento forte começa a puxá-los. Herby conhece bem este vento de inverno, pois viveu na savana durante toda a sua vida; e ainda assim, todos os anos, quando chega, ele descobre que contém algo desconhecido no fundo dele. Talvez seja porque as suas origens estão fechadas para ele. Ele não sabe o que sabe e nunca viu o que viu. Ele estremece. Jacó, porém, parece não sentir isso. Como sempre, ele está vestido com uma camisa de manga curta, shorts e combinação.

“O que você gosta nele?”

“Lawrence? Não sei. Acho que... acho que gosto dele porque ele quer que o mundo seja diferente. E que as pessoas sejam corajosas.”

Jacó esfrega o queixo. “Bem, então é melhor você me emprestar alguns dos seus livros.”

“Tudo bem, eu vou.” Feixes de Herby. Ele adora orientar a leitura de Jacó. “Acho que vou começar com alguns contos e depois...”

“Só não me venha com poesia”, Jacó sorri para ele. É uma piada constante entre eles: Jacó está disposto a ler histórias e romances, mas não poesia.

“Pena. A poesia de Lawrence é muito boa. Escute isso.”

Herby segura os joelhos com os braços, fecha os olhos e recita os versos com o que considera uma voz sonora:

Não eu, não eu

mas o vento que sopra em mim!

Um vento fino está soprando

na nova direção do Tempo.

“Hum”, diz Jaco.

“Vem de um poema chamado “Canção de um homem que passou”.”

— “O que ele passou? Quem?”

“Aquele homem.”

“Eu não sei. A vida, suponho.”

“Ele é sortudo. Ainda temos que passar pela Matric.”

Eles riem. Uma garça-vaqueira pousa próximo à beira da água e para ali. Ao longe, uma espiral de fumaça cinzenta sobe. Ao redor deles há um silêncio profundo; uma imobilidade, quebrada apenas pelo movimento das ondulações na água.

Jaco deixou a camisa desabotoada quase até a barriga e Herby pode ver a elevação dos peitorais e a linha de cabelos loiros escuros que descem por seu peito. Ele é assombrado por este corpo. Isso o cerca em seus devaneios e se infiltra nas visões que lhe ocorrem à noite. Ainda, desconhecido no fundo dele. Talvez seja porque as suas origens estão fechadas para ele. Ele não sabe o que sabe e nunca viu o que viu. Ele estremece. Jacó, porém, parece não sentir isso. Como sempre, ele está vestido com uma camisa de manga curta, shorts e combinação.

“O que você gosta nele?”

“Quase esqueci de te contar”, diz Jaco de repente, tirando Herby do seu devaneio. “Os cães mataram outro blesbuck.”

“Merda.” Herby balança a cabeça. “Isso é ruim. Seu pai deve estar muito chateado.”

Os pais do Jacó têm uma quinta onde criam animais selvagens, além de gado mais convencional. Nas últimas semanas, três blesbuck foram encontrados mortos, com as entranhas arrancadas, mas em grande parte intactos. O pai de Jaco acredita que os cães são os culpados e culpou aqueles que pertencem aos trabalhadores da fazenda dos pais de Herby – em particular, várias famílias que vivem perto da cerca do perímetro.

“Como você pode ter certeza de que são cachorros? Talvez chacais?”

“Não, meu velho diz que os chacais não abandonariam a carcaça assim. Eles comeriam.”

"Suponho que ele esteja certo."

“Ontem à noite ele disse que eu precisava lidar com isso. Ele sempre faz isso comigo.

Ele me obriga a fazer todos os trabalhos ruins.”

“Você disse a ele que não quer fazer isso?”

“Você sabe o que vai acontecer se eu fizer isso.” Herby assente.

“Você quer vir comigo?” Jaco está mastigando uma folha de capim.

Ele cospe. “Amanhã à tarde?”

“OK.”

“Ótimo. Vou buscar você logo depois da escola.”

As sombras se alongam. “Você não está com frio?” pergunta Herby. Ele olha para Jacó. O sol do fim da tarde

brilha em seu pescoço e braços. Parece que sua pele absorveu a luz.

“Não”, diz Jaco. Ele se levanta e se espreguiça. “Mas acho que é hora de ir para casa.”

Na tarde seguinte, Jaco busca Herby no bakkie de seu pai. Ele dirigiu por anos – já que suas pernas eram longas o suficiente para alcançar os pedais. Ele está de bermuda e camisola com os ombros de fora e trocou as sapatilhas por um par de botas. Os músculos da coxa da sua perna esquerda ficam salientes sempre que ele pisa na embreagem.

O seu humor mudou desde ontem. Ele franze a testa enquanto protege os olhos do sol com a mão. Herby se pergunta se houve uma altercação entre filho e pai. Ele tenta falar com ele, mas Jacó não diz nada, ou oferece respostas monossilábicas. Eles muitas vezes sentaram-se juntos em silêncio no passado e Herby sempre achou isso sociável. Mas hoje o tom do silêncio é diferente: é pouco generoso; e isso preocupa-o. Ele se pega falando demais.

“Ei”, ele diz. “Você quer ouvir mais daquele poema? aquele de ontem.”

Jacó nem olha para ele.

“DH Lawrence”, diz Herby. “Lembra?” Jacó pisa repentinamente no acelerador e o bakkie dá um solavanco e depois salta para frente.

O coração de Herby está a bater rapidamente. À tarde, que mal começou, já está a desmoronar ao seu redor e ele não sabe por que isso está a acontecer ou o que fazer para que pare. Sua boca está seca e a sua primeira tentativa de pronunciar as falas não teve sucesso. Se ao menos... ele

começa, e tem que parar e pigarrear. Quando ele finalmente pronuncia as palavras, elas soam estridentes para ele, como se ele tivesse 13 anos de novo e a sua voz estivesse embargada.

*Se ao menos, o mais adorável de tudo
eu me rendesse e fosse emprestado*

Pelo vento fino e fino

que segue o seu curso

através do caos do mundo

Ele pára.

“O que... o que você acha?”

“Sobre o quê?”

“Do... do que acabei de dizer.”

Jacó pisa no travão enquanto a estrada se estreita. As rodas da carrinha rangem contra o cascalho. No horizonte avistam-se as cabanas.

“Eu te disse”, diz Jacó. “Poesia é kak, lixo. É para moffies gays.”

Os trabalhadores daquela parte da fazenda moram em quatro cabanas. Três deles são feitas de tijolos de barro e ferro corrugado, mas o quarto, maior que os outros, tem paredes de tijolos e telhado de telhas.

Jacó estaciona a uma curta distância e caminha em direcção a eles. Herby segue, alguns passos atrás. Dois cães saem correndo quando se aproximam. Eles não são de raça identificável. Um é marrom e o outro preto e branco. O

maior dos dois, o marrom, late para eles e mostra os dentes. O menor late duas vezes e depois recua.

“Não amarrado”, diz Jacó, para ninguém em particular.

Uma mulher e um jovem emergem da cabana maior. A mulher acena uma saudação. O jovem está ao lado dela.

“Por que esses cachorros não estão amarrados?” Jacó exige.

“Os cachorros?” ela repete.

“Sim. Por que eles estão a correr por aí? Não estão amarrados?”

“O pai dele não disse que devemos amarrá-los.” Ela aponta para Herby. “Ele nunca disse isso.”

“Eles mataram o blesbuck na nossa fazenda”, diz Jacó, levantando a voz. “Não” ela diz. “Eles não...”

“Eles mataram nosso blesbuck.” Ele levanta três dedos. “Três mortos.”

Ela não diz nada. O jovem olha para eles. Ele não saiu do lado materno. Ao longe, uma vaca abaixa e um trator dá a partida.

“Eles passam pela cerca”, diz Jacó, pronunciando as palavras lentamente, como se as contassem, “e matam o blesbuck da nossa fazenda”.

Ela balança a cabeça.

“Não diga não. Estou a dizer a você. Eu os vi.”

“Jacó...” Herby sente que deve dizer alguma coisa. “Eu não acho...”

“Cale-se!” Jacó se vira e volta. Herby começa a segui-lo, mas vê que ele está curvado sobre as costas do bakkie, procurando alguma coisa. Ele o levanta e retorna para eles. É um rifle. A mulher cobre a boca com a mão ao ver. O coração de Herby bate ainda mais rápido. “Você vai

amarrar os cachorros?”

“Por favor...” ela tira a mão da boca e a recoloca.

“É uma pergunta fácil”, diz Jacó, “Sim ou não?” Há silêncio.

“Sim ou não?”

Ninguém se move. Jacó segura a arma, apontando para baixo. Eventualmente ela fala. “Devo perguntar ao pai dele.” Ela gesticula em direção a Herby.

“Pelo que? É o nosso blesbuck.”

“Trabalhamos nesta quinta”, diz a mulher. “Sua fazenda. Não é sua fazenda.” Herby engasga. Ele sabe que nada a pode salvar agora.

Jacó levanta a arma e atira no cachorro marrom. Ele cai na poeira e começa a se contorcer. O sangue escorre para o chão por causa de um ferimento no pescoço. O jovem corre na sua direção, mas a sua mãe puxa-o de volta. O cachorro preto e branco desaparece atrás de uma das cabanas. Jacó recarrega a arma e sai em sua perseguição. A mulher corre atrás dele.

“Não”, ela grita. “Asseblief, por favor.”

Herby não consegue ver o que está a acontecer, mas há outro tiro, seguido de vários gritos agudos. A arma dispara novamente e os sons cessam.

Jacó volta rapidamente para o bakkie, joga o rifle na traseira e liga o motor. Ele vai embora enquanto Herby ainda está a entrar.

Quando chegam à casa, ele desliga o motor e inclina-se sobre o volante. Ele geme.

Herby hesita. “Qual é o problema?” ele diz finalmente. “O meu estômago, está a acabar comigo.”

“Você quer entrar? Talvez tenhamos alguma coisa.”

“Não.” Jacó não levanta a cabeça.

“Você está bem?”

“Na verdade.”

“Não posso acreditar no que você... não posso acreditar no que acabou de acontecer.”

Herby move-se em direção a ele. A alavanca de câmbio está a atrapalhar, mas ele aproxima-se o máximo que pode. Jacó está com a cabeça entre os braços. Ele pode sentir o cheiro da sua transpiração. O seu olhar viaja da nuca até ao ombro, descendo pelo longo arco do braço.

Nesse momento tudo o que sentiu e viu ao longo da tarde começa a se acumular nele. Ele expande-se e depois contrai-se até que ele fique com nada além de uma imagem que o atrai inexoravelmente. É de Jacó, parado sob o brilho do sol de inverno, com as pernas abertas, apontando a arma.

Como se estivesse em transe, ele observa o movimento da sua mão. Ele acaricia a nuca de Jacó e depois desce lentamente pelo ombro, pelo braço, acariciando a pele e os finos pelos loiros do antebraço. Fica na mão. Nenhum deles se move e permanecem assim pelo que parece um longo tempo.

Eventualmente Jacó levanta a cabeça. Ele olha para a mão de Herby como se estivesse a perceber isso pela primeira vez. Ele solta a mão e inclina-se para abrir a porta da bakkie. “Fora”, ele diz. Herby hesita. “Agora!”

Jacó empurra-o para fora do bakkie. Ele bate o lado contra a porta enquanto tropeça e cai no cascalho.

“O meu pai estava certo sobre você”, grita Jacó enquanto se afasta.

Enquanto Herby caminha pelo corredor da escola, alguém o empurra e o joga contra a parede. É Bertus, um menino grosso e grosseiro – membro da gangue de Jacó. Ele agarra Herby pela garganta. Outros meninos os cercam e incentivam Bertus. Herby tenta ver se Jacó está entre eles, mas não há sinal dele.

“O que... o que você quer?” Ele sente como se a vida estivesse a ser arrancada dele.

“Um cãozinho,” diz o Bertus. “Na verdade, dois cãozinhos. Para brincar. Podes ser um deles. Eu vou acariciar-te...” – Ele percorre as suas mãos carnudas pelo cabelo de Herby. “Vou brincar com você... e então... quando já tiver tido o suficiente...” Ele dá um soco no estômago de Herby. Ele cai no chão. Os meninos começam a dispersar-se.

“Deixe Jacó em paz”, diz Bertus. “Ele contou-me o que aconteceu ontem. Pare de incomodá-lo. E fique longe da sua fazenda. É problema dele o que ele faz lá.”

“Era a nossa fazenda.” Herby mal consegue pronunciar as palavras. Ele está sem fôlego. E a revelação da traição trouxe amargura à sua boca. Ofegante, ele diz, mais alto: “Era a nossa fazenda.” Mas ninguém o ouve.

A dor infiltra-se nele. Acabou, ele sabe. Ele e Jacó nunca mais trocarão uma palavra.

Trinta e um anos depois, Herby recebe uma mensagem no Facebook, acompanhada de um pedido de amizade.

“Ei Herby, é você?” A mensagem diz. É Jacó. Jaco Kleynhans.

“Como você está? Já faz muito tempo. O que você tem feito?”

Ele fica a olhar. Ele não sabe o que fazer.

Eventualmente ele aceita o pedido e responde. *“Sim, sou eu”* ele escreve.

“Estou bem, obrigado. Espero que você também esteja?”

Logo fica claro que Jacó não quer perder muito tempo conversando no Facebook. Ele quer encontrar-se pessoalmente e o mais rápido possível. Herby mora em Joburgo e Jacó em Centurion.

Sem problemas, escreve Jacó. Apenas diga-me onde você mora. Eu irei até à sua casa, temos muito que conversar

Naquela tarde, enquanto espera a chegada de Jacó, ele fica apreensivo. Ele também está cansado: dormiu mal na noite anterior, atormentado por um sonho em que o corpo adolescente de Jacó lançava-se contra ele numa paisagem apocalíptica onde crianças percorriam ruas abandonadas, com os olhos ardendo em reprovação.

Ele pergunta-se o quanto Jacó se lembra da amizade adolescente deles e que versão dela apresentará hoje. Ele está intrigado: por quê o contacto depois de tantos anos? O que ele quer? Para relembrar os velhos tempos? Improvável. Algo para espiar?

Um carro aparentemente surrado entra na garagem e Jacó surge. Eles apertam as mãos e logo estão sentados na sala.

“Você tem um ótimo lugar aqui”, diz Jacó. Ele está vestido com um terno amarrotado e carrega uma pasta. Ele parece nervoso. Herby olha para ele. Ele sabia que Jacó teria

envelhecido; e este é realmente um homem de meia-idade. Mas ele não envelheceu da maneira que Herby esperava. Ele imaginou têmporas grisalhas, pés de galinha finamente gravados ao redor dos olhos, os mesmos dentes brancos, pele bronzeada esticada com mais força sobre a mesma estrutura óssea irrepreensível. O que ele descobre é desconcertante. Os olhos parecem estar inseridos muito mais profundamente no rosto, a pele é pálida em algumas áreas e manchada em outras, e os dentes são bastante longos e bem diferentes daqueles de que ele se lembra.

Procura o jovem que conheceu e de vez em quando o avista: numa frase, um giro dos lábios, uma mão apoiada no queixo. Mas é como se esse jovem tivesse sido mantido prisioneiro por um cientista maligno que adensou o passado no presente e deixou o lodo resultante congelar em torno do cativo.

“Você parece bem”, diz Jacó. “Não parece ter envelhecido tanto. Acho que a vida te tratou bem?”

“E você?” Herby não responde ao elogio nem à pergunta. Ele não pode retribuir à primeira e não tem certeza de como responder à segunda. “Foi bom para você?”

“Quem pode dizer?” Jacó joga a cabeça para trás. “A vida é uma vadia astuta. Morde-te na bunda quando você menos espera.”

“A sua família ainda tem a fazenda?”

“Não. Perdemos isso há anos. Antes do meu pai morrer. Então, o que você faz agora?”

Jacó parece relutante em responder. “Falarei disso um pouco mais tarde”, diz ele. “Vamos terminar o nosso café primeiro. Depois teremos uma pequena conversa sobre isso.”

Ele é divorciado, diz a Herby, e está a lutar para se

recuperar financeiramente. “Aquela vaca. Ela levou-me para a lavanderia.” Ele é pai de duas filhas adultas. — Uma tem um filho, mas não é casada. A outra é casada com uma pessoa de cor.

Ele é um avô! Herby não comenta isso. Em vez disso, ele diz: “Então, como você se sente a respeito disso? Ter um genro de cor?”

“Ah, estou bem com isso.” Jaco tira um maço de cigarros do bolso e olha ao redor da sala. Quando vê que não há cinzeiros, coloca-os de volta no bolso. “É a nova África do Sul”, diz ele. “Tudo mudou.”

“Mas você mudou?”

“Totalmente. Transformado. Temos que.”

Herby olha para ele, lutando para encontrar mais do velho Jacó. Mas não: o corpo que aos dezessete anos ele conhecia tão bem e que desejava conhecer melhor agora não oferece nada além de uma grotesca incompreensão.

“Não é verdade para mim”, diz ele. “Talvez eu tenha mudado, sim. Mas eu não sou *transformado*.”

“Ah, eu sei exactamente o que você quer dizer.” Jacó pisca para ele.

“Não se preocupe com isso. Somos todos racistas de coração.”

“Não, não. Não é isso que estou a dizer. Estou a falar de algo diferente.”

“Não tenho certeza se estou a entender.”

Herby não sabe a melhor forma de explicar isso a ele.

“Se estou transformado, se sou – digamos – uma pessoa

totalmente nova, então devo ter me livrado de tudo que estava dentro da pessoa antiga. Mas isso não é possível.” Jacó parece ainda mais confuso.

“Bem, aqui está um exemplo. Violência. Está em mim. Está em você. Nós crescemos com isso. Poderíamos tomar a decisão de nos livrar dela. Mas como faremos isso?”

“Em você? Mas você não é uma pessoa violenta. Você nunca foi.”

“A violência não é apenas uma forma de ferir as pessoas. É também uma forma de conhecimento. E muito difícil de desaprender. Veja à África do Sul hoje.”

“Uau”, diz Jacó, “isso está a ficar profundo demais para mim. Muito profundo. Sempre pensei muito sobre as coisas.” Ele pega a sua pasta. — “Mas você sabe, Herby, toda essa conversa sobre vida e morte e sobre o que se trata é na verdade mais objectiva do que você imagina.” Ele pega vários panfletos e coloca-os na mesinha de centro. “Quero contar-lhe uma coisa”, diz ele. “Velhos amigos são especiais. E o que você é? Meu amigo mais antigo do mundo. Então quero fazer algo especial para você. Acredite na minha palavra: oportunidades como essa não surgem todos os dias. Vou apresentar a vocês um produto único. É um privilégio compartilhar isso com você.” É a vez de Herby ficar intrigado.

“Tudo será revelado”, diz Jacó. “Apenas me dê um pouco mais do seu tempo e eu explicarei tudo. Venha, sente-se ao meu lado.”

Herby tem que sentar-se bem perto de Jacó enquanto eles

se debruçam sobre os panfletos. A proximidade deixa-o inquieto. Jacó cheirava a sol e suor; era um cheiro desagradável e sem remorso, e emocionou Herby. Agora ele cheira à loção pós-barba doce e rançosa e a fumaça de cigarro. Por mais fortes que sejam esses odores, eles também são tímidos, reprimidos. É como se houvesse algo escondido dentro do corpo que os exala e que o fez ficar envergonhado das suas próprias necessidades.

Mais tarde, Herby acompanhou Jacó até o carro. Ele promete pensar sobre isso. “Nunca tive interesse em comprar seguro de vida”, ele dá por si dizendo.

“Nunca pensei em uma política. Mas, como você diz, nunca se sabe...”

“É importante pensar no futuro. Afinal, meu amigo, não estamos a ficar mais jovens. Podemos desmaiar a qualquer minuto.” Jacó coloca a pasta no porta-malas e entra no carro.

“E como você mesmo disse, vivemos num lugar violento. Perigo em cada esquina. Quem sabe o que pode acontecer amanhã?”

Ele saca uma arma imaginária, aponta-a para a tampa e curva o dedo para indicar o accionamento do gatilho.

“Correndo o risco de me repetir: é um ótimo negócio. Eu não teria trazido para você se não fosse. Só escolhi você porque somos muito antigos.”

“Claro que sim.” Jacó entra no carro e abaixa a janela.

“Você vai me agradecer um dia”, diz ele.

“Eu agradeço agora.” Eles apertam as mãos.

“Ei”, diz Jacó. “Ainda lendo DH Lawrence?” “Não. Não o leio há anos.”

“O que você lê agora?”

“Coisas diferentes. Muita literatura sul-africana.”

“Não há mais livros britânicos?”

“Oh sim. De tempos em tempos.”

“Como?”

“Bem... eu gosto de Hollinghurst. “

“O que é isso?”

“Alan Hollinghurst. Ele é um escritor contemporâneo.”

“Nunca escutei dele. Alguma coisa boa? Vou pegar emprestado alguns dos seus livros, se você acha que vou gostar.” Ele liga o motor e pisa no acelerador várias vezes. A fumaça sai pelo tubo de escapamento.

“Ele é bom”, diz Herby. “Você não vai gostar.”

“Ah, bem.” Jacó acena para ele. “Saúde, meu amigo. Você tem meu número agora. Não seja um estranho. Veja aquele material que deixei para você e ligue.”

Breve.

Não podemos esperar mais 30 anos.

Herby acena de volta para ele.

Jacó começa a dar ré para sair da garagem. Ele pára e acena para Herby aproximar-se.

“Sabe, memórias são coisas engraçadas”, diz ele. “Vejo você hoje... tanta coisa está a voltar para mim. Você se lembra daquele poema sobre o homem que passou?”

“Claro.”

“Eu gostei muito”, diz ele.

“Sério?”

“Foi bom. Mas significa mais para mim agora. Não

sabíamos nada na altura. Que merda!”

“Achávamos que éramos groot manne, mas éramos bebês.”

“Descobri isso quando fui para o exército. Que merda de época foi aquela, hein?”

“Eu nunca fui para o exército.”

“Por quê?”

“É uma longa história. vou te contar outro dia.”

“Bem, foi péssimo.”

“Tenho certeza.”

Jacó tira as mãos do volante e passa-as pelos cabelos.

“OK. Então diga-me, Herby.”

“É o seguinte?”

“Já se passaram 30 anos. Eu quero saber.”

“Você é um homem que superou?” Herby faz uma pausa.

Ele fica surpreso ao descobrir como fica comovido com a pergunta; quase às lágrimas.

“Eu... não tenho certeza. Você é?”

“Pode apostar!” Ele coloca o carro em marcha à ré novamente. “Sou um sobrevivente”, ele grita acima do barulho do motor. “Eu estive triste, mas não estou fora.”

Ele buzina duas vezes antes de partir.

Herby corre de volta para a casa. Ele mal pode esperar para jogar fora os panfletos. Leva-os para a lixeira externa, não os quer na sua casa nem por mais um minuto. São uma fonte de contágio, disso ele tem certeza. Com que irão infectá-lo, ele não sabe dizer; mas eles irão infectá-lo.

Ele repassa mentalmente a visita várias vezes, repassando

todas as lacunas da conversa de Jacó e os aparentes abismos nas suas lembranças. A falta de interesse pela própria vida ele pode deixar de lado, mas não o que Jacó fez no passado. Ele parece pensar que pertence exclusivamente a ele; que ele pode fazer o que quiser.

É tão... qual é a palavra certa? Tão cínico. Covarde também. E não é só ele. As pessoas fazem isso o tempo todo: pegando emprestado do passado o que nunca poderão substituir e imputando-lhe promessas que sabem que não poderá cumprir. Ele tentou atrair Jacó.

– Especialmente com a referência à violência – mas não funcionou. No final, ele deixou-o escapar impune.

Ele vai para o jardim e senta-se num banco. O sol está prestes a se pôr. Ele ouve sapos coaxando perto do lago de carpas. Os seus vizinhos estão a tomar coquetéis: ouvem-se risadas e tilintar de copos.

Nessa suave preparação para a noite, a tarde cede. Herby cede e, ao fazê-lo, começa a libertar-se do que aconteceu antes.

Este Jacó que ele conheceu hoje não está a contaminar deliberadamente o passado. Ele está a saquear tudo, a vasculhar os tempos antigos, numa tentativa desesperada de encontrar algo que possa ser vantajoso para ele. Mesmo que ele se lembre exactamente de como a amizade deles terminou, não é do seu interesse relembrar isso. E mais: é muito fácil culpá-lo por tudo. Muito fácil e muito simplista. Afinal, ele estava a travar as suas próprias batalhas com o pai.

Sim, Jacó costumava abusar dele; mas ele permitiu. Ele sabia exactamente o que estava a fazer.

Sim, Jacó atirou nos cachorros; mas foi ele, Herby, quem

transformou o que testemunhou num problema. Foi ele quem enxertou o desejo no que aconteceu naquele dia.

Quase imperceptivelmente as sombras encontram uma nova direcção. Os objectos perdem os seus contornos à medida que a luz se transforma em violeta e creme.

O príncipe do karité



CHIKÉ FRANKIE EDOZIEN

LEVAMOS 12 HORAS EM UM AUTOCARRO DE “LUXO” para chegar até aqui. Os meus auscultadores com cancelamento de ruído bloqueiam a música gospel incessante que o motorista pois. Eu balanço ao som das minhas divas pagãs – Tina, Mariah, Beyoncé – e olho pela janela, observando a paisagem do Gana mudar de verdejante para esparsa.

A minha primeira impressão de Tamale é que ele é seco, empoeirado e baixo; não como a superlotada Accra. Os murmúrios Twi são substituídos aqui por fragmentos de Hausa e Dagbani. Não atravessei uma fronteira, mas sinto que estou num país diferente. Viajei para o norte em busca de mulheres. Aquelas mulheres dinâmicas que, depois de caminhar quilômetros ao amanhecer, colhendo nozes de carité, transformam-nas manualmente em manteiga.

Essa manteiga é utilizada em produtos de confeitaria, mas é mais conhecida pelas propriedades que nutrem o cabelo e a

pele. É agora um ingrediente chave no comércio de cosméticos. As mulheres que colhem o carité raramente tiveram a oportunidade de ir à escola, mas o rendimento do carité paga o sustento dos seus filhos, para permanecer na escola. Um desses “bebês de carité”, agora adulto, está a ajudar-me a navegar pelo terreno.

O nome dele é Will e ele é um galã. Vim escrever um artigo jornalístico sobre o desenvolvimento económico e o meu foco foi agora descarrilado. Estou distraído e “Heartthrob Will” é o culpado. Conversamos sobre carité, mas nos desviamos para outras coisas. Não tenho certeza de quantos anos Will tem, mas ele estima que tenha 37. Como muitas pessoas Gonja, ele não tem certidão de nascimento. Ele nasceu numa cabana perto de Navrongo e usa um feriado nacional aqui como aniversário, anotando isso em formulários e também comemorando esse dia, como outras pessoas fazem.

Will certificou-se de que os seus próprios filhos nascessem num hospital, onde os nascimentos são habitualmente registados. Hoje ele é funcionário de uma organização não governamental e sonha em ter uma cafeteria. Ele foi casado, divorciado e casado novamente. Ele continua a ser um ímã de bebês. As mulheres pairam. É fácil perceber porquê. Ele é magro e muito moreno, mas o seu sorriso e estilo inteligente fazem-no destacar-se entre os outros homens altos e morenos de Tamale. Ele prefere camisetas, calças jeans e tênis justos num lugar onde o traje tradicional costuma ser obrigatório. Ele tem a cabeça cheia e adora usar moicanos desportivos, com linhas raspadas. O cavanhaque e um sorriso alto enfatizam as suas covinhas profundas. Ele exala vitalidade num Tamale

descontraído. Encontrei um dândi.

Will vem de uma longa linha de processadores de carité. Estou impressionado com o seu profundo conhecimento. Mas é à sua maneira melódica de unir palavras comuns em inglês, a sua forma particular de elocução, que me faz sorrir mesmo quando ele não está a dizer nada profundo. Ao tomar notas, sinto que não o usarei na minha história. Em vez disso, encontro-me convidando-o para jantar comigo e com os meus amigos no Mike's Place, uma pizzaria com mesas ao ar livre que é popular entre o público expatriado.

Enquanto comemos, ele fala pouco, mas concentra-se em mim atentamente, olhando sempre que falo. Acho que podemos estar em território de flerte. Há uma tendência subjacente, uma vibração agradável que parece “deveríamos estar a conversar sozinhos e não com os seus amigos”. Fico nervoso e pergunto-me por que ele não está a usar aliança de casamento. Quando ele se despede de mim e diz que entrará em contacto, não tenho certeza se terei notícias dele. Talvez eu devesse ter convidei-o para comer sozinho comigo.

No entanto, Will me liga na tarde seguinte, enquanto estou no autocarro de volta para Accra.

Ele diz-me – ele não pergunta, mas diz-me – que me visitará no fim de semana seguinte.

Você não vai andar 12 horas de autocarro só para me ver, vai? Eu pergunto, um tanto incrédulo.
Claro que vou, ele diz.

* * *

Will lembra-me Lamido, o meu primeiro amor na Nigéria. Esse Alhaji deu-me o primeiro gostinho da realidade brutal de

perder o amor por escolhas culturalmente apropriadas. Will converteu-se do Islã ao Cristianismo. O nome William é o que ele adotou, mas não o que a sua família usa. Eu costumo chamá-lo pelo seu nome do norte, Anass. A nossa brincadeira é fácil. Ele tem esse jeito de pontuar as suas frases com exclamações enfáticas

- Perfeito! E sim, por favor!

Enquanto falava no autocarro de volta, ele pergunta se sou casado. Quando eu digo “não” e acrescento que sou gay, ele passa para outras coisas. Nenhuma surpresa, nenhuma curiosidade, nenhuma pergunta. Como se eu tivesse acabado de dizer: “Não gosto de meias”. Muitas vezes, os ganenses que conheço dizem que nunca conheceram nenhum homem abertamente gay ou que têm um primo de quem não são próximos; ou simplesmente fazem um comentário religioso quando isso surge. Mas Anass continua a falar, sem pausa.

Quando chegar à Acra, no próximo fim de semana, quer que eu lhe conte mais sobre a Nigéria. Ele parece já saber bastante sobre a minha terra natal e presenteia-me com histórias dos filmes de Nollywood que viu. Ele costuma pronunciar uma variação do meu nome Igbo: Chikenna! Ocasionalmente ele chama-me de Omalicha, ou “a bela”. Anass nunca saiu do Gana, mas o domínio do soft power da Nigéria é tal que Anass utiliza frases íntimas do Igbo.

Falamos em voz baixa, com os olhos arregalados, e penso comigo mesmo: “Estamos a brindar um ao outro?” Talvez estejamos. “Toasting” é uma forma nigeriana de flertar com as palavras.

Neste espaçoso apartamento que estou a alugar, passamos muito tempo reclinados na cama king-size e Anass usa gírias pidgin nigerianas para descrever as suas conquistas.

Eu corto estou bem, bem, oh. Eu simplesmente atiro, vou embora!

Na sua barriga há uma série de longas marcas de escarificação tribal Gonja. Começo a me referir a eles como o “relógio de parede”. Há uma enorme marca circular com 12 marcas tribais longas e finas que parecem se projectar do seu umbigo, três ao norte, três ao sul, leste e oeste. As marcas são elaboradas e eu as acho impressionantes. Muitas vezes passo o meu dedo sobre eles.

Essas marcas parecem uma obra de arte pintada na tela da sua barriga lisa. Quando ele tira a roupa, só consigo olhar. O físico magro e musculoso de Anass me silancia.

Naquele primeiro fim de semana que ele esteve comigo, passámos muito tempo dentro de casa, na cama. A conversar.

Ao chegar, liga para a senhora e diz, depois de desligar, que tem algumas coisas que você deve fazer como marido. Ele diz que a razão pela qual alguns homens não são casados é porque eles não querem a responsabilidade de cuidar de uma mulher ou ter que fazer check-in como ele está a fazer.

Anass tem uma maneira de raciocinar que é tão antiquada – mas não o consigo repreender por ser chauvinista. Por exemplo, ele diz-me que não cozinha mais porque não é mais solteiro. Por que devo ir para a cozinha quando sou casado? Esse é o domínio da esposa. Assim como colher carité é trabalho de mulher. No entanto, no meu apartamento, ele se junta a mim no trabalho na cozinha e depois faz a limpeza.

Ou é a maneira como ele explica a sua propensão a perseguir e foder mulheres mais jovens: não posso ficar com uma garota da minha idade ou mais-velha. Isso é muito antigo. “Velho demais para quê?” Eu pergunto. E ele responde simplesmente “ter filhos”. Então eu digo, certamente essa não pode ser a única razão para o casamento? Ele ri. Ele sempre ri. Comigo e comigo. É contagioso. Rimos das nossas divergências.

Assim como eu, ele adora animais e tem vários gatos e pássaros. Cresci na enorme megacidade que é Lagos, frequentei uma universidade na América e agora trabalho profissionalmente em jornalismo. Eu chamar-me-ia de mundano;

ele chama-me de ocidental. Ele cresceu numa área rural perto de Navrongo, onde a agricultura era o seu modo de vida até concluir o ensino secundário. O seu mundanismo hoje vem da cultura pop. Ele adora música nigeriana e apresenta-me novos artistas dos quais ainda não ouvi falar. O hit de Yemi Alade, “Johnny”, torna-se nossa música favorita para dançar em casa. A cantiga é sobre uma amante em busca do seu homem, um lotário a fazer malabarismos com muitas mulheres.

Anass vem nos fins de semana e fico mais ansioso do que o normal pelas sextas-feiras. Ele já esteve em Accra antes, durante os anos escolares. Mas quando ele me visita fica encantado com a cidade, ou pelo menos com o pedaço dela que habito. Cada vez que saímos do meu apartamento, ele sorri e passa os longos dedos pretos pelas grandes borboletas de madeira lá fora. O seu antigo colega de quarto aparece

algumas vezes, mas principalmente Anass adora as cordas do meu avental. Vamos “dançar” no Shisha Lounge, uma boate sofisticada, nas noites de sábado. Nem sempre dançamos, mas absorvemos o ambiente. Temos bebidas noturnas no Republic Bar & Grill, o adorável chop bar à beira da estrada. Bebo vários coquetéis de “akpeteshie” e de hibisco, conhecidos como kokokroto, e compartilho o meu frango assado picante e frito

batatas fritas de inhamé com Anass, que é abstinente.

No domingo de manhã vamos à igreja, com amigos. Com esses profissionais talentosos e endinheirados, ele envolve-se de maneira leve, mas mantém a sua atenção em mim. Mais tarde, Anass conta como está impressionado com eles. Ele gosta particularmente de Andres, o correspondente estrangeiro americano que é meu irmão. Quando vamos às reuniões à beira da piscina do Sunday Fun Day de Andres, Anass conversa brevemente com o pessoal do círculo de expatriados e depois nada comigo.

Cada restaurante que considero garantido é uma revelação para ele: do bistrô francês senegalês, Au Grand Ecuyer, à sensação tailandesa nigeriana, Zion Thai, na Oxford Street. Ele sorri bastante, divertindo-se. Os fins de semana com ele lembram-me da primeira vez que fui a Londres. Fiquei impressionado com tudo, desde as calçadas até ao metrô subterrâneo. Agora estou impressionado com o facto de Anass ficar impressionado com os nossos passeios na sua capital. Anass está de olhos arregalados em Acra, embora já tenha visto isso antes.

Mas não assim. Com você tudo é melhor, ele diz enquanto toma milkshakes no Pinóquio, uma sorveteria italiana em Osu. Até agora ele experimentou, principalmente a maravilhosa culinária do norte; raramente desejando algo diferente. O prato Tuo Zaafi, popularmente conhecido como “TZ”, e a sopa “kontomire”, uma delícia de espinafre, têm sido suficientes. Às vezes, comemos um alimento básico do norte, pintadas assadas em fogo aberto. Para mim é divertido aproveitar esses passeios rotineiros com alguém que tem quase a minha idade, mas não sabe dirigir.

E que se surpreende com o chá gelado tailandês. Passear ao entardecer é o nosso passatempo favorito. Os meus amigos acham Anass charmoso e presumem que estamos a namorar, até que ele diz algo sobre a sua esposa e filhos. Eles têm certeza de que eu não estaria a namorar um homem enrustido. Eu sorrio e sussurro: ele não é gay. Estamos apenas a sair. Os meus amigos são na sua maioria heterossexuais, mas Anass é um território novo para mim. Nenhum deles fala comigo em sussurros suaves, ou olha-me intensamente nos olhos, ou envia-me mensagens de texto a dizer o quanto eles são gratos pela minha existência. Nunca me pergunto se os meus amigos estão a “brindar-me”. Também não desejo passeios românticos ao luar com eles. Nenhum deles, quando estou fora da cidade, espera que eu ligue e diga que cheguei em segurança antes de ir para a cama. Anass obedece e diz: Tenho que ficar vigilante até saber que você está seguro. Agora posso ir dormir.

Com Anass sinto-me especial. Sinto-me amado.

* * *

Meu irmão e amigo Kenneth diz que um dia terei que aceitar o convite de Anass para ficar na casa dele em Tamale, em vez de no hotel de minha preferência. Ele diz que terei que estar preparado quando a sua esposa me chamar de lado e explicar que está ciente do nosso relacionamento e feliz por ter uma co-esposa. Comecei a rir histericamente. Ela vai dizer-te que tem muito trabalho para fazer com as crianças, então você terá que ficar de plantão o fim de semana inteiro cuidando do pau dele para que ela possa descansar. Essas piadas deixaram-me mais confiante. Na próxima vez que nos encontrarmos e nos deleitarmos na minha cama, pergunto: ele não quer que durmamos juntos? Eu quero. E eu quis desde o primeiro aperto de mão.

Ele parece nervoso e então diz: “Você sabe que tenho filhos. Para nós isso é um tabu.”

Não tenho certeza de quem somos “nós”. A sua comunidade cristã? Ou talvez o povo Gonja? Ou talvez ele queira apenas dizer ser ganense em geral. Ele diz que sabe que não é assim na América, onde passo grande parte do meu ano trabalhando, mas ele mora no Gana e, embora Chikenna seja livre para viver, Anass não é.

Eu pus-me no seu lugar por um momento. Recentemente, Gana tinha sido envolvido numa discussão nacional desagradável sobre os direitos dos homossexuais. Os jornais vendem mais quando ostentam “HOMOS” nas primeiras páginas. O tema favorito das rádios é quais os alegados gays a demonizar e como responder a governos como

o do Reino Unido, que vinculam a ajuda ao desenvolvimento aos direitos LGBT.

Grupos evangélicos estão a enviar emissários aos chefes rurais alertando-os sobre os “males” dos gays. Este é o clima carregado em que entro e saio, mas no qual Anass vive o ano todo. Tento ter empatia e também me sinto superior. Olhando para mim como se quisesse afastar o olhar presunçoso que tenho, ele avisa-me para não presumir que nunca estive com um homem antes.

Espere o que?

Quem te disse que nunca estive com um homem antes?

Deixei essa última afirmação pairar no ar; depois disse que talvez não fosse uma boa ideia sermos tão fofinhos se somos simplesmente amigos. O seu humor está a mudar, agora e não no bom sentido.

Mas por que, por que, por que! Você quer romper o relacionamento?

Anass insiste que somos especiais à nossa maneira e pronto. E quando eu me casar, ele será meu “padrinho.” “Todo mundo se casa, até mesmo os gays em Gana, assim como na Nigéria,” disse ele. E quando as crianças chegarem, depois das cerimónias na Nigéria, faremos um outdoor, um “beber e ver” público com o bebé, aqui no Gana. Agora o meu humor está a mudar. Estou a uivar de tanto rir.

Mais tarde, pergunto em voz alta aos meus amigos gays em Accra, Peter e Kwabena. Este casal diz que estou a ser ingênuo. Muitas vezes, dizem eles, os homens ganenses são “gays mediante pagamento”. Mas Anass não pede nada. Na verdade, ele muitas vezes pede para partilhar o que tem

comigo. Talvez a fuga da monotonia em Tamale para me ver em Accra seja suficiente para ele. Talvez sejam as histórias de lugares onde estive e como eram que ele anseia. Quando estamos em casa, muitas vezes ele pede para ver fotos de lugares onde estive recentemente, como Lagos, Nova Iorque, São Tomé e Joanesburgo. Claro, eu sempre pago a conta nos restaurantes burgueses que frequentamos, mas ele também está constantemente a encher-me de presentes, especialmente as roupas e lenços tradicionais que eu gosto.

Um presente caro que ele me dá é um fugu, um top tradicional indígena do norte do Gana. É feito de algodão fino, pintado e perfumado, e é muito mais bonito do que qualquer um dos que comprei. Vejo o primeiro lampejo de raiva em Anass quando, erroneamente, ele pensa que dei de presente aquele top para outro amigo. Alguns dos meus amigos urbanos de Accra dizem para deixá-lo. Ele está resolvido, discutem: esposa, filhos e agora tem um namorado emocionado (eu). Eles dizem, deixe-o procurar um namorado de verdade, se ele tiver coragem.

Mas eu não. Eu justifico dizendo que homens abertamente gays e homens heterossexuais casados podem ser próximos e não vou pensar demais nisso. Esta é a minha mentira. Anass não é apenas um amigo. Existe uma profunda atracção mútua, sobre a qual ambos nos sentimos impotentes para agir. Adoro a alegria desenfreada que emana dele quando me vê em público. O sorriso alarga-se e ele envolve-se num abraço. Uma vez lá dentro, Anass olha profundamente nos meus olhos e diz-me o quanto ele me aprecia. Gosto de ouvi-lo reiterar o quão especial ele me considera. E, enquanto ele sorri, os seus

trêmulos lábios vermelho-sangue chegam tão perto dos meus e então param antes de nos tocarmos. Segue-se a excitação e depois a confusão. Mas Anass nunca vai além. Enquanto estamos deitados na cama, ele gaba-se das suas conquistas anteriores enquanto passo os meus dedos sobre o “relógio de parede” na sua barriga.

* * *

Quando volto para a América, ele usa WhatsApp com frequência. Estou a namorar e feliz no meu relacionamento, assim como ele é casado e feliz. Está tudo arrumado. Mas fico chateado quando perco as suas mensagens. Faço um esforço para não entrar em contacto com muita frequência, mas recebo as suas mensagens e respondo.

Depois de meses, volto para o Gana. Na minha mente, segui em frente. Vou para Tamale. É a estação das chuvas. No momento em que o vejo, o grande sorriso aparece. No momento em que ninguém está ao alcance da voz, ele comenta o quão fofo eu sou.

Ele mostra-me a sua nova casa: uma casa que está a construir e que diz ser “nossa”. Quando ele insiste que voltemos para a sua casa actual porque a esposa dele preparou o meu jantar, acho que vai ser estranho. Mas qualquer receio que sinto desaparece quando o jantar é servido, com a sua esposa, filhos e parentes diversos. Eu como o TZ. Eu sinto-me em casa.

Volto para Accra e nos finais de semana ele visita-me. Mais uma vez ele comenta como eu estou lindo. Falamos sobre fazer amor. Agora ele está a insistir que o nosso

relacionamento nunca poderia ser um tabu. Quando conto para a minha esposa tudo o que você faz por mim, ela diz “ele te ama.” Naquela noite, ele contou-me histórias de mulheres divorciadas que se exibiam em Tamale. E dos seus amigos que as perseguem. As mulheres são apelidadas de BZs porque são “Bazan Wara” ou mulheres que são mães, mas abandonaram os maridos. Em algum momento entre a história dos BZs e o meu cochilo, ele abraça-me, fica sério e sussurra: “Você nunca sabe o que alguém sente por você. Eu te amo. Só porque nada aconteceu não significa que eu não te amo. Você não sabe o *futuro. Sê paciente.*”

Eu viro-me para olhar para ele e ele olha-me nos olhos. Ele declara: Chike, eu e você – para sempre, oh.

Ele está a sussurrar, desta vez com intensidade, para ter certeza de que entendi. Com os olhos bem abertos, as sobrancelhas arqueadas e sem sorrisos, ele vira o meu rosto para o dele e repete.

Chique. Eu e você – para sempre.

O homem na ponte



KIPROP KIMUTAI

Bem DEPOIS DA PONTE DE RIAKU, um local onde as árvores se reuniam à noite, Kwambai viu o brilho nos olhos de um homem e parou o carro. Saindo, ele olhou para a escuridão. Já era tarde, então a maioria dos homens já tinha ido embora, deixando para trás apenas os mais determinados. O homem estava apoiado nos trilhos da ponte, as mãos enfiadas nas calças jeans apertadas, como se possuísse a noite. Kwambai caminhou até ele, perto o suficiente para sentir o cheiro do seu casaco empoeirado.

Foi o homem que beijou primeiro. Ele era frio e áspero, mas Kwambai sentia como se estivesse a ser alimentado com mercúrio quente. Ele também ficou ansioso e agarrou os ombros do homem, enquanto a sua língua descia até o queixo

e o pescoço do homem. O homem agarrou Kwambai pela cintura e puxou-o para perto, juntando as barrigas. E Kwambai, naquele momento mais profano, lembrou-se de Chela naquela manhã. “Hoje em dia você tem barriga! Você não tem medo de engordar assim?” O seu rosto estava ausente então, apenas uma forma oval e opaca.

Kwambai recuou para olhar o rosto do homem. Ele parecia-se com Bob Marley – maçãs do rosto fortes, queixo estreito, nariz comprido. O vento sussurrou e Kwambai aproximou-se, desta vez alimentando-se dos olhos castanhos e líquidos do homem. O homem estendeu a mão e acariciou os seus lábios.

“Você é um homem educado. Eu amo homens como você. Leve-me até a sua casa. Eu seguro você bem.”

A mão de Kwambai se contraiu. O homem sorriu e olhou para o lado. Kwambai seguiu o seu olhar. Não havia nada para ver. Apenas silhuetas de eucaliptos no escuro.

“Qual o seu nome?”

O homem abaixou-se e tirou um rolo de liamba das meias. Ele colocou-o na boca, acendeu-o e inalou. Os homens na ponte nunca diziam os seus nomes. Eles mal se entreolharam. Todos vieram aqui para uma liberação rápida. Mas Kwambai continuou.

“Diga-me, por favor!”

“Você se sente como ngwai?”

Mesmo antes que Kwambai pudesse balançar a cabeça, o homem colocou a liamba na boca. Ele tentou inspirar, mas não conseguiu. O homem riu.

“Você não é uma pessoa de ngwai.”

Isso irritou Kwambai. Ele inalou com força agora com os olhos fechados. A fumaça foi directo para os seus pulmões e

ele tossiu até o mundo ficar turvo. O homem segurou-o pela cintura até que ele se acalmou.

“Inale de novo, lindo. Mas deixe esfriar na boca primeiro.”

Kwambai tentou novamente, prendendo a respiração enquanto o homem acariciava o seu mamilo.

“Você pode me chamar de Franco. Então, vamos para a sua casa?”

Kwambai abriu a boca, mas nenhum som saiu. O homem inclinou-se. Havia rugas no seu rosto. Os seus dentes eram minúsculos e marrons.

“Pare de jogar esses jogos, lindo. Quer dizer que você vai me deixar aqui sozinho? E com toda essa fome? E do jeito que eu já amei você?”

“Franco, me dê o seu número, por favor?”

“Agora, você está a pedir o número de telefone e o meu telefone nunca carrega! Como você vai me encontrar?”

Mesmo assim, ele digitou o seu número quando Kwambai ergueu o telefone.

“Estou com frio agora”, disse ele quando terminou. — Especialmente agora que você vai me deixar aqui parado. Kwambai tentou beijá-lo, mas ele afastou-se.

* * *

Quando Kwambai entrou no seu complexo e saiu do carro, ele sentiu como se tivesse se dissolvido. Ele teve que se tocar para afirmar que ainda estava lá. Mesmo assim, a sua casa, com as suas paredes de pedra bruta, intimidava-o com o seu brilho. Ele atravessou o hall de entrada, que tinha um arco alto de

tijolos coloridos, e tirou os sapatos. Uma vez dentro de casa, ele foi directo para a sala. A sua comida estava a espera na mesa da sala de jantar – uma tigela com dois pedaços de ugali marrom do tamanho da palma da mão e outra tigela com ensopado chepkarta sobre o qual haviam sido salpicados pedaços de teliat. Ele foi até a geladeira, que ficava na cozinha, do lado direito da sala, e serviu-se de um copo de mursik.

Foi quando ele ouviu alguém respirar por perto. Ele virou-se e viu Chela num canto da sala. Ela estava a usar um vestido laranja. Parecia colado nela como uma camada extra de maquiagem.

“Hoje em dia você simplesmente entra em casa silenciosamente, como um rato, como um ladrão.”

Kwambai foi até à mesa e sentou-se. O ugali estava quente e macio. O chepkarta levou-o de volta às alegrias da infância. Chela cozinhou bem.

“Estou apenas cansado, Chela. Há muito trabalho.”

“Uma pessoa não se cansa do seu povo”, disse ela, sentando-se à frente dele à mesa. Ela colocou os braços sobre a mesa. A parte inferior dos braços era muito mais leve. A da esquerda tinha uma cicatriz levemente saliente que ele adorava tocar à noite enquanto ela dormia, imaginando como ela se queimou quando criança, quando tentava fazer um bolo na cozinha da mãe sem permissão. “Um dia vou simplesmente deixar esta casa para você.”

Ele olhou-a. Ela abaixou a cabeça e inclinou-a para o lado. “Não será meu trabalho esperar por você todas as noites. Até eu deveria ir lá e procurar algo que pudesse chamar de meu.”

Ele continuou a comer. A ideia de que esta casa era tão

desconfortável para ela quanto para ele era avassaladora. Ela sempre pareceu possuí-la. A cozinha e o jardim exterior pertenciam-na.

“Vamos continuar a trabalhar duro, Chela. A vida não é fácil.”

Ele estendeu a mão para segurar as mãos dela. As suas palmas eram de borracha. Fazia com que ele se sentisse um menino.

“Você pode plantar as rosas amanhã, Chela. Eu sei que você vai adorar isso.”

“Você cuida do jardim. Não vou sofrer mais. Amanhã não me encontrará aqui. Especialmente agora que as crianças estão com a Cũcũ.”

Ele amava aquelas crianças. Kimaiyo, que já tinha sete anos, sorria tanto para mostrar os dentes perdidos, fazendo Kwambai temer que a sua pele não conseguisse se recompor quando ele parasse. Chebet tinha apenas três anos. Poucas palavras. Andando pela casa a dizer “baba, baba”.

“Talvez suba para conversarmos um pouco?” Chela perguntou, enquanto os seus olhos lacrimejavam. “Vou fazer um chá masala.”

Ele ficou quieto por um longo tempo, até que ela retirou a mão dele. A sua respiração ficou alta.

“Se houver mais alguém, Kwambai, diga-me”, disse ela, levantando-se e cruzando os braços. As suas bochechas estavam a tremer. O seu vestido laranja não estava mais colado à sua pele. Ele havia crescido e assumido uma forma independente dos seus contornos.

“Não vamos começar essa luta de novo, Chela. Já é tarde demais.” Ela fechou os olhos e colocou a mão na testa.

“Ngai, nunca vi um homem como você. Para começar, nem sei o que estou a fazer aqui.”

Ela levantou uma ponta do vestido para enxugar os olhos. Ele virou-se e olhou para a sua comida. Ele não havia começado a segunda bola de ugali. Mas ele havia eliminado o teliat e o mursik. Ele levantou-se e começou a afastar-se.

“Deixe-me ir dormir.”

“Você assusta-me, Kwambai”, disse ela. “Você é um daqueles homens quietos que acordam um dia e matam toda a família. Mas você não vai tentar isso comigo.”

Ela bateu palmas de fúria quando ele começou a subir as escadas.

“E lave as mãos antes de dormir. Que tipo de pessoa é você? Você vai dormir assim mesmo?”

Ele caminhou obedientemente até a pia e lavou-se. Naquela noite, na cama, ele encolheu-se num canto e pensou nos olhos de Franco. Pensou em como Franco se pressionara contra ele, em como o farfalhar das árvores os incentivara.

* * *

Ele ligou para Franco na manhã seguinte, às dez. Chela havia saído 15 minutos antes e estava sozinho no pátio, que dava para o jardim, aproveitando a luz do sol que brincava nos seus pés. A sua voz tremeu quando a ligação foi completada.

“Como está, Franco?”

Houve estática no início, depois uma voz ecoou. “Estou bem, lindo.”

“Achei bem cumprimentá-lo.”

Por um momento, Kwambai teve medo de que a ligação fosse desconectada. Por um momento, todos os arbustos e flores do jardim transformaram-se numa mistura de verde, vermelho e amarelo.

“Isso é bom. É bom cumprimentar uns aos outros. Peça também que você se importe comigo. Esta vida agitada é difícil.”

“Eu tenho pouco trabalho.”

“Qual, agora?”

“Pequenas, pequenas coisas para o jardim.”

Ele deu-lhe instruções para chegar à sua casa. Duas horas depois, a campainha do portão tocou. Kwambai abriu e viu Franco. Ele estava um pouco curvado e as suas calças eram grandes demais para ele. Ele usava botas de safári empoeiradas e os seus olhos movimentavam-se como os de uma pessoa que tinha visto demais.

“Que bom que você veio.” Franco ergueu a cabeça e sorriu. “Ninguém recusar trabalho.”

Eles caminharam até ao pátio, onde Kwambai lhe serviu sumo de lichia.

Franco engoliu tudo e Kwambai teve que lhe servir mais. “Está a se divertir?”

“Sim, você me ligou para trabalhar?”

Ele não era mais o homem de jeans apertado, encostado nos trilhos da ponte no escuro. Este Franco era um homem cuja boca estava tensa e cujos olhos olhavam para longe – para algo que só ele conseguia ver.

“É aqui que eu moro.”

“Você tem uma linda residência.”

“Deixe-me mostrar o lugar para você.”

Eles entraram no jardim e Kwambai sentiu como se estivesse numa nova terra. A propagação de corações roxos e pequenos raios de sol fascinou-o. Até as hastes vermelhas das flores, nas pontas dos galhos das árvores, pareciam balançar mais agradavelmente enquanto ele caminhava ao lado de Franco, que cheirava a cigarro. Eles pararam num canteiro de couve, logo atrás de uma enorme árvore mugumo. Ali, enquanto Kwambai falava sobre o tipo de escavação que precisava ser feita, Franco estendeu a mão e apertou as bolas. Suas palavras desapareceram quando Franco se ajoelhou e abriu o zíper da braguilha.

Eles caíram no chão e começaram a se contorcer como minhocas enquanto tiravam a roupa um do outro. Kwambai agarrou o ar como se fosse um colchão onde pudesse enfiar os dedos quando Franco entrou nele. Franco arrancou um vegetal da terra e espremeu-o com força até pingar um líquido verde, respirando desesperadamente como um gato moribundo. Ele pressionava o rosto de Kwambai no solo, forçando-o a sentir o cheiro de folhas encharcadas, enquanto levantava a perna nua para morder. A dor era lancinante, mas Kwambai pedia mais e Franco dava generosamente. Mais tarde, quando terminaram, deitaram-se na terra nus, protegidos pelas longas sombras da árvore mugumo e pelos altos caules das folhas verdes. Nenhum deles queria ficar de pé. Eles haviam afundado num mundo mundano.

“Gosto de passar tempo com você”, disse Franco. “A propósito, onde você mora?” perguntou Kwambai.

“Em Gachororo. Apenas aqui.”

Ele apontou e Kwambai soprou nos seus ouvidos, antes de lambe suavemente por dentro.

“Quem te ensinou essas coisas, lindo? Você é tão bom. Eu deveria ter você na minha cama todos os dias.”

Kwambai não respondeu. Ele podia sentir pedaços de galhos e folhas no solo húmido pressionando a sua pele.

"O que você estava a fazer na ponte?"

“Eu tinha acabado de trabalhar no Pato's. E você sabe como eu estava a coçar. Eu tive que conseguir alguém. Você conhece essas coceiras, quando elas vêm, elas vêm. O que você vai fazer? Aí eu desci lá na ponte, mas todos já tinham saído. Mas eu não poderia ir embora. Saio e vou para onde com toda essa fome? Então eu vi você a dirigir. Eu sabia, pela sua velocidade, que você também estava com fome e a procura. Você me deixa com tanta fome, lindo.”

Franco pressionou-se contra Kwambai e começou a morder o pescoço. Kwambai olhou além das folhas de couve e do gramado, para os limites da casa que podiam ser vistos. Ele fechou os olhos e retribuiu o beijo de Franco. Eles foram para um segundo turno.

* * *

“Você está feliz, Chela?” Kwambai perguntou.

Eles estavam sentados na sala, onde ele fingia ler um jornal. Chela tinha acabado de chegar da cozinha, onde estava ocupada a cortar e a lavar.

"O que você está a dizer, Kwambai?"

“Uau!” ele disse enquanto jogava as mãos para cima. “Nós até nos chamamos pelos nossos nomes. Para onde foi o amor? Existe alguma coisa aqui realmente?”

Os olhos de Chela se estreitaram quando ela ficou diante dele e colocou os pés tão próximos que parecia prestes a cair. Kwambai lambeu os seus lábios. Ele tinha se deitado no jardim com Franco. Ele havia cheirado a terra. Ele não poderia desejar que isso desaparecesse.

“É aí que chegamos agora?” ela perguntou. “Preciso terminar de cozinhar. Eu estava a fazer o seu favorito: ervilhas com linguiça frita.”

Kwambai olhou para a mesa de centro à sua frente. Estava limpa. Mas de alguma forma manchas vermelhas eram visíveis através do seu verniz brilhante.

Quando ele olhou para ela, ela estava a sorrir.

“Fale comigo, querido. Não fique quieto assim. Esta é a sua casa.” Ela foi para o outro lado do cadeirão e começou a massagear os seus ombros. Era tentador recostar-se e deixar aquelas mãos habilidosas suavizarem os seus músculos tensos. Mas ele sentiu o cheiro do spray de cabelo dela e os seus olhos molharam.

Quando ele viu uma formiga rastejando pela mesa, ele se levantou.

“Estou cansado de tudo isso - isso - isso - isso - eu nunca quis todas essas coisas, Chela.”

Ele pegou o seu copo de água e jogou-o na parede. Ele se quebrou em pedaços e os pedaços voaram pela sala. Chela ficou imóvel, com as mãos em volta do pescoço. Então, sem aviso, ela soltou um gemido longo e doloroso.

“Não me mate, Kwambai. Uauuiii! Eu tenho filhos, Jamie. Tenha piedade de mim. Uauuiii!”

Ele tentou alcançá-la, mas ela cambaleou para trás. Ela tropeçou numa das pernas do cadeirão e caiu no chão. Lá, ela gritou novamente e o ar ficou denso de pânico.

O segurança da casa adjacente gritou e bateu desesperadamente na porta. Quando Kwambai abriu, o homem perguntou o que estava a acontecer. “Você sabe que ninguém ouve nenhum som vindo deste lugar”, disse ele, “então, quando ouvi mamãe gritando, tive que pular a cerca.” Mas antes que Kwambai pudesse responder, Chela apareceu na porta e puxou-o para dentro.

“Omondi, não posso mais ficar aqui. Este me assustou hoje. Mesmo com toda essa riqueza, posso ir. Afinal, não é como se eu estivesse a morrer de fome antes de vir para cá.”

“Acalme-se, mamãe, acalme-se”, dizia o guarda.

“Olha, Omondi. Olha só o vidro quebrado. Não vou ficar aqui a espera para ser morta.”

Kwambai gritou e ergueu as mãos. “Você está a exagerar.”

Chela não ouviu. Ela correu pelo corredor estreito e subiu as escadas até o quarto deles. Kwambai e o guarda ficaram trocando olhares estranhos. Ela apareceu menos de dez minutos depois, arrastando duas malas pesadas, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Agora você saberá como é um lar sem uma mulher. Você vai entender como esta casa pode ser fria.”

Ela se aproximou de Kwambai. Sua blusa amarela já estava encharcada de suor.

“Eu fiz um trabalho para você de verdade. Esta casa está

nas minhas costas. Filhos que eu te dei. Mas quando terminarem de ficar com Cũcũ, eles não entrarão nesta casa.”

“Você planejou isso o tempo todo, Chela?”

“Planejar o quê? Você acha que é o tipo de pessoa que pode me perguntar como planejar?”

Kwambai quis responder, mas sentiu a mão de Omondi apertar-lhe o ombro.

“Essas coisas”, disse Omondi. “Basta falar sobre elas com calma. Deixe-me voltar ao trabalho.”

Chela agarrou a mão de Omondi.

“Na verdade, é você quem me ajuda a levar essa bagagem até o carro.”

Omondi colocou uma mala nas costas, pegou outra na mão e seguiu Chela para fora de casa.

Kwambai ficou parado e ouviu o barulho do cascalho enquanto o Mercedes saía do portão. Ele continuou parado até que Omondi espiou pela porta e disse: “Está tudo bem agora, mzee. Vou fechar o portão.”

Ele ficou de pé até a noite chegar e a sala escurecer. Foi quando ele deitou no cadeirão e dormiu.

* * *

Quando pagou a Franco para se mudar, dois dias depois, Kwambai fechou todas as cortinas da casa. Eles não saíam de casa, excepto para receber entregas de pizza havaiana e hambúrgueres de frango no portão. Bem alimentados, eles foderam até ficarem crus.

Kwambai ia ao banheiro e ficava surpreso por não estar sangrando, depois voltava para a cama e encontrava Franco

ansioso novamente, com os olhos arregalados enquanto transmitia Next Door Ebony no laptop. Quando saciado, Franco andava pela casa de cueca boxer, tocando as paredes como se elas estivessem prestes a desaparecer. No terceiro dia, a casa começou a feder e ficou impossível não sentir saudades de roupas recém-passadas e lençóis limpos.

“Preciso dar vida a esta casa”, disse Kwambai. “Há muita sombra.”

Eles estavam no cadeirão, Franco descansando a cabeça no colo, o cabelo despenteado áspero demais para ser acariciado.

“Você está preocupado, lindo?” ele perguntou, sentando-se direito. Ele tinha um jeito especial de olhar para Kwambai. Uma mistura de zombaria e carinho.

Kwambai sentiu os ombros relaxarem. Ele olhou para as estatuetas de porcelana acima da lareira – uma baleia, uma bailarina e um soldado. Chela os comprou de um vendedor ambulante na estrada quando eles estavam em lua de mel na Tailândia.

“Essa mulher vai fazer você envelhecer muito rápido”, disse Franco. “E você sabe que não me pagou pela minha jardinagem?”

Ele ficou diante de Kwambai, sua pele parecendo lisa como argila macia. “Você também terá que me pagar pelo trabalho que fiz hoje.”

Ele segurou os seus braços na cintura. Sua barriga se projectava um pouco, mas os seus ombros eram bons, com músculos fortes em forma de coque. Kwambai pegou a carteira no bolso de trás e tirou uma nota de mil xelins. Ele segurou a ponta da nota e ela balançou no ar. Franco agarrou-

o e pulou de volta no cadeirão, para deitar a cabeça no colo de Kwambai mais uma vez.

“Aproveite enquanto estou aqui. Vocês, homens casados, são complicados. Você não sabe relaxar e aproveitar. E do jeito que você ama banana. Minha banana grande e preta.”

Ele começou a se acariciar.

“Talvez isto seja tudo o que sempre quis”, disse Kwambai.

“Eu não quero que isso acabe.”

Franco se levantou e riu.

“Vocês, homens casados, só querem que tudo seja seu. Você quer que tudo leve o seu nome. Até essas paredes. Até minha carne.”

Kwambai levantou-se e beijou-o. No escuro, os lábios de Franco eram mais carnudos, com um toque de vermelho onde se juntavam. Kwambai tentou separá-los com a língua, mas Franco o empurrou para trás.

“Precisamos limpar esta casa. Está cheia de lixo.”

Franco abriu as cortinas da sala. A luz do sol entrou e Kwambai, sentindo-se exposto, escondeu-se atrás do cadeirão. Franco, por outro lado, estava sentado no parapeito da janela. Ele era um homem que amava o seu corpo, que parecia em paz com a luz, que brincava nos seus braços musculosos. Ele virou-se para olhar para o seu amante. “Se você quiser que eu fique mais tempo nesta casa, você terá que limpá-la. E você terá que adicionar meu pagamento. Este corpo não é construído com madeira.”

“Sawa, vamos começar a lavar os utensílios basicamente.”

Na cozinha, Kwambai percebeu a alegria que era

mergulhar os dedos em água com sabão. Como era fácil rir quando Franco tocava sua cintura com as pontas dos dedos frios. Como era fácil virar e tirar o que era necessário, para que os seus corpos pudessem juntar-se e isolar-se do mundo. Eles fizeram amor por toda a casa, até que finalmente escolheram um lugar favorito, um minúsculo banheiro de hóspedes. Lá, Franco parecia menor. Apenas um homem que sorriu timidamente quando Kwambai levantou o queixo com um dedo.

“Quanto tempo você vai me manter aqui?” Ele perguntou. “Eu te amo”, foi tudo o que Kwambai conseguiu dizer.

* * *

Foi no sábado seguinte que Kwambai viu o Mercedes de sua esposa chegar. Ele beijou Franco na testa e disse-lhe para ir esperar lá em cima. Quando ele abriu a porta, foi sua mãe Grace quem

entrou. Grace vestia calça branca e uma camisa com estampas tropicais, ambas compradas por Chela numa viagem a Londres. Ela caminhou lentamente até o cadeirão e sentou-se. Seus olhos estavam caídos desde a última vez que se encontraram. “Changei lekwenyu, como vai?”

Ele cumprimentou-a de volta e sorriu mais do que o necessário. “Ouvi dizer que ela fugiu, lekwenyu?”

“Quem?”

“A sua esposa. Ela chamou-me. Ela disse que você estava muito zangado.”

“Há coisas, mamãe. Coisas sobre mim, que eu acredito

que você deveria saber.”

Grace recostou-se no cadeirão como uma mulher que não tinha mais nada a oferecer à vida a não ser sagacidade.

“Eu sei, Kwambai. Eu sei quem você é. Eu vi você antes de você se ver.”

Seus olhos permaneceram sobre ele até que suas pupilas começaram a se dissolver.

“Mas você é meu filho. Você deve fazer o que é certo para poder viver nesta terra. Você deve fazer o que for necessário para que, quando envelhecer, tenha o que é seu. Esses dois filhos que ela levou consigo são seus filhos. Nessas horas é preciso olhar para tudo e decidir se a vida tem que ser assim. Olhe para esta casa. Isso fede.”

Mais luz entrou na sala. As nuvens mudaram e liberaram o sol. Ele fez o possível para limpar a casa. Mas agora, até a mesa parecia estranhamente torta. Cada canto escuro ameaçava revelar vestígios de seu suor, seu esperma, sua merda.

“Você é meu único filho, Kwambai. Preciso que você carregue a linhagem do seu pai. Eu sou apenas um recipiente e Chela também. Estamos aqui neste mundo para apoiarmos nos nossos homens e para lhes dar filhos. É por isso que o nosso povo diz que o respeito é sagrado, lembra um homem. Você é um homem, Kwambai.”

Kwambai mexeu os dedos. Ele lembrou-se da suavidade do seu smoking italiano no seu casamento. Ele lembrou-se de como tremeu quando o padre abriu a Bíblia e pediu-lhe que jurasse. Ele lembrou-se de outras coisas; como quando criança ele caminhou dentro de uma floresta e vagou por muito tempo,

até encontrar um riacho de água fresca para beber; como ele ficou sentado perto daquele riacho o dia todo até escurecer.

“Eu disse a Chela para esperar por mim no carro, lekwenyu. Você decide se ela deve entrar ou se deve voltar para o seu povo.”

Kwambai pressionou a unha do dedo esquerdo até ficar rosa. Pensou em mursik e teliat, em como derreteriam na boca quando combinados com ugali e chepkarta. Ele pensou naquelas noites quentes em que deixavam as janelas abertas e Chela se sentava à mesa de jantar enquanto ele navegava pelo WhatsApp. Ele pensou como seria fácil dirigir até a ponte todas as sextas-feiras à noite e parar por apenas 20 minutos.

Visitas ao site



BEM-VINDO LISHIVHA

ERNEST E EU Tínhamos acabado de sair do Liquid Blue, o bar gay na 7ª Avenida. Estávamos bêbados e a tentar pegar um táxi para voltar para casa. Os motoristas de táxi gritavam para as pessoas quando elas saíam do bar: Táxi para ir para casa! Táxi para ir para casa! Um motorista de táxi, usando um boné de couro marrom e um casaco de couro preto, aproximou-se de nós e ofereceu-se para nos levar para casa com desconto. Em vez de R80, ele nos levaria para casa por R50. Nós nos entreolhamos e concordamos silenciosamente. Ernest sentou-se no banco da frente e eu sentei no banco de trás. Após alguns minutos de viagem, percebi que ele perdeu a saída da Avenida Enoch Sontonga.

“Onde estamos a ir? Você deveria pegar a saída na Avenida

Enoch Sontonga. Nós dissemos que iríamos para o centro de Braamfontein, você sabe” eu disse, meio nervoso, meio mal-intencionado.

“Relaxe, quero pegar uma cerveja”, disse ele, olhando para mim pelo retrovisor e agitando o braço no ar. Ele parou mais adiante, na Solomon Street, depois de perder a curva da Aveida Enoch Sontonga. Era escuro e a única luz naquela área vinha das luzes da rua, mas havia pessoas circulando, fumando. Os mendigos na beira da rua ainda estavam de pé, cobrindo-se com caixas e cobertores.

“O que é isso? Para onde você está a nos levar? Por que você pararia no meio do nada?” De repente, fiquei com os olhos arregalados e com medo. Ele parou o carro e olhou para mim sem dizer nada pelo espelho retrovisor. Ele pediu a Ernest que entrasse no shebeen para comprar cerveja para ele, debruçado na janela, com uma nota de R20 na mão e apontando para o que parecia ser uma porta fechada. Ao lado da porta, três homens fumavam.

Aterrorizado com a ideia de estar separado de mim no meio do nada, Ernest soltou nervosamente um “de jeito nenhum.”

O motorista olhou para nós pelo retrovisor como se quisesse verificar se o caminho estava limpo. Então ele saiu, nos deixando sozinhos no carro. Ele voltou cinco minutos depois com dois Black Label Quarts. Ele ligou o carro e estávamos dirigindo novamente. Ernest virou-se, olhando para o meu rosto com atenção. Decidi quebrar a tensão e o silêncio com uma conversa. “Nem sequer soubemos seu nome antes”, eu disse, fingindo entusiasmo. “Jabu”, disse ele, soltando uma risada que pensei ser dirigida a minha pobre tentativa de

sondar sem parecer.

“E de onde você é, Jabu?” Continuei suspeitando que já pudesse estar a trilhar o caminho do aborrecimento.

“Eu moro na cidade”, disse ele, parando para abrir o Black Label com os dentes. “Você tem uma bela bunda grande”, acrescentou e engoliu a cerveja.

“E há quanto tempo você mora na cidade?” Eu persisti, ignorando o seu comentário.

“Moro com minha esposa e dois filhos. Estou lá há...” ele tomou outro gole e colocou a cerveja entre as coxas – “Já estou lá há três anos. Fiquei na prisão por cerca de cinco anos antes de me mudar para Marshalltown.”

“Mas não se preocupe, não sou tão perigoso”, diz ele, olhando para mim pelo retrovisor, deslizando a mão por trás para acariciar minha coxa, os olhos focados entre o retrovisor e a estrada. Eu educadamente empurro a mão dele para trás e digo: “Estou bem, obrigado” com medo de que me afirmar ainda mais pudesse ser letal. Quero me punir por não ter sido mais cuidadoso na escolha do nosso táxi. R50 é bom demais para ser verdade, deveríamos ter sabido melhor, lamento mentalmente.

“Por que você está a agir tão friamente” ele diz acendendo um cigarro “como se você não quisesse isso.” Nenhum de nós responde.

“Estou sempre a pegar meninos como você em Melville e eles estão sempre interessados. Não sei por que vocês estão a agir assim. Veja como você está frio. Você quer me dizer que estou a perder essa carne fresca?” Ele diz enquanto abaixa a janela, gentilmente o suficiente para soprar a fumaça.

Nenhum de nós responde. Dirigimos em silêncio por algum tempo enquanto ele fuma.

“Está bem então. Vamos nos divertir no The Factory” diz ele, jogando a bituca de cigarro pela janela.

Ele agora está dirigindo pela Ponte Mandela em direção ao centro de Braamfontein. Nós nos acalmamos um pouco enquanto ele se dirige para o nosso bairro e percebemos que está a nos levar para casa. Mas ainda assim, não respondemos. Ele para em frente à nossa casa e desliga o carro. Parece que estamos fora de perigo. Ele ainda não está pronto para desistir. Ele faz uma última tentativa.

“Tudo bem então, tudo bem. Pagarei sua entrada”, diz ele.

Até agora, nunca conheci ninguém que admitisse ter estado na The Factory. Sempre existiu como um lugar mítico, onde cada um tinha a sua versão do que ali acontecia. Era conhecido principalmente como um lugar onde homens casados iam fazer sexo com meninos. Este era o lar de orgias exclusivamente masculinas, com homens nus por toda a parte. Quase todas as vezes que The Factory surgiu, sempre se falou dele como um lugar que “aparentemente existe”. Ninguém ousou admitir que sim, muito menos colocar um convite na mesa.

Jabu começou a falar sobre o The Factory e com que frequência ele vai. Ele fica feliz em compartilhar, esperançoso de que com cada detalhe possamos aceitar a sua oferta. Quando não encontra um menino para dormir, ele vai lá passar um tempo conserto rápido. Recusamos educadamente e ele deixa claro que está a ir para lá agora porque recusamos. Às vezes ele leva os meninos para fazer sexo quando não os pode

levar para casa por causa da esposa e dos filhos.

Passo os dias seguintes criando minhas próprias versões do que acontece na The Factory. Estou a estudar Antropologia na Universidade de Witwatersrand e preciso de um caso para um estudo etnográfico onde a “observação participante” fosse o método de pesquisa.

A observação participante é um modo de investigação social que exige que o investigador esteja tão imerso na experiência vivida da investigação quanto os sujeitos do estudo. Foi isso, além da minha curiosidade sobre como o sexo tem sido a ferramenta central para o policiamento de pessoas queer, que decidi explorar e dar sentido a The Factory. Então, naturalmente, saí para minha primeira visita ao local.

* * *

The Factory é um bar de nudismo exclusivamente masculino localizado em Doornfontein, Joanesburgo. É anunciado como o playground definitivo para homens que querem deixar as suas roupas e inibições de lado para se entregarem às suas fantasias. Pela minha experiência, descobri que é predominantemente um espaço que serve como uma saída para homens que se identificam como heterossexuais procurarem sexo fora da ordem heteronormativa.

Passei alguns dias no The Factory em Doornfontein. Naquela época, perguntei-me se era um espaço queer – se o que acontecia ali era uma função da heteronormatividade, uma libertação dela ou um espaço que desafiava a heteronormatividade como instituição. Fiquei cada vez mais curioso sobre se e como seria possível encontrar um lugar para a The Factory e outros locais semelhantes que existem em todo o continente – dentro do paradigma da cultura e política queer.

Ao fornecer este relato detalhado das conexões e interações no trabalho neste bar de nudismo exclusivamente masculino, quero explorar se The Factory pode ser visto através das lentes da cultura queer como um espaço politicamente progressista que transgride a heteronorma.

Para fazer isso, quero examinar The Factory através das lentes do Counter Publics, conforme descrito por Michael Warner e Lauren Berlant. No seu artigo, “Sexo em público”, eles postulam que a privatização do sexo é onde começa o

policiamento do sexo e da moralidade. A ideia de que o sexo é um acto que só pode ser acessado por um casal heteronormativo no quarto resultou num arranjo público que se produz em todos os aspectos da nossa vida social. Eles postulam que é feita uma série de suposições sobre o que acontece na privacidade do quarto – e elas permeiam o domínio público.

Warner e Berlant sugerem que a melhor forma de dismantelar este tipo de arranjo é através do desenvolvimento de espaços contra-públicos que permitam às pessoas queer desfrutar do sexo, ao mesmo tempo que desafiam a ideia de o sexo ser um acto privado que só pode ser desfrutado dentro da instituição heteronormativa. Estes espaços existem e devem existir fora das práticas hegemónicas de sexo e sexualidade e procuram assim desafiar a heteronormatividade como a sexualidade ideal.

Criam o que Warner e Berlant chamam de “novas formas de cidadania sexual ou de género”. No seu livro, *The Trouble with Normal*, Michael Warner argumentou que a posição moral elevada que é assumida no nosso mundo predominantemente heteronormativo é ocupada por indivíduos ou grupos sociais que policiam as escolhas, práticas e vidas sexuais dos outros. Warner argumenta que a vergonha e a repressão sexual são dominantes numa sociedade heteronormativa. Ele sugere que a vergonha e a repressão sexual são ferramentas políticas cruciais utilizadas para determinar quem está incluído e quem é excluído numa sociedade. Para transcender a vergonha e a repressão, Warner postula que o sexo e a sexualidade devem ser vistos como

actos políticos. Usarei essa ideia de Contrapúblico dentro do paradigma queer para entender como o The Factory desafia ou reforça nossa compreensão da sexualidade.

* * *

Minha primeira visita é numa quarta-feira à tarde. Por ser a minha primeira vez, pensei em ir num dia de semana e por volta das 13h, quando teria menos gente. Isso facilitar-me-ia a aventura e não dominar o puritano em mim.

Embarco na longa viagem de Braamfontein a Doornfontein, onde está localizado o The Factory. Caminhar até lá dá-me uma noção de quão deserta e terrivelmente silenciosa esta área realmente é. Passo pelo Noord Taxi Rank, que está quase sempre congestionado de trânsito, pedestres e vendedores ambulantes. Passo pelo Estádio Ellis Park e pelo Complexo Comercial China City, perguntando-me quem nessas ruas movimentadas pode estar a vir ou a ir para o The Factory. Mais tarde, um dos bartenders disse-me que algumas das noites mais movimentadas são aquelas em que há jogos no Ellis Park.

A área é industrial; ocupada por fábricas e lotes abandonados. Há homens de uniforme azul andando por aí e aparentemente trabalhadores na hora do almoço. É extremamente silencioso. E há cerca de cinco carros estacionados do lado de fora. Há um velho negro parado do lado de fora da entrada com uniforme preto de segurança. Acima dele há uma placa que diz: “The Factory Bar”. Vou até ele e pergunto sem jeito: “Então... está aberto?” Ele confirma que sim, sem demonstrar desconforto. Ele aponta-me para a

porta.

“Você sabe se está cheio lá dentro?” Pergunto enquanto sigo na direção que ele apontou.

“Não é tão movimentado, às quartas-feiras neste horário geralmente não são agitadas..., mas há algumas pessoas lá dentro. Suba aquelas escadas e toque a campainha quando chegar lá”, acrescenta.

Eu faço o que ele diz. A porta vibra como uma campainha – ding dong. Percebo mais tarde que o som cria uma sensação de expectativa para as pessoas que estão lá dentro; eles sabem que devem esperar um novo corpo. Entro numa área mal iluminada. Mesmo numa quarta-feira, às 13h, a falta de iluminação cria a ilusão de que é noite. Uma balada suave toca no fundo. Um jovem negro, aparentemente com quase trinta anos, aparece do balcão. Ele está completamente nu, eu espio para ver seu pênis semi-erecto enquanto ele se aproxima do balcão.

“Sessenta rands”, diz ele impessoalmente, embora pareça que está me avaliando. Pego R100 e entrego a ele. Ele não me dá troco. Ele explica que o equilíbrio é mantido e cada bebida que eu pedir será deduzida daí. Isso faz sentido porque não terei bolsos para a minha carteira.

“Então, você está a ter um dia agitado hoje?” — Pergunto, tentando parecer indiferente.

“Na verdade. Tire todas as suas roupas e pendure-as aqui. Deixe os sapatos calçados”, diz ele, entregando-me o cabide com um barbante marcado com “26”.

“Onde eu me troco?” Eu pergunto enquanto pego o cabide.

Ele olha para mim com o que parece ser aborrecimento.

“Bem aí”, ele diz se afastando.

Acho que o número sugere que sou a 26ª pessoa do dia. Parada atrás do balcão, começo a tirar a roupa. Um jovem negro com um cordão verde na cintura e um pênis erecto fica parado e me encara. Eu dou a ele um olhar vazio, e então ele se vira e finge estar lendo algo na parede. Paro de tirar a roupa para observar sua pele morena brilhando na escuridão do quarto. Ele está a ler um pôster da Health4Men com cores de orgulho que diz “ninguém deveria ser discriminado com base em raça, religião” e em letras maiúsculas e em negrito “E SEXUALIDADE”. Health4Men é uma iniciativa dedicada a erradicar e reduzir a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis através de projectos de investigação e garantir o acesso a recursos sobre VIH e SIDA. Eles fornecem preservativos ao The Factory, frascos de lubrificantes e sachês.

Dois outros homens nus estão ao lado do homem que lê o pôster. Eles encaram-me enquanto ele continua a fingir estar a ler o pôster. Entrego as minhas roupas ao barman e caminho por uma pequena passagem atrás de um balcão. No final do balcão, vire à direita para entrar na área. Existem aquecedores e algumas paredes são espelhadas. O efeito cria a ilusão de que a área é maior do que parece. Mas também serve como um dispositivo interessante para a linguagem corporal que ocorre. Vejo pessoas se olhando através do espelho. Ao longo das minhas visitas, por vezes até vejo pessoas a admirar os seus próprios corpos nus e a acariciar os seus pênis, olhando para as pessoas através do espelho, como se quisessem convidar outras pessoas a participarem.

O local tem um desenho labiríntico, como uma obra

incompleta. Isso é deliberado. Cria uma sensação de mistério e intriga; dificilmente existe um espaço aberto onde todos possam se ver claramente, excepto na área do bar. Em vez disso, está cheio de cantos, passagens e pequenos quartos sem portas. Há um quarto perto da área do bar - o único quarto que tem porta com fechadura e o único quarto sem cama. É o único cômodo onde pode fechar a porta enquanto faz sexo, se masturba ou beija alguém.

Na área do bar, onde as pessoas podem se ver, você encontrará pessoas paradas a assistir pornografia nas telas de televisão próximas. Às vezes as pessoas ficam paradas como se estivessem a esperar para ver outras pessoas a fazerem sexo – o que, dependendo dos números, não é tão frequente. Se algo começa, as pessoas geralmente se aglomeram para assistir; se masturbar enquanto assistem.

Na verdade, ouvir pessoas a fazer sexo cria antecipação, aumenta a tensão sexual para e entre as pessoas que assistem. É como se eles esperassem se revezar, participar. Ocasionalmente, duas pessoas se beijando ou a fazer sexo ruidosamente podem fazer com que outras pessoas também comecem a se beijar. Há três telas na área do bar exibindo pornografia constantemente. Em quase todos os casos, a primeira tela exhibe pornografia com homens negros, a segunda mostra apenas homens brancos e a terceira tela mostra pornografia inter-racial. O barman é DJ do pornô trocando constantemente os DVDs. Não há som; as imagens existem para criar um ambiente e distrair as pessoas que podem se sentir sobrecarregadas com o que está a acontecer na área.

Para demonstrar interesse sexual, as pessoas geralmente seguem umas às outras e tentam acariciá-lo. Tudo isso é feito com muita delicadeza e sutileza. Ao fazer um movimento, é quase como se houvesse um acúmulo que começa com um aceno de cabeça ou uma piscadela, um toque suave e depois um alcance aos órgãos genitais. Um sinal de desconforto ou desaprovação é suficiente para mandar alguém embora. O local também é muito tranquilo. O baixo nível de som cria uma rede de segurança porque se alguém tentasse atacar você contra a sua vontade, um grito ou uma voz elevada seria ouvido por quase todos no bar.

Existem “buracos de glória” ao longo dos caminhos do labirinto – buracos do tamanho de maçãs nas paredes situados a uma altura média em torno do nível da secção intermediária, adequado para empurrar um pênis para o outro lado para fazer sexo oral. Também há correntes penduradas na área do bar com algemas. Durante minhas visitas, não vi nenhum encontro sexual ocorrendo nem nos buracos da glória nem nas correntes.

O The Factory está em funcionamento há 15 anos este ano. Rian van Wyk, que era frequentador assíduo, diz: “O The Factory passou por diversas mudanças. Deixou de ser uma barra predominantemente branca para se tornar predominantemente negra e bastante representativa da demografia da África do Sul.” Ele disse que a primeira vez que visitou o The Factory foi no Dia dos Namorados, quando se sentia “triste, solitário e com tesão”.

Seria a primeira de muitas visitas. Naquela primeira vez ele ficou impressionado. Com o resultado, ele não se envolveu em

muitas actividades sexuais, diz ele. Ele costumava visitá-lo quando estava com tesão e queria, pelo menos, estar perto de homens nus. “Passei as minhas primeiras visitas a tentar descobrir o lugar e as actividades que ali acontecem”, diz ele.

Ele começou a participar assim que entendeu os sinais e como tudo funcionava. Ele diz que agora só visita ocasionalmente porque há outros espaços para homens gays se encontrarem. A Fábrica é frequentada principalmente por homens negros da classe trabalhadora. Embora não seja de forma alguma um espaço apenas para negros, os negros representam a clara maioria dos clientes.

As únicas coisas que você pode usar no The Factory são sapatos, seu relógio e o cordão com o seu número. Em outros espaços sociais as roupas são utilizadas como marcadores sociais, aqui a base do julgamento é o corpo nu. Claro, eu poderia dizer muito sobre as aulas com base nos sapatos e relógios que os homens que circulavam usavam. Há um local na área do bar onde você pode ver as pessoas a entrar e pagar a entrada antes de tirar a roupa. Por volta das 13h, há homens que entram vestindo terno, gravata e traje formal e muitas vezes anéis no dedo anelar esquerdo. Estes homens abandonaram obviamente os seus locais de trabalho para “almoçar”. Quase todos saem depois de uma hora. Nas discussões durante as minhas visitas, descobri que às vezes eles param mais cedo e vão para a Fábrica antes de voltarem para casa, para as suas esposas e filhos.

Eu visito uma terça-feira à tarde. Não está muito cheio. Há cerca de

dez homens lá dentro. Nenhum deles está envolvido em actividades sexuais que envolvam contacto físico.

Eles estão apenas a andar, a olhar um para o outro e a assistir pornografia nas telas da área do bar. Dois homens começam a se beijar e a acariciar no andar de cima, numa passagem estreita com um colchão de couro que desaparece na escuridão no final. Assim que eles começam a se beijar, quase todos os homens do bar se reúnem em volta deles – satisfeito por finalmente ter alguma emoção. Não demora muito para que a pequena multidão se disperse. No entanto, há algo no encontro que é íntimo demais para ser assistido. Não há possibilidade de que isto se transforme numa orgia – ninguém mais está convidado. Afasto-me, surpreso ao ver como todos sabiam que deveriam deixá-los em paz – sabiam que nem deveriam estar a olhar.

O The Factorya tem a reputação de ser um espaço sexualmente selvagem. E, no entanto, o que acabo de testemunhar é um momento de sensibilidade e moderação. Ao longo das minhas visitas, testemunhei isto repetidamente: respeito pela intimidade de duas pessoas que praticam sexo. Na verdade, a maioria dos encontros sexuais que acontecem no The Factory são muito íntimos, pois envolvem duas pessoas tendo um encontro privado. Vi homens abraçados e a conversar após uma sessão de sexo, ou simplesmente de mãos dadas e a conversar sem qualquer contacto sexual.

Ocasionalmente, como nas primeiras horas de uma manhã de domingo, havia um encontro de grupo. Isto muitas vezes envolve vários homens se revezando para penetrar uma

peessoa, muitas vezes no balanço no meio do “quarto escuro”. A maioria dos “participantes” são passivos – observam enquanto se masturbam.

Os fins de semana são mais movimentados que os dias de semana. Nos fins de semana há homens por toda parte. Alguns sentam-se sozinhos na área do bar, outros andam pelo bar, sentando-se em grupos, nas esquinas, a conversar nos banheiros. A sala escura fica mais movimentada durante os fins de semana. A sala escura é uma das maiores salas da Fábrica, posicionada no final do espaço – como se todos os outros corredores e passagens levassem a ele. Está escuro como breu, tão escuro que tenho que usar as mãos para navegar e garantir que não vou bater numa parede. Uso as mãos para verificar antes de seguir em frente até encontrar um lugar na parede onde possa ficar de pé e observar. Depois dos meus olhos ajustados, a única coisa que conseguia ver eram sombras; os contornos de pessoas a fazer sexo na cama bem ao lado da janela escura. As pessoas que fazem sexo aqui sabem que a sua identidade é ocultada, os seus atos são anónimos.

No quarto escuro, há algo quase primitivo na expressão do desejo. A ideia de privacidade fica confusa. O sexo é público, mas a identidade não o é. Sempre há alguém a fazer sexo e muitas vezes há uma reunião – um grupo de pessoas a observar as silhuetas. No quarto escuro, é quase como se a pessoa fosse apenas um corpo para o prazer sexual. Algumas pessoas avistam-se em áreas menos escuras e, depois de estabelecerem interesse, vão para o quarto escuro e beijam-se ou fazem sexo, onde podem ser ouvidas, mas não vistas. Ou visto, mas não

identificado. Outros se encontram lá – e fazem sexo de modo que suas identidades sejam completamente ocultadas, mesmo para aqueles com quem estão a fazer sexo temporariamente. Um homem casado com quem falo, diz que só está disposto a fazer sexo no quarto escuro, onde não será visto pela pessoa com quem está a transar.

Um dos bartenders com quem falo menciona que “a noção de privacidade continua a ser extremamente importante para os clientes”. Riaan, que cito acima, concorda: “As pessoas no The Factory têm uma “política de não contar”, uma forma de camaradagem para que se você vir alguém que vai ao The Factory fora do The Factory, você fique quieto sobre isso.”

“As pessoas cuidam umas das outras de alguma forma”, acrescenta.

Minhas visitas ao site fizeram-me perceber o quão importante é essa distinção. Alguns homens – aqueles que fazem sexo em áreas abertas – às vezes querem simplesmente fazer sexo íntimo sem participar em quaisquer actividades de grupo. Para eles, The Factory oferece um espaço de acesso ao sexo íntimo com homens. Alguns dos homens na Sala Escura procuram um tipo diferente de privacidade. Precisam do tipo de privacidade exigida por pessoas cujas vidas sexuais devem permanecer secretas, especialmente porque estão envolvidas numa actividade que não está em conformidade com a heteronormatividade. Para eles, a privacidade é o preço que pagam pela adesão à ordem heteronormativa.

É precisamente por isso que The Factory serve como um espaço limitado,

Balcão Público. Fornece uma saída para homens que se

identificam como heterossexuais, criando um espaço em que o sexo não está mais limitado ao quarto de um casal heterossexual. Mas consegue isto através de formas privadas que mantêm a heteronormatividade como a sexualidade apresentada como ideal em público. Situa-se tanto dentro como fora do quadro heteronormativo. A maioria das pessoas que vão para lá o fazem discretamente. É importante para eles que mantenham a sua posição numa sociedade heterossexual.

São homens como Jabu – o motorista de táxi que me apresentou o The Factory – que são os maiores benfeitores deste lugar. Eles podem desfrutar do The Factory enquanto preservam as suas vidas heteronormativas como pais e maridos. Muitos dos homens que vão ao The Factory são casados, gays enrustidos e geralmente homens com identificação heterossexual. São homens que insistem em manter em segredo a sua experiência na Fábrica, em prol da sua reputação dentro da ordem heteronormativa.

A própria existência do The Factory, e o que ela tem a oferecer, só pode ser celebrada no contexto do tipo de privacidade que está ligada à vergonha de não confirmar a heteronormatividade. Ou seja, a privacidade praticada no The Factory não funciona apenas para aprofundar a intimidade. A privacidade existe principalmente porque os seus clientes têm vergonha do que fazem ali. Os seus clientes podem desfrutar de uma fuga da pressão social da heteronormatividade constante. No entanto, isto é feito de formas que cooptam os espaços queer como meras saídas da heteronormatividade e não como alternativas que subvertem a heteronormatividade como a sexualidade ideal.

Embora o The Factory não abale os alicerces da heteronormatividade, ao fornecer uma saída para que homens que se identificam como heterossexuais possam praticar sexo fora da heteronormatividade, coloca pressão sobre a heteronormatividade – criando fissuras que demonstram que a heterodoxia é impossível de sustentar. O que The Factory chama de “privacidade” – mas que é na verdade um véu de vergonha – representa uma forma de pânico moral. No entanto, há margem para que esta vergonha seja transformada numa ferramenta política de progresso. Com o tempo, espaços como The Factory podem e irão ajudar a promover a cultura queer e a oportunidade de criar novas economias de prazer.

Na cadeia



THANDOKUHLE MNGQIBISA

Na Cadeia

*Blue está sempre bêbado. Tropeça de volta para o quintal.
Coragem na sua boca, cheia o suficiente para engasgar.*

Dança tonto

*Para a sua paixão favorita.
Diz “querida, deixe a mamãe mostrar-te um pouco de amor
verdadeiro.” Mostra a calcinha, não liga para os braços
abatidos.*

Blue é uma cortina.

*Deixemos o vento e o sol vibrarem por dentro. Mantém
sussurros sujos das minhas mãos.
Ela é um espaço seguro quando não quer ser vigiado.
Quando a pessoa errada força os seus olhos a passar,
Ela está a esperar, guarda.*

Ela mantém o meu interior. Sujeira, desarrumação e sorrisos.

E acaba na prisão, para me manter vivo.

Torna-se a estrutura metálica enferrujada da cama. O

encanamento com vazamento. Então eu coloco vinho na

visitação

E fingimos que estamos a fazer um piquenique, em 2016;

No chão da minha sala

Antes que ela cortasse a garganta daquele homem para me salvar.

Coisas que te farão ser
espancado numa casa negra

Falando a verdade



THANDOKUHLE MNGQIBISA

*No táxi, uma criança de quatro anos assiste com entusiasmo
este coro de economia*

Todo mundo parece conhecer as notas da música

Envie dinheiro silencioso para a frente

Receba dinheiro barulhento de volta

Ela tenta contar quantos doces um arco-íris pode comprar

Ou melhor ainda, uma moeda tilintando

Assim que a ária termina ela fica entediada

No silêncio agora, ela grita, Mamãe, siyaphi

*singagezanga?*²²

²² Mamãe, para onde vamos quando não tomamos banho?

Afogamento



THANDOKUHLE MNGQIBISA

* * *

Veja o ensaio fotográfico, página 219–220.

“A perversão não é minha”

*Mulheres queer africanas e pessoas
que não se conformam com o gênero
encontram liberdade sexual no
Sadismo*



SIPHUMEZE KHUND AYIE
TIFFANY MUGO

Há muito que as culturas africanas celebram a sexualidade, com uma história repleta de costumes e tradições dedicadas ao prazer, à sexualidade, satisfação e o sexo sendo visto como um bem social. No entanto, os quadros morais de religiões como o Cristianismo e o Islamismo, bem como as noções de nacionalismo, em muitos casos submergiram às práticas indígenas destinadas a honrar e celebrar o sexo. Tornou-se uma séria desconexão na forma como nos envolvemos com ideias de sexo e sexualidade, enquadrando ideias em torno da moralidade e sinais de alerta sobre a desgraça iminente que advém de ver pessoas nuas.

No entanto, as questões do prazer e da autonomia corporal estão novamente a ocupar o centro do palco. Isto é evidente no número crescente de plataformas e iniciativas públicas que tratam da agência sexual das mulheres. Por exemplo, plataformas como “Adventures from the Bedrooms of African Women e The Spread Podcast” centralizam o prazer como princípio. O foco no prazer africano não se limita ao espaço online. Obras como “Pussy Print” de Lady Skollie, que é uma artista feminista e activista da África do Sul, e os workshops de Sexo Seguro e Prazer (#PleaseHer) da HOLAAfrica! também abordam sobre o que excita as pessoas e o que significa controlar o seu corpo de maneiras totalmente diferentes.

Não é nenhuma surpresa, então, que novas conversas sobre BDSM estejam a prosperar no continente – liderada por uma geração sem remorso de mulheres negras queer. Na verdade, há uma cena activa de Disciplina de Bondage/Sadismo de Dominância/Masochismo de Submissão (BDSM) que é um local de prazer, activismo e investigação académica para uma comunidade queer que se destaca num contexto caracterizado tanto pela repressão estatal quanto por bolsões de abertura social.

Nos últimos anos, Siphemeze Khundayi, o co-criador desta peça, e eu tivemos um interesse pessoal e profissional crescente pelo assunto, BDSM. Tudo começou pouco depois de um diálogo sobre “Justiça Erótica”, que foi realizado sob a bandeira da HOLAAfrica, uma organização sexualmente positiva que fundámos. O espaço foi criado para ver como a revolução poderia ser tirada das ruas e colocada nos lençóis.

O diálogo partiu do ponto de partida de que o sexo é uma parte importante da autonomia corporal, por isso as pessoas falaram sobre o tipo de sexo que estavam a ter – o bom, o mau, o problemático e o mundano.

À certa altura, Tshegofatso, que há muito é bastante apreciado online, tomou a palavra e falou sobre como o BDSM baseava-se no consentimento, como precisava de uma discussão constante sobre vontades, necessidades e desejos. Para entender os seu(s) parceiro(s) e o envolvimento deles com você e o seu corpo.

A sala perdeu a bagunça colectiva.

“Sem chance!” Eles choraram. “BDSM é sexo privilegiado!” eles exclamaram. “Estas são coisas para a classe média/pessoas brancas.” “Onde está o feminismo e a autonomia no BDSM?”

Ao final da conversa ficámos intrigados com essa prática sexual que parecia ser uma dicotomia deliciosa. Também queríamos saber por que a própria noção de BDSM foi rejeitada pela maioria das pessoas presentes. Queríamos saber o que poderíamos aprender com esta prática sexual que muitas vezes era ignorada. Queríamos saber por que havia tanto couro envolvido e se isso era prático com a quantidade de suor que acontece quando você faz sexo. Mas a questão principal era: deveríamos tentar o BDSM?

E assim começámos a conversar, a desenvolver reflexões, a reunir observações de amigos, a praticar e a nos deixar ensinar a ajoelhar-se e a submeter-se no WhatsApp e em jantares. Procurámos conselhos de relacionamento baseados

no sadismo.

Tudo isto começou a fazer parte do trabalho da HOLAAfrica com sessões fotográficas, publicações no nosso site e até no nosso manual #PleaseHer sobre sexo seguro e prazer que arquivou todo este conhecimento.

Este ensaio faz parte dessa jornada selvagem e húmida para compreender algo fora das nossas zonas de conforto iniciais. Esta pesquisa foi um dos primeiros passos na toca do coelho. Dentro deste projecto, entrámos em contacto com alguns dos praticantes de BDSM que conhecemos desde que embarcámos nesta jornada. Siphumeze baseou-se no arquivo de fotos que tirou de várias mulheres queer. O trabalho procurou contribuir para a conversa cada vez mais mutável dentro da narrativa dos Direitos de Saúde Sexual e Reprodutiva, afastando a conversa das noções mais tradicionais de VIH/SIDA, Mutilação Genital Feminina e casamento infantil.

SUBMISSÃO ENQUANTO PRETO

Pode-se imaginar que existem problemas gerais de SWB (submissão enquanto preto). Dadas as construções históricas das sexualidades das mulheres negras e a violência actual que continua a ser exercida contra as mulheres negras, tanto em todo o continente como na diáspora, não é exagero imaginar que, ao entrar numa situação de BDSM inter-racial, as mulheres negras queer possam ser inundadas com imagens tiradas directamente de um documentário sobre colonização ou escravidão. Mesmo nas interacções sexuais que não envolvem contacto inter-racial, a história e a realidade das expectativas sociais relativamente à submissão das mulheres tornam este – à primeira vista – um espaço complexo de gerir.

Então, por que uma mulher negra queer e/ou uma pessoa que não se conforma com o gênero considera o BDSM e muito menos encontra intimidade, alegria e prazer em actos que evocam ideias de violência e sadismo, e que exigem submissão. No entanto, é precisamente a capacidade de navegar nestenexo de dor, risco, prazer e protecção que muitas mulheres queer em procuram.

PODER E CONSENTIMENTO: UMA BATALHA ANTIGA

No seu artigo na Vice “O poder de ser uma mulher negra na cama”, Michelle Ofiwe diz “Ao crescer, percebi que encontrei poucas narrativas de mulheres negras ternas.” Ela reflecte sobre como a percepção de que as mulheres negras são “fortes” pode dificultar-lhes a vocalização e a aceitação da vulnerabilidade. Dentro do BDSM, a noção de poder – quem o tem, a quem dá-lo e quando detê-lo – é central para o acto sexual.

Ofiwe salienta que existe uma liberdade na exploração de novas formas de sexo e prazer, uma queering de interacções que subverte e explora noções que são tidas como certas dentro de noções de sexo mais convencionais.

Muthoni, uma activista queer do Quênia, revela o papel do BDSM em ajudar a curar cicatrizes causadas pela violência sexual. Ela diz: “Isso cura a história em torno do lugar da mulher no sexo como receptora, portanto, o único propósito do prazer do homem. O BDSM dá à mulher a capacidade de definir e negociar claramente o seu poder.”

Para Muthoni, “é libertador desenvolver noções de poder

num espaço de confiança”. Ela explica que a capacidade de negociar o sexo que você deseja é fortalecedora e libertadora. Sendo uma mulher queer da África Oriental, a segurança é uma negociação constante. É necessário comprometer a sua autonomia corporal o tempo todo. BDSM força você a dizer “sim.” Isso faz concordar com as regras. Ele recompense-a por pedir mais quando você quer e por dizer pare quando você não quer. Mesmo que o poder seja fundamental para o BDSM, a confiança e o consentimento também o são. É aí que reside o prazer. Como Muthoni conclui: “O BDSM exige que o sexo e o poder sejam mútuos e partilhados de boa vontade e honestamente”.

Kgothatso, uma mulher queer residente no sul da África, diz que “a corda lembra-me a libertação que encontro no BDSM. Isso lembra-me que há muita liberdade em poder renunciar a todo controlo.”

É ao serem capazes de estar no controlo e ao mesmo tempo renunciarem ao controlo que estas mulheres podem explorar a sua capacidade de negociar o poder. Embora existam suposições de que o BDSM seja sobre dor e violência impostas, a realidade é que a força não é a regra nas interacções BDSM. Em vez disso, quando ocorre, é “uma excepção indesejada”.²³

O consentimento é definido como “acordo informado entre pessoas para agirem numa actividade que seja mutuamente

²³ A. Fulkerson, 'Limite pelo consentimento: Conceitos de consentimento nas comunidades de couro e escravidão, dominação e sadomasoquismo (BDSM)' (2010).

benéfica para todos os envolvidos”. Enquanto nas interações sexuais heteronormativas o consentimento é muitas vezes repleto de áreas cinzentas, no caso do BDSM, é essencial que estas questões sejam abordadas de frente. Como o prazer e a dor estão interligados, os excêntricos geralmente são meticolosos ao abordar os limites.

Tshegofatso, uma bloguer sexualmente positiva, tem uma forte opinião sobre isso. “BDSM tem tudo a ver com consentimento. Dentro do mundo BDSM, senti que tenho o poder de consentir mais do que em qualquer outro aspecto”, diz ela. Pois o consentimento dela é uma das partes mais importantes e centrais da experiência do BDSM. Tshegofatso considera o crescimento e o conhecimento sexual partes fundamentais do BDSM.

Ela diz que teve a sorte de ser exposta a praticantes de BDSM que conceituaram o consentimento de uma forma que a fez se sentir segura e capaz de explorar os seus desejos. Ela explica: “Ao comparar isso [engajamento com consentimento] com não praticantes de BDSM, consegui encontrar muito mais controlo e muito mais capacidade de experimentar coisas com as quais antes me sentia desconfortável, como sei que no mundo BDSM estou num constante aprendizado.” Quando se considera que no cerne do BDSM estão as noções de consentimento, abertura, transparência e confiança, pode-se ver porque é que este domínio permitiria que tantas mulheres recuperassem o desejo sexual e a autonomia. É também é evidente porque é que a prática é queer – é demasiado libertadora, demasiado baseada na escolha e na igualdade para fazer parte de práticas sexuais definidas patriarcalmente.

EXPLORAÇÃO SEXUAL: Identificando o Prazer

Um dos aspectos mais confrontadores e libertadores do BDSM é o facto de que os papéis típicos de gênero e as ideias de sexualidade não se aplicam. Uma das mulheres que entrevistei – Thabile, uma lésbica sul-africana – afirmou: “BDSM simplesmente permite-me não fazer julgamentos.” Ela enfatizou que o BDSM permite que ela explore o que é bom para ela e vá tão longe quanto ela quiser, e então permite que ela pare se for isso que ela quer fazer também.

Thabile explica que para ela o BDSM “é um espaço seguro de exploração e apenas de ser. Um espaço onde as expectativas são claras e trabalhadas, não apenas por você, mas com outras pessoas que se preocupam em conhecê-lo e trabalhar para mantê-lo seguro.” Ela explica que “há muitas dinâmicas na vida que não podemos controlar”. Para Thabile, “a retirada do controlo também significa a limitação de como alguém se expressa; então o meu envolvimento com a perversão é tentar aprender sobre mim mesma num ambiente que permite autenticidade e a capacidade de ser honesto.

O BDSM dá às mulheres ferramentas e uma estrutura para definir e negociar claramente as suas necessidades e os seus limites.

Para estas mulheres querer, o espaço é aquele em que podem mergulhar no que as faz sentir bem, o que as excita sexualmente e o que consideram ser compromissos sexuais seguros dentro de um quadro saudável, cognitivo e

comunicativo.

CONCLUSÃO

Nas conversas privadas e nas suas iniciativas públicas de arte e meios de comunicação, as explorações do BDSM pelas mulheres queer africanas estão a subverter as narrativas dominantes sobre quem é o dono do prazer, quem pode ditar o que acontece ao corpo de outra pessoa e como é o sexo bom. Através de actos de submissão e dominação, elas estão a reivindicar a sua autonomia corporal e o seu direito a um sexo seguro, fortalecido e prazeroso.

As mulheres queer estão a escolher o que é bom e o que não é. Numa época e espaço onde muitas mulheres não conseguem considerar o prazer sexual garantido, este é um privilégio raro.

As conversas privadas (e públicas) sobre sexo levam-nos a compreender que diferentes noções são centrais para a experiência do prazer, da sexualidade, da sensualidade e do erótico. Como demonstra cada uma das mulheres citadas acima, é a agência que torna o sexo tão delicioso. Mulheres queer encontram uma experiência sensual no BDSM – como quando você está a comer exactamente a refeição que deseja e compartilhando-a com os convidados à sua escolha.

***Observação:** Obrigada às mulheres queer que ajudaram na compilação das ideias e citações para este artigo e àquelas que doaram os seus lindos corpos para as imagens. Você continua mágico.*

* * *

Veja o ensaio fotográfico, página 221–228.

XXYX África

Mais invisível



NICK HADIK WAM WALUKO

PARTE UM

SOBRE O ASSUNTO DE EXPRESSAR esse grito interior que é a sua música... À África LGBT continha duas verdades: você fode, você morre. Ambas as verdades foram intimamente tecidas como uma tapeçaria tecida por um coração selvagem contra um governo nacional exagerado, afastado do cenário mundial, responsável apenas perante si mesmo, exercendo poderes corruptos e sem serem molestados.

Se fosse pego, o governo tinha todo o direito de matá-lo, matá-

lo com um tiro no local ou torturá-lo electrocutando a sua vagina, o pênis lento, mas constante enquanto a água era derramada, então o choque amplificado mostrou-se tão letal que você morreria frito para eliminação corporal rápida; se tiver sorte, você fodeu como se fosse morrer. Ou seja, com intensidade, sem desperdiçar aquela vontade de se conectar com alguém do mesmo sexo que compartilha do seu desejo de ser VIVO, verdadeiramente VIVO porque o que se revelou mortal foi viver uma mentira todos os dias.

Foder no Terceiro Mundo é sexo pesado, sem asneiras: nós chupamos, engolimos, fodemos, engolimos, lambemos, tocamos, penetramos, gememos, gememos, grunhimos, esguichamos, borrifamos, driblamos, nos abaixamos, nos curvamos, nos espalhamos, ainda mais, de cabeça baixa, engolindo cada gota, sem parar, sempre e onde quer que ninguém estivesse a olhar, e se eles tivessem uma chance de dar uma olhada, nós fodíamos ainda mais forte, sem desperdiçar uma gota de amor ou de vida ou os restos de sexo reunidos em tempo zero com uma arma carregada apontada para o seu crânio.

Os poderes de cura foram convocados para acalmar aquele tipo de brutalidade extra-crocante reservado especialmente aos africanos queer. Lambemos o desejo de morte nas cavernas escondidas do corpo, as nossas habilidosas línguas africanas encobrimo as contusões dos espancamentos – canos, pedras, o cinto do papá, enquanto a tua mãe observava num silêncio atordoado.

Seduzimos poesia deliciosa a partir de vidro esmagado inserido profundamente na vagina apertada de uma jovem

lésbica para que o seu violador pudesse torná-la “menos gay” para torná-la mais uma “mulher africana tradicional” que preferia “homens africanos reais” a mulheres masculinas.

Quando acabou, nunca acabou. Se você sobreviveu, você se arrastou para as sombras onde o seu grito contra a Morte atingiu a febre, volte uivando o seu aviso para que a comunidade possa pintar um futuro através do seu som. Nunca nos vimos na TV; nunca ouvi nossas histórias no rádio; nunca realizou desfiles para celebrar as lutas duramente conquistadas contra a opressão implacável, dia após dia; não tinha materiais, nem apetrechos, nem lubrificante nem tubo; nada de vibrador preto de doze polegadas, sem cortes, com granulados que brilham no escuro para decorar o seu pau de plástico; sem bandeira, sem rótulo, sem símbolo, sem linguagem, sem código, sem metáfora, sem livros, sem música; sem lojas, sem clubes, sem bares; nenhum espaço celebrado para derramar nossas almas em realidades alternativas.

Nenhuma igreja ou comunidade sagrada rezou por nós ou abençoou os gays porque disseram que não temos alma. Éramos invisíveis, aquela irrealidade dentro da realidade, uma verdade tão verdadeira que quando aparecemos pela primeira vez disseram que éramos uma mentira. Os que não aguentavam mais, os que se recusaram a ficar em silêncio ou a se esconder, os poucos corajosos que resistiram até se declararem abertamente gays e os africanos orgulhosos tornaram-se demasiado gays, ou seja, não africanos. Foi instantâneo. Eles foram renegados pela família, abandonados pelos amantes, negados pela comunidade, cuspidos pelos

ancestrais, passaram de trabalhadores de escritório com salários (decentes) a vagabundos pescando lixo em lixeiras, vagando pelas ruas como profissionais do sexo se prostituindo para os turistas conseguirem em mãos -a boca - se tivessem sorte.

Muito rapidamente, eles adquiriram aquele olhar selvagem de alguém empurrado para o limite. De repente, a linha tênue entre a sanidade e a insanidade era uma questão oscilante de tempo. Ninguém procurou ajuda ou esperança – muito arriscado – então eles definharam em terras distantes, proxenetizados por algum misterioso turista de olhos azuis, voltando para casa com HIV, e depois jogados nos confins da sua aldeia para morrerem uma morte lenta e dolorosa no anonimato desgraçado.

Nossos primeiros soldados de infantaria foram heróis, heroínas e travestis que cantaram a sua nobre canção, arriscando a preciosidade da Vida para expressar uma verdade mais preciosa. Africanos LGBT armados com belas excentricidades preparados para morrer por um ideal, despreparados para foder à força heterossexuais no exílio, atordoados quando regressaram e foram tratados como estranhos em casa, na sua própria pátria.

Não morreram de VIH/SIDA; NÃO! NÃO! NÃO! Eles morreram de solidão. O isolamento agudo minou a sua força, tirou-lhes a capacidade de subir para além da sepultura e recuperar os corpos estranhos tão orgulhosamente declarados perante o mundo, de Alfa a Ômega, começando pelo seu fim.

No final, eles nunca souberam o seu valor para a sua própria comunidade; mas nós sabemos disso e vamos cantá-lo

para sempre, proclamando a eternidade enquanto alcançamos o Infinito, onde à África queer vive para todo o sempre, Ase. Assim seja.

Para nós, poucos sobreviventes vigilantes que estamos à margem, a aldeia enviou uma mensagem clara: “Revidai, vocês cairão. Caia, ninguém vai te pegar. Morra, nenhum ancestral receberá o seu corpo podre e gay na outra vida, onde o julgamento será ainda pior.” Olhamos no espelho, medimos o nosso orgulho teimoso e vimos a morte.

É aquele olhar que você tem quando não se mantém firme na sua própria verdade, quando inventa mentiras para alimentar sonhos que explicam o seu isolamento emocional. Estávamos mais seguros e ainda assim hipócritas; sobreviventes feridos muito perdidos, muito confusos para confiar ou arriscar além do medo paralisante que nos deixou activamente presos num mundo sem amor: em outras palavras, não éramos nós mesmos. Nós desabámos, chorámos como bebês – órfãos de mãe, vulneráveis, indesejados, abandonados, desejosos. Em vez de nos desvendarmos, em vez de acabarmos loucos ou amarrados a uma cama trancados para o resto da vida numa instituição mental porque algum “especialista” médico determinou que éramos “muito loucos” para viver num mundo que nos desejava a morte, em vez de acabarmos na prisão ou condenados à prisão perpétua num asilo, em vez de perdermos o pouco poder que ganhámos através das lágrimas, do precioso derramamento de sangue e do amor profundo, decidimos permanecer invisíveis; SIM, sim, trabalhámos muito, muito duro para nos tornarmos absolutamente nada. “É melhor prevenir”, pensamos, então brincamos de ser

“normais”, “comuns”, “medianos”, “legais”; nós nos tornamos “previsíveis”, “rotineiros”, “obsoletos”, “planos”, modelámos nosso comportamento segundo os “bons cidadãos” que adoram o túmulo. Fabricámos mentiras superficiais, mas necessárias, engolimos colheradas de fobia para ficarmos seguros dentro do armário aconchegante.

Olhámos um para o outro de lado, se é que o fizemos. “Cego de olhos arregalados” é como eu chamo, quando você olha não para ver alguém, mas para ter certeza de que essa pessoa permanece invisível. Bastante fácil: como você identifica quando seu processo envolve apagar tanto de si mesmo? Nós traímos um ao outro, machucámos um ao outro, amaldiçoámos, destruímos um ao outro e depois trabalhamos duro para acariciar as feridas especiais geradas pela crueldade extra-crocante; pela opressão internalizada. E bebemos – também, demais – bebidas alcoólicas e tônico para rir em tempos difíceis.

De repente, numa manhã ensolarada, tudo se desfez: o sol nasceu alto para lançar uma luz penetrante sobre as nossas mentiras, mas elas tinham desaparecido, tinham desaparecido; aquele tom falso e artificial na nossa voz parecia verdadeiro, até mesmo autêntico; gestos plásticos que nos tornavam normais tornaram-se naturais; éramos os senhores deste mundo e dos seus padrões patéticos, superficiais e estúpidos. Então estávamos confortáveis, sim, finalmente seguros. No dia seguinte, ainda estávamos seguros e igualmente plásticos. No dia seguinte, ainda falso e seguro. No dia seguinte, mais falso, mais superficial, menos vivo. Então, finalmente, estávamos muito seguros porque éramos muito falsos porque

estávamos muito mortos.

Mais falso, mais seguro; mais seguro, menos vivo; menos vivos, mais mortos; mais mortos, mais artificiais; mais artificial, mais insincero; mais insincero, mais complacente; mais complacente, mais educado; mais educado, mais aprovado; mais aprovado, mais aceite; mais aceites, mais conectados; mais conectados, mais alienados; mais alienado, mais sozinho; mais sozinho, mais perdido; mais perdido, mais confuso; mais confuso, mais assustado; mais assustado, menos seguro; menos seguro, mais inseguro; mais inseguro, bebe mais; mais bebida, mais drogas, mais drogas, mais entorpecentes; mais entorpecidos, mais mentiras; mais mentiras, mais artificiais; mais artificial, mais falso; mais falso, mais seguro; mais seguro, menos vivo; menos vivos, mais mortos; mais mortos, mortos demais; muito morto, muito seguro. Essa era a fórmula.

Esta é a cura?

Há uma guerra entre as minhas pernas. Isso me mantém puro. Para alcançar e tocar alguém que me toca de volta alimenta o frenesi que alimenta a minha luxúria. Tocar o trono onde os milagres africanos são estranhos. Para celebrar a tensão entre existir e estar vivo. Mais do que impossível, dar passo após passo cuidadosamente elaborado, para entrar naquela realidade espacial onde nada respira e tudo está vivo. Para segurar o sol. Para ser a luz. Beijar o infinito com os olhos.

Vivendo dentro de alguém por uma eternidade limitada, o amor vence a morte, minha alma derrota minha mente, as cicatrizes gritam quando a dor é compartilhada, nosso caos é

uma sinfonia perfeita. Quando em parceria, significa que há alguém lá fora, outro africano igualmente faminto de amor e de vida. Talvez, apenas talvez uma tribo esteja no meu futuro se eu sobreviver ao momento (presente). Se eu reivindicar o corpo que contém a história para dar voz à minha música, se eu provar o desejo de morte, engolir a bala durante uma foda ilegal, se eu re-imaginar o mundo por trás das minhas pálpebras, recriando a realidade para torná-la minha, aaaaall minha. Num mundo empenhado em garantir que todos os africanos queer enlouqueçam, quando escolho olhar para além do mundo, para além das circunstâncias em busca de uma identidade, fiz tudo o que estava ao meu alcance para enfrentar este momento? Não é por isso que alguns de nós nos recusamos a nos esconder? Não gosto mais de mim mesmo quando vivo com integridade? Estou mais vivo?

Contagem regressiva para BOOM. Cinco ...

Quatro... Três...

É noite. Mesmo que eu durma de bruços para esconder minha vagina, eles encontram, me viram. Com as duas mãos, cubro o meu monte peludo, pensando, meu T-cock (pau transexual) vai virar megapênis como um acto de resistência. Oração: Querido Pênis, não vou me molhar então não me traia. Escute, repito, não se atreva a participar do orgasmo durante a minha agressão sexual ou me afogarei num rio impiedoso chamado vergonha queer, entendido? Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo e dos meus Antepassados, Ase.

Dois Um ...

Últimas notícias: O proeminente activista LGBT de Uganda, David Kato, foi encontrado morto na sua casa após

repetidos golpes de martelo na cabeça e no crânio.

Uma pessoa estupra o meu estilo cachorrinho idiota; uma pessoa estupra a minha boca; um outro estupra a minha vagina com buraco em T.

Kato, professor e responsável pela defesa das Minorias Sexuais do Uganda (SMUG), ganhou um processo contra uma revista que publicou o seu nome e fotografia nas primeiras páginas, denunciando-o como homossexual e apelando à sua execução.

Meu estupro parece tão vivo e ainda assim irreal. Das profundezas do entorpecimento confusão minha verdade revolucionária nasce, sim, gritos poderosos enquanto a gema do ovo se transforma no meu canto poético:

Recuso-me a ser uma mulher para eles. Eu recuso-me a ser uma mulher para eles, Eu recuso-me a ter um gênero. Eu recuso-me a ter um gênero. Eu recuso-me a ter um corpo, recuso-me a ter um corpo. Eu recuso-me a assumir o controle da minha existência. O meu corpo não é seu depósito de lixo, nem é um túmulo para o seu prazer doentio e distorcido. O meu corpo não abrigará nem será um santuário para a masculinidade tóxica.

Recuso-me a participar, possuir ou reivindicar a sua realidade. Não sou a sua vítima, sobrevivente, guerreira. Não vou me curvar ao patriarcado. Eu não vou me desculpar. “Não ao ódio”, eu digo, “sim” ao amor. “Não ao estereótipo; não aos papéis (de gênero); não aos seus compartimentos rígidos e desumanos. Não à polícia de gênero, pensou a polícia, a patrulha de fronteira. O meu corpo é a primeira fronteira de resistência. Recuso-me a honrar conceitos de tempo e espaço, cego ao nosso trauma geracional. Recuso-me a consolidar o poder da intimidade com uma linguagem partilhada.” O alegado

assassino de Kato, um trabalhador do sexo masculino, foi denunciado por activistas locais e internacionais como um bode expiatório usado pelas autoridades governamentais para alimentar falsas ligações entre homossexualidade, desvio e criminalidade.

Fracasso, desamparo, vulnerabilidade são os meus principais superpoderes. Na afirmativa, sim, venho do pó e ao pó voltarei de bom grado.

David Kato tinha 47 anos quando morreu.

Neste ponto, neste momento de completa rendição/rendição/rendição, quando não sei nada porque não sou nada, e porque não sou nada, tudo o que sei é nada, é aqui que a inteligência divina se torna revelação. Eu flerto com isso. O pênis estuprando a minha boca transforma-se na vagina de uma translésbica queer gostosa estuprando a minha língua para frente e para trás. Ele/ela enfia os dedos dentro do meu cu, vagina, movendo-se dentro de realidades espaciais, apenas estranhas rachaduras de cor.

O toque é a verdadeira revolução, uma carta aos meus amantes. Eu sou nós. E somos muitos gêneros, tantos quantos são as pessoas no planeta, cada orgasmo sinalizando o nascimento de uma nova nebulosa. Outra realidade cósmica, outro mundo, outro Eu falando outra língua sim, o meu corpo não é uma prisão, o meu corpo não é uma prisão, o meu corpo não é uma prisão queer lésbica foda-fest nasceu para transcender, para recuperar o poder que nos foi arrancado antes, o tempo começou. Tal é o manifesto tatuado no meu coração.

ESTRONDO!

Somos queer, estamos aqui²⁴



CHIBU ÌHÈ OBI

A PRIMEIRA VEZ QUE ME SENTI OBRIGADO A documentar o corpo queer na minha escrita foi durante o meu segundo ano na universidade. Certa noite, tive uma experiência complicada no albergue que me levou a puxar a minha caneta e sangrando profusamente na banalidade de um pedaço de papel vazio desde a meia-noite, quando a discussão começou, até por volta das cinco da manhã, quando tudo terminou.

Queria registrar o meu protesto, registrar, como testemunha, o que vi naquela noite. Mas, quando a primeira luz brilhou pela

²⁴ Primeira editora pela Brittle Paper em 17 de maio de 2017.

janela naquela manhã, descobri que a folha de papel permanecia em grande parte em branco, excepto pelo peso da água que havia vazado e deixado manchas na sua superfície. Sem que eu soubesse, eu não estava a escrever. O que sangrou naquela noite não foi a tinta; não eram cartas. Foram lágrimas – meu corpo desequilibrado pelas feridas infligidas a ele, a narrativa do silêncio imposta ao seu terreno poroso. Foram lágrimas. Cada alfabeto, cada língua residente na minha consciência, havia fugido e o resto transformou-se em angústia derretida; tornaram-se lágrimas quentes e húmidas. Foi isso que aconteceu.

O rapaz que morava do outro lado do meu quarto foi identificado – identificado como gay – por uma gangue de garotos barulhentos. Eles procuraram o melhor momento para pegá-lo sem mexer muita poeira. Então, naquela noite – porque era a primeira semana de um novo semestre e os alunos ainda não haviam retomado totalmente – eles vieram buscá-lo.

Eles chutaram a porta de madeira que o protegia e arrastaram-no para fora. Eles bateram nele repetidamente com quaisquer objectos que achassem que poderiam quebrá-lo e provocar confissões.

Botas, punhos cerrados, paus, chapadas. Eles perguntaram quem era gay. Eles pediram que ele citasse nomes. Não havia como ser só ele. Eles queriam expurgar os albergues dos malditos paninas e libertar toda a escola da infestação de tabús violentos.

Mas esse rapaz não foi cooperativo. Ele não gritaria; não

confessou.

Como outras pessoas queer no campus, ele tentou ser invisível. Quando você se enquadra numa espécie marcada como estranha; uma espécie isolada como estranha, como não pertencente e, portanto, como perigosa e merecedora de morte, você aprende a se esconder, a ser invencível, a desaparecer.

Durante cada um dos dias em que o conheci durante o ano em que estivemos juntos na escola, a vida dele foi cuidadosamente envolta em camadas de medo. Cada passo que ele dava era um estudo de desculpas, cada gesto uma oração sussurrada cautelosamente no ar.

Mas naquela noite, todas aquelas camadas cuidadosas que ele havia trabalhado para construir cederam quando facas cortaram o seu corpo. Cada corte foi seguido por um grito. O som da sua tortura manteve-me agarrado à caneta com uma urgência que eu não conhecia antes. Ninguém veio em seu socorro naquela noite e, depois que tudo acabou, ninguém se importou em perguntar o que aconteceu com ele.

Nem o segurança da escola que andava por aí; nem os estudantes que saíam dos seus quartos, com a excitação dando coices como cavalos selvagens nos seus estômagos. Nem mesmo eu; escondido no meu quarto, tomado pelo medo, incapaz de escrever e muito, muito incerto sobre o meu próprio destino. Agora, penso naquele incidente e naquela noite e sou confrontado com a verdade. A razão pela qual não pude escrever naquele pedaço de papel naquela noite foi esta: não havia público para o tipo de narrativa que eu estava prestes a tecer – uma narrativa onde o corpo queer é documentado

como injustiçado, como merecedor de justiça. Não existia esse tipo de leitor. A nossa escola era uma comunidade segura onde, como em todas as partes deste país, a narrativa dominante sobre os gays era (e ainda é) negativa. Gays são monstros, são feras que devem ser exterminadas por qualquer meio grosseiro. O corpo queer merecia qualquer forma de violência contra ele.

Não é surpreendente contemplar como este corpo que ama outros homens começou o século preso e quebrado e termina o século torturado, amarrado a cercas e incendiado numa pira de pneus de automóvel num ferro-velho.

—CLIFFBOSTOCK

Os ataques de multidões contra homossexuais, ou mesmo supostos homossexuais, na Nigéria não são novos. Sempre fizeram parte das notícias e, num país onde a justiça na selva é abundante e onde os homossexuais são inimigos comuns de grupos religiosos e culturais, a violência homofóbica é tão desenfreada quanto frequente.

As manchetes estão cheias de histórias. “Dois homossexuais foram linchados ontem em Lagos continental.” Ou. “Um gay queimado em Onitcha ou Aba.” Ou. “Um esconderijo homossexual foi descoberto e invadido em Sokoto. Os oito membros identificados foram julgados pelo tribunal sharia e serão apedrejados até à morte.”

Na era da Internet, a violência contra o corpo queer assumiu uma dimensão diferente. Já não basta linchá-los ou

queimá-los. Os agressores, apoiados pela maioria homofóbica e por uma cultura empenhada em erradicar qualquer vestígio de homossexualidade, zombam e difamam os seus corpos queimados ou dilacerados.

Em 17 de fevereiro de 2016, Akin, um homem gay, foi linchado por uma multidão homofóbica no estado de Ondo, na Nigéria. A mídia social estava entusiasmada. As histórias voaram por aí. Mais uma vez, o corpo queer foi alvo de intenso escrutínio e tornou-se o centro das atenções. O corpo de Akin, mapeado com cortes de facão, sangrando no crânio, foi retractado como merecedor de violência. Enquanto ele estava em estado crítico no hospital, os comentários na sua cronologia no Facebook espalharam ódio. “Isso ensinará aos outros uma grande lição.” O subtexto era claro: “Oh, vocês, paninas doentes, observem-no e vejam que destino amargo espera por todos vocês.”

Bloguers e jornalistas colocaram isso em perspectiva. De que outra forma poderia ser explicada a partilha pública do corpo espancado de Akin? Onde os seus agressores pararam na sua missão de humilhar o corpo queer, os usuários do Facebook e bloguers continuaram a apertar o botão de partilha. Não, não foi por pena.

Não porque desejassem obter justiça para Akin ou imunidade para os muitos Akins que aguardavam a sua vez; esperando para acontecer. As suas intenções não eram nem humanísticas nem altruístas. Não, eles eram voyeurs, observando o castigo de um corpo queer, incitando os agressores; mantendo-se em posição moral elevada enquanto empurravam os gays de um penhasco.

Ansiava por encontrar representações dignas e respeitadas de queers na literatura nigeriana. Buscar-se na literatura e não se encontrar; ou descobrir que você é perpetuamente distorcido, evitado e difamado é um tipo diferente de violência. A cultura literária da Nigéria não tem sido justa com o corpo queer. Não tem sido justo com a narrativa queer. Existem buracos e lacunas, ravinas que ninguém está disposto a examinar.

Os temas queer raramente são incorporados nos discursos literários; é ridículo acreditar que a Nigéria é um país sem homossexuais; que as muitas culturas que compõem o gigante africano não têm lugar para gays, para pervertidos, para mulheres fortes e homens bonitos demais. Com exceção de Jude Dibia e Chinelo Okparanta, os escritores que exploram temas queer abordam, principalmente histórias queer a partir das periferias.

A poesia queer era quase inexistente até recentemente, até Amatesiro Dore, até Romeo Oriogun, até eu mesmo – e isso porque Ainehi Edoro começou a nos publicar na Brittle Paper. Antes disso, os editores rejeitaram os nossos poemas não porque fossem mal escritos, mas porque nos nossos poemas não tínhamos vergonha da nossa estranheza; dos nossos corpos estranhos ou das nossas vidas estranhas; do nosso amor. Alguns massacraram o nosso trabalho da forma mais insensível e selvagem na sua tentativa de silenciar as nossas vozes estranhas.

Mas nos recusamos a ser silenciados. Recusamos a invisibilidade.

A única maneira de mudar esta narrativa é documentar as nossas próprias experiências como escritores queer ou escritores de literatura queer, conforme o caso. Devemos contar as nossas próprias histórias – histórias dos nossos belos corpos e das dores e cicatrizes que lhes foram infligidas pela sociedade homofóbica em que vivemos.

Na sua introdução à *Queer History, Queer Now*, Cecca Ochoa e Alejandro Varela enfatizam que “muita história se perde, tanta coisa existe como sussurros e rumores”. Devemos documentar as nossas próprias histórias, ou corremos o risco de ser contadas de forma errada e de termos uma oportunidade para justiça na verdade. Devemos rejeitar o silêncio, evitar a invencibilidade e esforçar-nos por não ceder ao compromisso. Devemos estar prontos para pagar o alto preço.

O livrinho eletrônico de poesia de Romeo Oriogun, *Burnt Men*, publicado pela revista *Praxis*, foi a primeira tentativa de documentar a horrível experiência de viver como uma pessoa queer na Nigéria. Quando fui contactado para tirar uma fotografia para a capa no ano passado, sabia que a jornada para curar o corpo queer e resgatar a narrativa havia começado.

Entre a publicação daquele livrinho e agora, algumas coisas fabulosas aconteceram. Nossos corpos estranhos estão a se curar, surgindo e saindo dos lugares escuros onde estiveram confinados por muito tempo. Os nossos corpos estranhos estão a sair da obscuridade. A antologia queer, “14: We Are Flowers” mostra-nos tomando sol. A recente vitória do Prêmio Brunel de Romeo Oriogun faz-nos gritar alto e bom som. “Estamos aqui.”

Antes deste momento, tudo foi luta e sufocamento. Tem sido

silêncio e invisibilidade. Houve dias em que me senti tão perdido, tão deslocado que me senti menor do que um organismo ofegante, ofegante, atingindo e ainda assim danificado, deliberadamente empurrado para a extinção. Havia dias entrei nesta sala chamada Literatura Nigeriana e li histórias, examinei os seus temas e interesses e tive vontade de gritar. Onde estou? Uma ou duas vezes deparei-me com imagens nossas, mas geralmente estávamos atrás de uma cortina, espancados e violados, gritando por atenção e inclusão. Pedindo para entrar.

Mas é claro que esta visibilidade recente levou à oposição. O preço da liberdade é sempre a resistência. E escrevo isso pensando na comunidade literária.

Em algum momento do ano passado, fui convidado para fazer uma leitura na Imo State University (IMSU) por uma sociedade literária de lá. Durante a leitura, uma parte do público ficou indignada com a inclinação homoerótica dos meus poemas. Incentivados por um certo Johnbosco Chukwuebuka, um escritor com alguns livros no seu currículo, eles começaram a gritar e berrar. Eles ameaçaram a chamar a polícia se eu não parasse. A leitura foi interrompida em meio a ameaças de prisão e hostilidade.

Então, duas semanas depois do Festival do Livro de Owerri, um jovem desconhecido seguiu-me até os portões traseiros da IMSU. Quando ele finalmente me alcançou, ameaçou cortar o meu pênis se eu continuasse a escrever e promover a homossexualidade.

Os organizadores do festival do livro pediram-me para falar sobre o corpo queer na literatura, mas a discussão terminou no

caos.

Já faz mais de um ano que poemas explorando a identidade queer começaram a aparecer nos espaços literários da Nigéria. Ameaças estão a chegar. Humanos de cérebro grosso chegam à minha caixa de entrada do Facebook e escrevem longos sermões salpicados de ódio e advertências. Um deles disse que eu deveria procurar outro lugar porque a Nigéria não tolerará as minhas necessidades e clamores. Outro pediu a Romeu que lhe enviasse algum dinheiro ou ele enviaria policiais atrás dele.

Numa noite de domingo, em abril, Romeo contactou-me para dizer que alguém o havia denunciado à polícia perto do seu novo posto. Os policiais ligaram para informá-lo que em breve estariam no seu escritório para prendê-lo. Conseguimos evitar a prisão porque era infundada. Ainda assim, a ameaça e o assédio são psicologicamente desgastantes.

Em agosto passado, recebi uma ameaça de morte no meu telemóvel via WhatsApp.

Parei de tornar públicas minhas localizações nas redes sociais. Se preciso, registo a minha presença muito depois de ter saído do local. Tento manter os meus movimentos discretos. Desta forma consegui evitar qualquer ataque premeditado.

As ameaças estão a se tornar esmagadoras. Não falo apenas por mim. Falo por cada voz queer que está de fora e ainda tenta falar no espaço literário nigeriano. Falo por Romeo Oriogun. Falo por Pwaangulongii Dauod cuja casa foi invadida.

As ameaças já não se limitam às redes sociais; eles

sangraram nas nossas vidas, no real e no físico, nos quartos reais que ocupamos, nos empregos que mantemos, nos cafés que frequentamos. Não temos medo metaforicamente – estamos fisicamente, literalmente, sob ameaça.

Somos nós que mantemos o medo muito depois das hashtags lidariiedade nas redes sociais.

E assim, somos nós que devemos proclamar que a literatura queer é um componente legítimo da literatura nigeriana, ou melhor, africana. Devemos gritar dos telhados, e dos barracos e barracos que chamamos de lar, devemos dizer que a literatura queer é um subtexto do todo. A literatura queer faz parte da história, parte da luta, parte do estilo e da sintaxe. A literatura queer é importante, e os escritores e artistas queer são igualmente importantes na comunidade literária nigeriana. Veio para ficar. Somos gays e estamos aqui.

Reivindicação²⁵



HAPUA ONONIME

19 DE JUNHO DO ANO PASSADO, FUI SEQUESTRADA por uma gangue que me prendeu por um dia até que os meus pais pagaram o resgate. Durante semanas, vivi numa espécie de medo auto-induzido como resultado das imagens que fizeram de mim, nua. Lembro-me de estar deitada no chão, sem conseguir lembrar a resposta exacta que lhes dei a uma ou outra exigência que tinham acabado de fazer. Sempre que isso acontecia, eles atacavam-me e o bonito, implorava-lhes para pararem.

Talvez ele estivesse a fazer uma gentileza.

O bonito disse: Você viu o que causou? O seu pai estava a chorar como um bebê. Naquele momento, odiei-me por ter sido descuidada, por não ter confirmado as coisas com os

²⁵ Publicado pela primeira vez na revista Translation, 2017.

meus amigos de Kano. Eu só queria tentar as coisas sozinha, pela primeira vez.

O menino, que mais tarde reconheci ser aquele que eu tinha sido peguei as minhas malas e comecei a esvaziar o seu conteúdo no chão. Ele levou os meus cadernos contendo os meus contos, o meu romance inacabado, poemas, os poucos livros que levei para a residência. Eu sabia que ele estava a procurar por qualquer coisa que pudesse usar para me identificar. Como se não nos falássemos há mais de duas semanas.

* * *

Eu: Recuperação

Eu sabia que esse mesmo corpo buscaria consolo.

O meu pulso iria sarar e esquecer o nó que deixou os meus dedos dormentes,

os meus dedos dos pés tremeram

*que fez cada um deles, meus captores, rir
incontrolavelmente.*

Eu sabia que um dia meu peito iria se acalmar –

esse corpo saberia que era natural não se preocupar

ao menor som de um homem a entrar,

um telefone a tocar, uma xícara a cair.

Eu começaria a reconhecer esse corpo

enquanto ia de um quarto para outro

enquanto me preparava para descansar, um ritual

apenas recentemente recuperado, para ser grato

que essa batida persistente na minha cabeça

*Eu pude, finalmente, pude me ouvir, mesmo agora,
enquanto estava deitado na carpet para escrever este poema.*

II: Consolação

*Ensaíamos o que eu diria nesta pequena sala cúbica repleta
de roupas.*

*Meu conselheiro me disse para me preparar
para um evento onde a filmagem
seria vazado.
Assenti, embora soubesse que ele não me podia ver.
Minha garganta doeu;
um dia atrás, com os sequestradores,
Chorei até ficar com dor de garganta
porque as narinas estavam obstruídas com catarro.
Nesses breves momentos, tudo ganhou velocidade:
num segundo eu estava seguro,
esperando na rua naquele dia de chuva,
e no próximo, alguém estava a bater
um pedaço de pau nos meus joelhos para me derrubar,
como se, se ele tivesse simplesmente perguntado,
eu não tivesse entendido, como se ele não tivesse me dado
um tapa,
eu não tivesse obedecido.
Eu disse a mim mesmo: é assim que você morre.
Desavergonhado.
Mas então veio como um consolo.*

III: Debandada

*Era só uma questão de tempo,
as sombras logo começariam a se alongar,
as ruas repletas de lanternas traseiras, então eu veria
os fantasmas dos meninos que me abraçaram,*

*nas pessoas correndo, no homem
que esbarrou em mim, dizendo: Cuidado.
Parecia que todos estavam se despedindo.
O pôr do sol minguante de maio que invadiu junho
manteve a chuva afastada, de modo que
Eu, estrangeiro no meu local de nascimento, experimentaria
cada nuvem escura
como chuva iminente, cada homem correndo na minha
direcção
como uma multidão
em debandada.*

IV: No cyber café

No dia em que fui detida: chegou o anoitecer, fui libertada.

*Eles me levaram até um triciclo que me levaria até o parque
onde eu entraria de carro*

isso levar-me-ia ao autocarro público

isso levar-me-ia para casa.

Eu pensei que tinha a mim mesma.

*Qualquer um poderia ver que eu estava a chorar,
mas ninguém no carro se atreveu a me perguntar.*

*Eu não percebi que estava a tremer no cyber café
até que o homem*

sentado ao meu lado virou-se para olhar

*para minhas mãos e disse, desculpe, e eu balancei a cabeça
lentamente.*

Alguns de nós precisaremos

*que outras pessoas nos digam que estamos a tremer,
para nos lembrar de recuperar os nossos corpos.*

Alguns de nós nunca recuperaremos os

*nossos corpos, alguns encontrarão, alguns serão
encontrados.*

Teremos que ficar em silêncio

*para nos ouvir andando conversando
e depois ficar de mau humor.*

*Alguns permanecerão nas suas casas,
outros serão perdidos para o exterior.*

Caminhando no lugar da
princesa enquanto ela se
prepara para o Desfile de
Pretória



CARL COLLISON

FOTO ESSSim

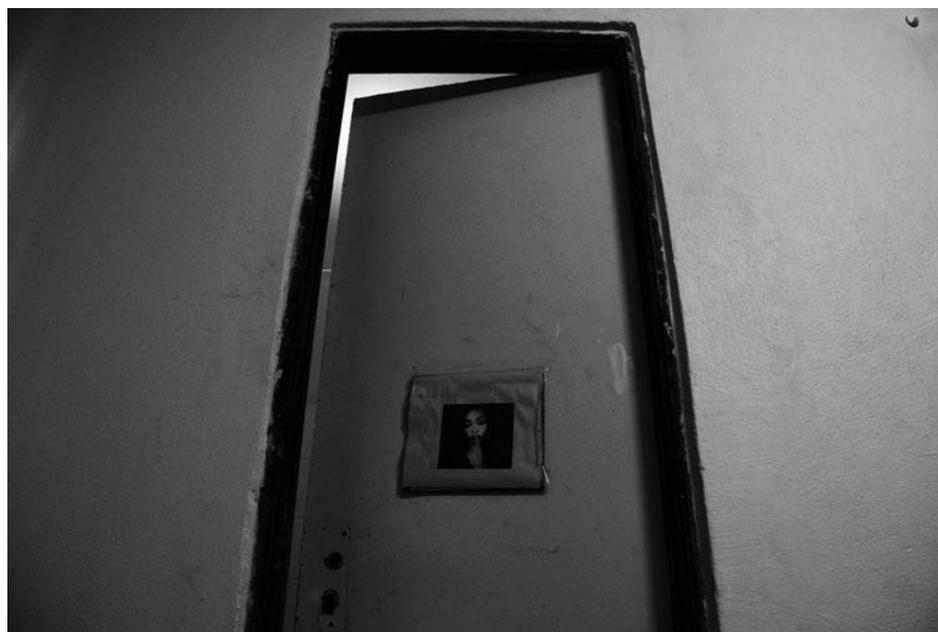


ACIMA: Saltos e cura: Originária de Limpopo, Princess mudou-se para Pretória em 2011 para estudar produção de roupas. Ela agora trabalha como educadora de pares no Wits Reproductive Health and HIV Institute.

PARTE SUPERIOR OPOSTA: Virada para cima: A sua rotina diária de maquiagem leva “pelo menos 35 a 40 minutos” para ser concluída. “Mas hoje farei isso em 15 minutos, porque temos que correr”, ela ri.

como parte daquele show. Havia duas grandes fotos minhas. Foi incrível ver-me naquelas paredes da galeria. Incrível.”

FUNDO OPOSTO: Beleza corajosa: A única foto no quarto da Princesa é uma que ela tirou de si mesma. “Eu adoro fotos minhas”, Princess sorri. “Estive na Cidade do Cabo na semana passada para a abertura da exposição de Zanele Muholi, Brave Beauties. Ela fotografou-me





Somos uma família: No táxi para Pretória Pride, Princess e outra educadora de pares, Kinnah van Staden, partilham uma risada. “Temos um vínculo muito forte”, diz ela sobre o seu relacionamento com os colegas. “Somos irmãs agora. Nós nos chamamos de família.”



Saúde em movimento: Princess e o restante da equipa do Wits Reproductive Health and HIV Institute decoram a clínica móvel.



Contentamento: “Fazer isso é algo que eu realmente gosto. Eu adoro ajudar as pessoas. É algo produtivo o que você está a fazer”, diz Princess.



Quórum Queer: Para a Princesa, o Orgulho “une as pessoas. Pessoas de culturas diferentes... estamos todos aqui apenas para celebrar a comunidade queer”, diz ela.



Desvendando a conscientização: Princesa e uma de suas companheiras preparam o mirante, de onde fazem a conscientização sobre os serviços oferecidos pelo instituto.



Uma mulher transexual alta e ágil, com traços delicados, Princess pode não se encaixar na imagem arquetípica de uma enfermeira. Mas, como educadora de pares, ela é, até certo ponto, uma profissional de saúde.

Assentamentos Humanos



TSHEPISO MABULA KA
NDNGENI

FOTO ESSSim







Afogamento



THANDOKUHLE MNGQIBISA

FOTO ESSSim



“A perversão não é minha”

*Mulheres queer africanas e pessoas
que não se conformam com o gênero
encontram liberdade sexual no
Sadismo*

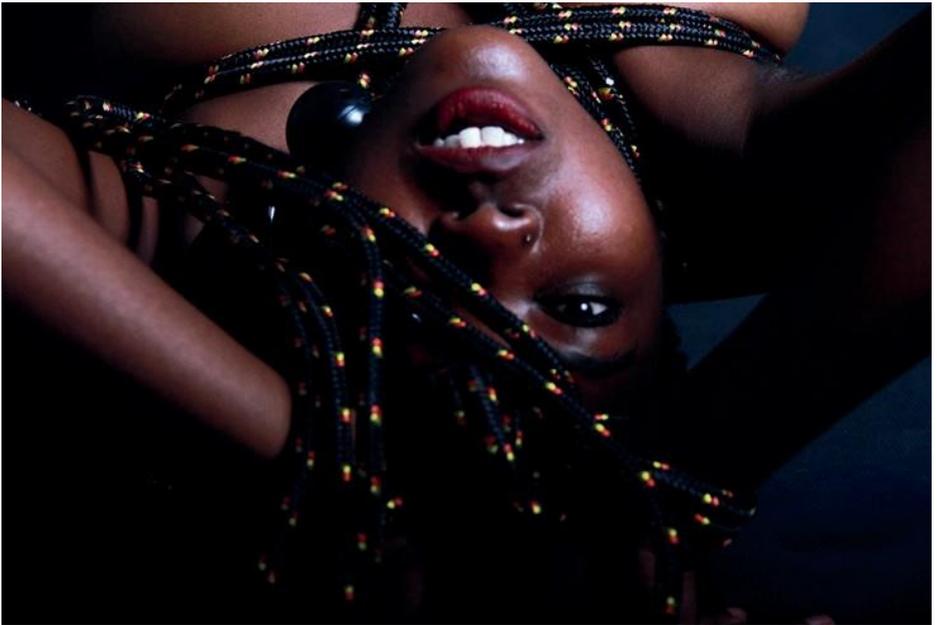


SIPHUMEZE KHUND AYIE
TIFFANY MUGO

FOTO ESSSim















Biografias



ISAAC OTIDI AMUKE

Isaac Otidi Amuke vive e escreve em Nairobi, Quênia. A sua reportagem/não ficção apareceu no Kwani, no blog Commonwealth Writers, no Wasafiri, no World Policy Institute, na Adda Stories, na New African Magazine e no Chimurenga Chronic. Ele contribuiu com o título de *Safe House: Explorations in Creative Nonfiction* (Dundurn/Cassava Republic 2016), uma antologia de não-ficção de África editada por Ellah Wakatama Allfrey. Recebeu a bolsa Jean Jacques Rousseau 2013 da Academia Schloss Solitude em Stuttgart, Alemanha, e foi finalista do prêmio CNN Multichoice de Jornalista Africano do Ano de 2016, onde recebeu o prêmio Highly Commended Features.



JACO BARNARD-NAUDE

Jaco Barnard-Naude é professor de Direito Privado na Faculdade de Direito da Universidade da Cidade do Cabo. Ele também é um poeta publicado e crítico literário.



JAYNE BAULING

Os romances YA de Jayne Bauling ganharam vários prêmios literários, e dois deles foram aprovados como obras de ensino médio pelo DBE. *Dreaming of Light* também foi escolhido para a Lista de Honra do IBBY de 2014. Seus contos para adultos e jovens foram publicados em várias antologias e foram selecionados duas vezes para o Commonwealth Short Prêmio História. Ex-joanesburgo, ela agora mora em White River, na província de Mpumalanga.

Twitter: @JayneBauling Facebook: Jayne Bauling Escritor

<https://www.facebook.com/Jayne-Bauling-Wescritor-165514616870712/>



EFEMIA CHELA

Efémia Chela foinasceu em 1991 e é zambiano-Escritor, crítico literário e editor ganense. A sua primeira história publicada, 'Chicken', foi nomeada para o Prémio Caine de Escrita Africana de 2014. Os contos e poemas subsequentes de Efemia foram publicados em lugares como TOKEN, Short.Sharp.

Histórias: somente adultos, Passagens Novo Internacionalista, Wasafiri e PEN: África. Efemia co-editou a coleção Short Story Day Africa de 2016, Migrations. Atualmente é editora francófona e colaboradora da The Johannesburg Review of Books e escritora residente de Mellon na Universidade de Rhodes.



CARL COLLISON

Carl Collison é Rainbow Fellow da Other Foundation no Mail & Guardian. Contribuiu para uma série de publicações locais e internacionais, cobrindo questões de justiça social, bem como arte, e está empenhado em defender e promover os direitos humanos da comunidade LGBTI na África Austral.



PWAANGULONGII DAUOD

Pwaangulongii Dauod é o ex-diretor criativa da Ilmihouse – uma casa de arte em Kaduna, Nigéria – e é bolsista da Colônia MacDowell em 2016. Actualmente está a trabalhar em dois livros – uma colecção de ensaios intitulada *O futuro de África não tem espaço para homens negros estúpidos* e um romance.



PIERRE DE VOS

Pierre de Vos é Presidente da Fundação Claude Leon em Governança Constitucional na Faculdade de Direito da Universidade da Cidade do Cabo. Ele escreve um blog popular, *Constitutionally Speaking*, e comenta na mídia sobre questões constitucionais e sociais.

CHIKÉ FRANKIE EDOZIEN

Crescendo em Lagos, na Nigéria, Chiké Frankie Edozien aprendeu a ler os jornais que seu pai trazia para casa diariamente. Ele cresceu e se tornou um rabiscador de manchas de tinta, contando histórias de outras pessoas a serviço de um bem maior. Ele é um colaborador da antologia *Commonwealth Writers* de 2016, *Safe House: explorações em não-ficção criativa* em 2017 o seu 'Last night in Asaba' foi publicado pela Jalada Africa/Transitions. Ele é o autor de *Lives of Great Men: Living & Loving as an African Gay Man* (Team Angelica).





KIPROP KIMUTAI

Kiprop Kimutai é um escritor queniano cuja ficção foi publicada pela Kwani? Trust, Jalada, Painted Bride Quarterly, No Tokens, Acre Books, Caine Prize e Farafina. Ele participou de workshops de redação de primeira linha, como o Workshop do Prêmio Caine em 2015 e o Workshop Farafina em 2013. Em 2017, foi convidado como palestrante do Franschhoek

Festival Literário e Feira do Livro FNS na África do Sul, e também foiselecionado para a bolsa Miles Morland. Ele atuou como editor da antologia *Walking the Tightrope: Poetry and Prose*, de escritores LGBTQ da África, que arquivou as realidades vividas, desafios, sonhos, personalidade e experiências de africanos queer por meio de versos poéticos. A antologia foi publicada pela Lethe Press em 2016. Atualmente ele está trabalhando em seu primeiro romance, *The Bantam Chicken Project*.



BEM-VINDO LISHIVHA

Bem-vindo Lishivha é atualmente jornalista de viagens da revista *Getaway*. Ele completou seus estudos de graduação na Universidade de Witwatersrand e depois completou seu mestrado em Jornalismo e Estudos de Mídia na Universidade de Rhodes. Tendo aprendido recentemente a andar de bicicleta e a nadar, pode-se dizer que ele está em busca de recuperar a infância que ele passou principalmente dentro de casa assistindo Oprah. Seus interesses incluem teoria queer, culinária, literatura e conhecer pessoas.



SARAH LUBALA

Sarah Lubala é uma escritora sul-africana nascida no Congo. Ela adora chá, cochilar e os sonetos de amor de Pablo Neruda (nessa ordem). Sua poesia apareceu em Prufrock, Brittle Paper, The Missing Slate e será publicada em Apogee (Perigree).



TSHEPISO MABULA KA NDNGENI

Tshepiso Mabula é um jovem fotógrafo e escritornascido no distrito de Lephalale, em Limpopo, África do Sul. O interesse de Mabula pela fotografia despertou quando, durante uma visita a um membro da família em 2012, ela encontrou o livro fotográfico Bloemhof do premiado fotógrafo sul-africano Santu Mofokeng. Mabula explora as pequenas coisas através da fotografia:

expondo a humanidade em ambientes de oposição, caóticos ou até chatos. Ela captura a dignidade das pessoas comuns, muito distantes das atmosferas glamorosas ou ideais da fotografia de alto perfil. Tshepiso é uma contadora de histórias que acredita que a sua vocação é produzir um trabalho que promova a equidade e a unidade social e que procure corrigir as injustiças que existem na nossa cultura cotidiana. Para ela, justiça social significa ser capaz de abraçar as nossas semelhanças como povo, ao mesmo tempo que trabalhamos para a criação de uma sociedade onde todos possam viver livremente e sem preconceitos. Tshepiso é uma observadora visual da vida bantu, membro do movimento contra a política neoliberal stokvel, uma inconformista e nativa do município que trabalha para possuir seu primeiro conjunto completo de pratos Tupperware.



DAVID MEDALIE

David Medalie é um premiado contista, romancista e antologista. Publicou duas coletâneas de contos, um romance e editou duas antologias de contos sul-africanos. Ele ensina literatura e redação criativa no Departamento de Inglês da Universidade de Pretória. Ele mora em Joanesburgo.



THANDOKUHLE MNGQIBISA

Thandokuhle Mngqibisa é médica, poetisa publicada internacionalmente e facilitadora com foco em questões relacionadas às mulheres. Ela é professora da Academia de Poesia Mzansi – a primeira

deste tipo na África do Sul – e um activista pela igualdade de género. Em 2016 ela publicou um livrinho chamado Four Stitches. Ela pretende publicar uma coleção completa de poesia em 2017/2018. A fotografia de Thandokuhle que aparece nesta antologia foi tirada em colaboração com Sibongiseni Mngqibisa.



SIPHUMEZE KHUNDAYI & TIFFANY MUGO

Siphumeze Khundayi (SA) e Tiffany Mugo (Quênia) comandam a HOLAÁfrica! uma plataforma digital queer mulherista africana que trata de questões de sexo e sexualidade no que se refere à mulher africana.

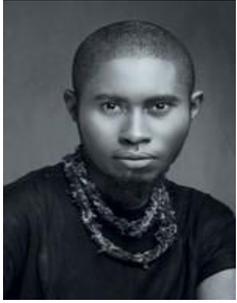
O trabalho da HOLAÁfrica! concentra-se no arquivamento de histórias, na produção de conhecimento, na construção de comunidades digitais e na criação de espaços que lidam com sexo seguro e prazer. Tiffany, a curadora, é consultora de mídia e redatora de opiniões que pontifica sobre todas as questões de política e sexo. Siphumeze, a diretora artística, é uma criadora de teatro, fotógrafa e facilitadora cujo trabalho gira em torno de gênero e identidade sexual.



NICK HADIKWA MWALUKO

Trans, queer, não-binário, gênero queer, gênero foda, não-conformidade de gênero, poeta-dramaturgo-ficção-ensaísta Nick Mwaluko: As peças incluem: 37, ESTRELA: Marsha P. Johnson; 2 trilogias queer africanas Waafrika e Waafrika 123; QTPOC trans masculino S/He: ELES/ELES; apocalipse estranho Sem-teto no

Vida após a morte; Projeto para uma Lésbica Africana; S/Herói; Mamãe África; Queer Macbeth; Para Dique Trans; Gayze e muito mais. Nick é um doisrecebedor temporário do Fundo de Criatividade do Public Theatre e da Time Warner; um beneficiário da primavera de 2017 de uma bolsa TBA Individual Artist Cash. Nick se formou Magna Cum Laude na Columbia University, MFA também na Columbia University como Point Scholar, o maior fundo de bolsas LGBTQIA, e Columbia University Fellowship.



CHIBŪHÈ OBI

Os escritos de Chibūhè Obi foram publicados ou serão publicados em *Brittle Paper*, *Expound Magazine*, *Praxis*, *Kalahari Review*, *14: An Anthology of Queer Art*, *Mounting the Moon*, entre outros. Ele é o vencedor do *Brittle Paper Anniversary Award*, do *Babishai Niwe Haiku Prize* e foi indicado ao *Pushcart Prize 2016*.



HAPUYA ONONIME

Hapuya Ononime é uma escritora nigeriana cujos trabalhos foram publicados na *Threepenny Review*, *Commonwealth Writers*, *The Cincinnati Review*, *vSalamandra* revista, revista *Transition*, revista *Ambit* e na revista *Rumina*

'As frases que você encontrará nestas páginas não têm medo. Eles passam do brutal e sangrento ao melódico e lírico. Eles são crocantes e controlados e, de repente, derretem; docemente, sedutoramente. Esta coleção é estranha e é carvão e poeira e é diamantes e por isso é africano.'

– SISONke MSIMANG

A segunda oferta da Antologia de Gerald Kraak, *As You Like It*, é uma coleção das inscrições selecionadas enviadas para o prêmio. Apresenta algumas das mais provocativas obras de ficção, poesia, jornalismo, fotografia e escrita acadêmica criadas por aliados da comunidade LGBTQI+ – todos ferozes defensores dos direitos humanos. A existência desta antologia é um ato de protesto, afirmação e amor pelos afromodenistas queer em todo o mundo.

Nestas páginas você encontrará prazer – celebre-o. Você encontrará algum alívio e força – continue. Você encontrará sua humanidade – viva-a. Você será movido a se importar – faça alguma coisa.

O Prêmio Gerald Kraak é uma iniciativa conjunta entre a The Other Foundation e a Fundação Literária Jacana.

